

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO (UEMA)
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS (CCSA)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CARTOGRAFIA SOCIAL E POLÍTICA
DA AMAZÔNIA (PPGCSPA)

EDILSON DE JESUS SÁ

**IDENTIDADE, TRADIÇÃO E MOBILIZAÇÃO NO ENCONTRO DE CARROS DE
BOI DE CURURUPU**

São Luís
2022

EDILSON DE JESUS SÁ

**IDENTIDADE, TRADIÇÃO E MOBILIZAÇÃO NO ENCONTRO DE CARROS DE
BOI DE CURURUPU**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia – PPGCSPA/Centro de Ciências Sociais e Aplicadas da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito para obtenção do título de Mestre em Cartografia Social e Política da Amazônia.

Linha de Pesquisa do Programa: Narrativa, memória e identidades coletivas na Amazônia
Orientador: Profa. Dra. Arydimar Vasconcelos Gayoso

São Luís
2022

Sá, Edilson Jesus de.

Identidade, tradição e mobilização no encontro de carros de boi de Cururupu/ Edilson de Jesus Sá. – São Luís, 2022.

152 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia, Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientadora: Profa. Dra. Arydimar Vasconcelos Gayoso.

1.Carro de boi. 2.Festa. 3.Tradição. 4.Mobilização. 5.Identidade I.Título.

CDU: 316.7:39(812.1)

EDILSON DE JESUS SÁ

**IDENTIDADE, TRADIÇÃO E MOBILIZAÇÃO NO ENCONTRO DE CARROS DE
BOI DE CURURUPU**

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia – PPGCSPA/Centro de Ciências Sociais e Aplicadas da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para obtenção do título de Mestre em Cartografia Social e Política da Amazônia.

Aprovada em: / / .

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Aridymar Vasconcelos Gayoso (Orientadora)
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Prof.^a Dr.^a Helciane de Fátima Abreu Araújo (Examinadora Interna)
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Prof.^a Dr.^a Madian de Jesus Frazão Pereira (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Dedico esta Dissertação aos carreiros de Cururupu

AGRADECIMENTOS

Aos que vieram antes e aos que virão depois de mim.

Aos meus pais biológicos Wilsa Joana de Sá e Orlando Sá (*in memoriam*).

Aos pais adotivos Maria José Sá Costa e José Costa (*in memoriam*), vidas que se foram.

Aos meus filhos Emily Karine Ferreira Sá e Andrew Nicholas Ferreira Sá, vidas que seguem em suas caminhadas.

À minha amada irmã, Alice. E aos irmãos, também amados: Claudionor Bispo, Luís da Paz, Domingos da Paz, Francisco Paulo, João da Cruz, Isidio de Jesus e Orlandilson de Sá.

A minha orientadora, Arydimar Vasconcelos Gayoso, pelos ensinamentos e cuidado nessa minha jornada.

Ao Programa de Pós-graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia/UEMA e todo o corpo docente, em especial Prof. Alfredo, que tentava me fazer sorrir nas horas certas. Às Profas. Rosa Acevedo e Helciane pelas dicas preciosas.

Aos colegas de turma: Gabriel - nossa enciclopédia, Raquel - uma amiga inspiradora e caroneira boa de resenha, Amanda - uma assumidade, Pedro - atrasado, mas, presente, Kelda - a notável, Ariele - sempre atenciosa, Wellington - um irmão, Ana Paula - a bruxinha doutora, Gárdina - vivaz colega, Alessânia - mestra em antropologia, Maria Raimunda - uma dose gigantesca de ancestralidade, Anderson - sempre atento, Iguatemy - outro irmão, Valdecy - meu professor, Taiguara - nobre colega, Dimitria - espontaneidade e inteligência, Nataly - a ousadia do pensamento crítico e Felipe - competente guerrilheiro. Agradeço pela honra em dividir o mesmo espaço e sentar ao lado de tod@s.

A seu Florinaldo, Edinho, Gêibel

Aos que acreditaram incentivando com sua amizade.

Aos que entenderam o desaparecimento.

E aos que ficaram admirados por ter chegado até aqui, já aviso que vou arriscar um pouco mais...

Que vontade eu tenho de sair
Num carro de boi ir por aí
Estrada de terra que
Só me leva, só me leva
Nunca mais me traz
Que vontade de não mais voltar
Quantas coisas eu vou conhecer
Pés no chão e os olhos vão
Procurar, onde foi
Que eu me perdi
Num carro de boi ir por aí
Ir numa viagem que só traz
Barro, pedra, pó e nunca mais

Carro de Boi – Milton Nascimento

RESUMO

O carro de boi é uma carroça com grandes rodas de madeira puxada por dois bois. Simplicidade e rusticidade, que podem deixar passar despercebido o trabalho dos *carreiros* - seu condutor -, os saberes e fazeres. Em 2009 aconteceu o primeiro Encontro de Carros de Boi de Cururupu-MA. Festa que mobiliza, além dos *carreiros*, lideranças comunitárias e outros agentes com a proposta de salvaguardar essa tradição. Esta pesquisa objetiva descrever e analisar o **Encontro de Carros de Boi de Cururupu** e o modo de vida dos *carreiros*. Está baseada em três eixos: a descrição da festa e a sua ritualística, que inicia com a missa afro e encerra com a entrega de certificados na Praça de São Benedito; a mobilização dos agentes sociais em torno da organização do evento, com destaque para os *carreiros* e as comunidades rurais tradicionais e quilombolas e a ratificação da identidade do *carreiro*. Estabelecendo um contraponto em face à restrição de circulação pela possibilidade de quebrar o asfalto e o estigma de ser considerado ultrapassado; e, por fim, a relação dos *carreiros* com seus animais, uma relação de trabalho, parceria e de afeto. Questões analisadas a partir entrevistas gravadas, observação de campo da última edição, em 2019 como pesquisador, restringidas em função do quadro pandêmico, complementadas com dados de mídias sociais, entrevistas por telefone e conversas via aplicativo de mensagens (WhatsApp), assim como, vídeos e reportagens postadas no YouTube por pessoas da comunidade em canais desta rede. Como resultados, percebeu-se o processo de ressignificação do *carreiro*, associando ao trabalho de condutor do carro de boi à referência cultural local e seu reconhecimento enquanto ofício. Processo desencadeado a partir da mobilização tendo o Encontro como a principal estratégia. Por último, a relação entre o *carreiro* e seus animais e suas peculiaridades. Para alguns, membros da família, confiáveis parceiros de trabalho e, que a partir do manejo e da *adoma* aproxima humano e animal de forma própria. E que tem na criação de nomes frásicos, uma junção de metáforas, ironias e sendo de humor.

Palavras-chave: carro de boi, festa, tradição, mobilização, identidade.

ABSTRACT

The ox cart is a cart with large wooden wheels pulled by two oxen. Simplicity and rusticity, which can let go unnoticed the work of the *carreiros* - its driver -, the knowledge and doings. In 2009 the first Meeting of Ox Carriages of Cururupu-MA took place. A festival that mobilizes, besides the *carreiros*, community leaders and other agents with the proposal of safeguarding this tradition. This research aims to describe and analyze the Cururupu ox cart meeting and the way of life of the *carreiros*. It is based on three axes: the description of the party and its ritualistic, which begins with the afro mass and ends with the delivery of certificates in the São Benedito Square; the mobilization of social agents around the organization of the event, with emphasis on the *carreiros* and the traditional rural and quilombola communities and the ratification of the identity of the *carreiro*. Establishing a counterpoint in face of the restriction of circulation by the possibility of breaking the asphalt and the stigma of being considered outdated; and, finally, the relationship of the *carreiros* with their animals, a relationship of work, partnership and affection. Issues analyzed from recorded interviews, field observation of the last edition, in 2019 as a researcher, restricted due to the pandemic picture, which were complemented with data from social media, phone interviews and conversations via messaging application (WhatsApp), as well as, videos and reports posted on YouTube by people from the community in channels of this network. As a result, the process of re-signifying the *carreiro* was perceived, associating the work of ox cart driver to the local cultural reference and its recognition as a craft. The process was triggered from the mobilization having the Meeting as the main strategy. Finally, the relationship between the *carreiro* and his animals and their peculiarities. For some, family members, reliable work partners, and that, from the management and the *adoma*, brings human and animal together in their own way. And that has in the creation of phraseical names, a junction of metaphors, ironies and humor.

Keywords: ox cart, party, tradition, mobilization, identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 –	Movimentação na Praça Siqueira Campos.....	16
Imagem 2 –	Integrantes da Comunidades de Rio de Pedras com sua bandeira.....	23
Imagem 3 –	Lei nº: 386, de reconhecimento da ARQUICORPA como utilidade pública.....	24
Imagem 4 –	Carreiro e seu carro de boi em fila.....	43
Imagem 5 –	Vista aérea da Praça de São Benedito.....	50
Imagem 6 –	Igreja de São Benedito.....	53
Imagem 7 –	Integrantes do GCNC durante a missa afro com os instrumentos musicais emprestados pelo bloco.....	54
Imagem 8 –	Altar da igreja ornamentado com elementos locais (tucum, cachos de babaçu, tecidos coloridos, além do banner do encontro e a bandeira de Cururupu)	55
Imagem 9 –	Entrada das pessoas no início da missa na igreja de São Benedito.....	56
Imagem 10 –	Vista lateral da Feira do Produtor.....	60
Imagem 11 –	Caixas d’água dentro do terreno ao lado da casa de S. Félix....	63
Imagem 12 –	Moradores e brincantes do tambor de crioula e carreiros aguardando o café da manhã ser servido em frente à casa de farinha.....	63
Imagem 13 –	Imagem de N. Sra. de Nazaré no centro da mesa do café da manhã na comunidade de Areia Branca.....	65
Imagem 14 –	Momento em que inicia a benção após a apresentação do tambor de crioula e antes do café ser oferecido aos presentes.	66
Imagem 15 –	Carreiros e comunidades se servindo.....	67
Imagem 16 –	Carreiros e comunidade se alimentam em frente a casa de farinha.....	67
Imagem 17 –	Grupo de cavaleiros Mandela.....	72
Imagem 18 –	Brincantes do tambor de crioula passando em frente ao palco.	72
Imagem 19 –	Certificados do VII Encontro de Carros de Boi.....	89
Imagem 20 –	Certificado do XI Encontro de Carros de Boi.....	90

Imagem 21 – Convite elaborado pela Comunidade de Rio de Pedras.....	91
Imagem 22 – Cartaz do V Encontros de Carros de Boi de Cururupu.....	92
Imagem 23 – Cartaz do VI Encontros de Carros de Boi de Cururupu.....	93
Imagem 24 – Carreiro e seu animais.....	115

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Lista de temas e subtemas do encontro de carro de boi de Cururupu. Elaboração própria.	91
Tabela 2 –	Lista de nomes de carro de boi que participaram em uma das edições do Encontro de Carros de Boi de Cururupu. Elaboração própria.	121

LISTA DE SIGLAS

ARQUICORPA - Associação dos Remanescentes de Quilombo da Comunidade de Rio de Pedras e Adjacências

INC - Instituto Negro Cosme

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEMA - Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 Algumas referências sobre o carro de boi	18
1.2 Informações gerais sobre Cururupu	20
1.3 Os <i>frenteiros</i> do encontro	21
1.4 Comunidade de Rio de Pedras	22
1.5 Instituto Negro Cosme	25
1.6 Comunidades da Areia Branca	26
1.7 A construção do objeto	29
1.8 O ponto de partida	34
1.9 “Novas” relações de pesquisa	35
2 FESTA, ENCONTRO E TRADIÇÃO	43
2.1 Sobre o Encontro de Carros de Boi - discussões iniciais	45
2.2 O Encontro de Carros de Boi	50
2.3 Abertura do Encontro – a missa	52
2.4.1 A festa na praça inicia (2019)	60
2.5 A concentração na Pitombeira	61
2.6 A Saída do Desfile	68
2.7 Encontro de Carros de Boi de Cururupu	68
2.8 A chegada a Praça Siqueira Campos - o ponto alto da festa	70
2.9 O ápice do Encontro	71
2.10 Sobre os rituais presentes no encontro de carros de boi	74
3 IDENTIDADE E MOBILIZAÇÃO POLÍTICA	80
3.1 Mobilizar para Fortalecer	81
3.1.1 Mobilização através da mídia	85
3.2 Certificados, Convites - Outras Estratégias de Mobilização	88
3.3 O Carreiro Não é Só Carreiro	95
3.4 O Carreiro e Algumas Questões	99
3.5 Carrear - Um Ofício	102
3.6 Dissensos	104
3.7 Ser ou não ser tradicional	108
4 DANDO NOME AOS BOIS	112

4.1 Os carreiro e seus animais.....	115
4.2 Como os Carreiros Constroem os Nomes dos Bois?.....	123
4.3 Os nomes dos bois: metáforas, ironias e senso de humor	126
4.4 Adoma (doma) ou adestramento	132
4.5 Carro de Boi, um Investimento.....	135
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS	145

1 INTRODUÇÃO

Festejar é uma das atividades humanas que provavelmente nos acompanha há muito tempo. Celebramos, reivindicamos, ritualizamos, choramos, tentamos dar ou apartar algum sentido. As festas trazem consigo um pouco de nossas complexidades. Sempre ambíguas, o religioso e o profano, se misturam, convivem e medem forças. As religiosas de origem, acontecem em diferentes situações, no grupo social mais restrito ou em suntuosos templos. Existem ainda as que misturam sagrado e profano como o carnaval, as festas juninas, entre tantas outras. Sem esquecer as familiares, as corporativas, ou mesmo, um encontro de carros de boi em algum lugar no litoral nordestino brasileiro. Todas celebram, mediam, conflitam, em geral, tudo simultâneo.



Imagem 1: Movimentação na Praça Siqueira Campos. Fonte: Arquivo pessoal. Data: Novembro 2019.

Par e passo, estão os rituais. Parte constituinte das festas ou o contrário. Será que existe festa sem algum tipo de ritual, o mais “simples” que seja? Presente em todos os lugares, na religião - sacralizando e intermediando com outros planos - não importa qual seja. Na política - em cerimônias, apresentações, às vezes, até criando messias salvadores da pátria. Na academia, quando da colação de grau ou na defesa de uma dissertação. Por fim, no judiciário, referendando que decide e quem

tem que acatar, subjazendo, muitas vezes a verdade ou a inocência. Os rituais são um misto de singularidades.

Sobre a festa, ao fim e ao cabo, o “Encontro de Carros de Boi” é uma. A oportunidade em que os carreiros se reúnem e se apresentam para a sua comunidade, numa confrontação simbólica reivindicando o direito de estar ali e ser reconhecido e poder apresentar questões que talvez não fossem percebidas anteriormente.

Importa considerar a pertinência deste estudo quando se observa o carro de boi de Cururupu na perspectiva de referência cultural local, a quantidade de carreiros que existem na região, assim como, os conhecimentos necessários para a realização de trabalho. Ao mesmo tempo, há pouca importância, muito atrelada a ideia de meio de transporte fora de seu tempo e do que se espera de eficiente quando se compara com a velocidade e capacidade de transporte de automóveis e caminhões, além do risco de acidentes. Por outro lado, a bandeira do carro de boi e dos carreiros e a “salvaguarda” da cultura local, com as implicações que incorrem, mobilizou corações e mentes nesse aparente processo de fortalecimento, reunindo lideranças, comunidades e instituições.

Em vista disso, o escopo principal desta pesquisa é descrever o Encontro de Carros de Boi de Cururupu e aspectos do modo de vida dos carreiros. Para isso pretende-se, analisar as estratégias de mobilização na realização do Encontro de Carros de Boi que ensejou uma maior participação dos carreiros e os processos desencadeados nesse percurso. E, finalmente, compreender a relação dos carreiros com seus animais, em primeira análise peculiar com explícitas demonstrações de afeto pelos animais que tracionam os carros.

Isso posto, urge investigar: qual a necessidade da realização do Encontro? O que encoraja os carreiros, as lideranças comunitárias e políticas a participar dessa festa? Buscam melhorias, quais e para quem? Como se deu a organização do Encontro e o que foi alcançado? Sobre o carreiro e seus animais: Como é esta relação? E, por último, qual o cenário depois de mais de uma dezena de Encontros realizados?

Para isso dividimos esse trabalho em três capítulos: A primeira, inserida na dimensão cultural, é uma descrição da festa em si. Da abertura com a Missa Afro, passando pelas concentrações, à saída do desfile, o encontro dos dois grupos e a

continuidade até a parte final no mesmo local onde tudo começou, o ponto principal do Encontro.

A segunda, analisamos vários pontos sobre a identidade dos carreiros e como de seu o processo de mobilização para a realização do Encontro. Assim sendo, descreve-se como essa dinâmica ocorreu entre os carreiros, a partir dos certificados, convites, etc, e através dos meios de comunicação. Nesse mesmo bojo, pondera-se sobre a identidade do carreiro e sua organização como trabalhador rural e o ofício de carrear. O que podemos caracterizar dentro do espectro da dimensão política do Encontro, ainda que não esteja restrita a esse capítulo.

No capítulo final, aproxima-se do campo dos afetos e a particular relação que os carreiros têm com seus animais, com destaque para a maneira como escolhem os nomes dos bois - e, por isso, a referência no título - que podem ter vários significados, alguns muitos particulares para o dono do animal, alguma história vivida, uma brincadeira. Por fim, tratamos de dois pontos importantes verificados durante esse percurso: a *adoma* ou adestramento e o aporte financeiro necessário para a aquisição do carro de boi e dos animais.

Seguimos na parte introdutória da pesquisa apresentando alguns tópicos necessários para melhor compreensão das discussões propostas. Em sequência: os *frenteiros* (leia-se: que toma a frente) do Encontro; a explanação sobre a construção e a minha relação com o objeto de pesquisa; como a ideia do Encontro surgiu; por último, uma descrição sobre a pesquisa, especialmente a coleta de informações.

1.1 Algumas referências sobre o carro de boi

O carro de boi, apesar de muitos não conhecerem esse meio de transporte, historicamente acompanha o trabalho humano, como explica o professor de geografia, historiador e etnógrafo sergipano, Bernardino Souza¹ (1958, p. 48), em seu trabalho de fôlego sobre o carro de boi pelo Brasil na década de 40 e 50.

¹ Bernardino José de Souza (Sergipe) Ciclo do Carro de Bois no Brasil. Quiloliborum. Disponível em: <http://philolibrorum.blogspot.com/2011/06/bernardino-jose-de-souza-sergipe-ciclo.html>. Acesso em: 15/01/2022.

Há, com efeito, vestígios inequívocos da existência de carros de boi cerca de 5500 anos antes de Cristo; documentos escritos de 4000 anos a. C. referem o uso do carro em toda a Ásia, das ourelas do mar Mediterrâneo às praias do oceano Pacífico, do Egito à China, com aplicações nas artes da paz e da guerra.

Em Cururupu, ou talvez na região, porque a incidência ou utilização desse meio de transporte não se restringe aos limites oficiais do município, predomina a ideia de que o carro chegou pelos portugueses quando da edificação das primeiras construções e se mantiveram até hoje, fundamento histórico usado de forma recorrente pelas lideranças e carreiros também. Presença que propiciou a criação do Encontro de Carros de Boi de Cururupu, o objeto principal desta pesquisa.

O carro de boi é uma carroça de madeira, as rodas, que podem chegar a mais de um metro de diâmetro, são reforçadas com uma cinta de ferro para diminuir o seu desgaste causado pelo atrito com o chão, é puxada por dois bois. É comum passar ao lado da casa e observar que está atrás o local onde os animais e o carro ficam.

Uma de suas características mais marcantes é o seu canto melancólico e agudo, pode ser ouvido ao amanhecer ou no final da tarde, para um visitante, pode parecer estranho e causar curiosidade. Pelo menos, foram essas as sensações que tive quando por volta de 4 horas da manhã ouvi aquele som que não conseguia entender de onde vinha. Canto, como eles chamam, que permanece cruzando caminhos, despertando memórias e sentimentos.

Em linhas gerais, o Encontro de Carros de Boi de Cururupu é um evento anual que acontece desde 2008 que congrega carreiros de várias localidades em um desfile que culmina na Praça Siqueira Campos, também conhecida praça da igreja de São Benedito ou mesmo, Praça de São Benedito - é o ápice da festa. Já contou com a participação de quase vinte comunidades, entretanto, as que têm protagonismo são Rio de Pedras e Areia Branca. A primeira pelo controle e organização, e a segunda pelo número de carreiros que consegue mobilizar.

No segundo momento da festa, esses dois grupos de comunidades reúnem-se em um local diferente. Campo do Pascoal e Pitombeira, respectivamente. É servido um café matinal para todos os presentes, em seguida, formam uma grande fila indiana em direção ao outro ponto de encontro denominado Curió, e dali seguem em uma única fila até o ponto de encerramento, a qual é a Praça Siqueira Campos. Começa então, o ponto alto da festa, o momento de celebração aos carreiros que

participam do evento, onde são saudados e aplaudidos, um a um, recebem um certificado, fazem uma foto oficial e seguem até o final, enquanto são aplaudidos.

Como apresentado no resumo sobre a festa ou o encontro de carros de boi em suas dimensões e complexidades, pelas mais variadas questões, oportunizam muitas possibilidades, sobre essa ótica que “[...] tudo pode acontecer na cena festiva e, conseqüentemente, por atos de inversão e desafios à ordem estabelecida [...]”. (FERREIRA, 2013, p. 52). Se a festa pode ser um ato de reivindicação, protesto, posicionamento político ou celebração, de forma correlata, o carro de boi também adquire esse papel, conjunturalmente, acaba se tornando o vetor de todo esse engendramento.

1.2 Informações gerais sobre Cururupu

Apresentado um panorama inicial sobre o objeto, em seguida apresento o campo investigado. Sobre o município de Cururupu, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE², em seu último senso (2021), a população é de 32.559³ pessoas. E alçado à categoria de município com a denominação de Cururupu, pela Lei Provincial n.º 120, de 03/10/1841⁴, origem do nome segundo a instituição é apresentada em duas versões:

O local onde hoje se ergue a Cidade, foi habitado, primitivamente, pelos tupinambás, tendo com cacique “Cabelo de Velha”, apelidado de Cururupu, origem do nome da localidade. Entre 1816 e 1835, os indígenas, que escaparam ao massacre de Bento Maciel Parente, abandonaram a terra, pela impossibilidade de convivência pacífica. A partir daí, portugueses vindos de Guimarães, começaram a povoar a região, iniciando-se o ciclo das grandes fazendas, onde fabricavam-se farinha de mandioca, açúcar e aguardente de cana usando engenhos a vapor.

Com a finalidade de desvendar a origem deste nome, muitas investigações têm sido realizadas, existindo portanto, duas versões que tentam explicá-la. A primeira é conhecida lenda que diz ter o referido nome nascido da junção de Cururu, apelido do cacique Cabelo de Velha, com o som da arma que o matou, daí Cururupu; a segunda, sustenta que a vila tomou este nome de uma fazenda existente a margem esquerda do rio Cururupu, onde fundeavam

² Panorama. IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/cururupu/panorama>. Acesso em: 15/01/2022.

³ População. IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/cururupu.html>. Acesso em: 15/01/2022.

⁴ Histórico de Cururupu. IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/cururupu/historico>. Acesso em: 15/01/2022.

os barcos a vapor. Sabe-se, porém, que esse vocábulo é de origem indígena, significando na língua nativa “Cabelo de Velha”.⁵

A gênese do carro de boi está atrelada a tempos remotos e um importante avanço como de meio de transporte para as mais variadas possibilidades de acordo com Souza (1958, p. 53):

[...] o carro de duas rodas cheias, tirado por bovinos, remonta, no Velho Mundo, ao período neolítico ou idade da pedra polida, contemporâneo dos primórdios da agricultura e da pastorícia. [...] empregados no transporte de produtos da lavoura, de bagagens militares e até no das gentes, em suas lentas migrações de umas para outras terras.

Muito provavelmente, foi trazido pelos lusitanos, para otimizar o trabalho, dada a rusticidade e os terrenos em que seriam necessários o transporte, inclusive da produção, como novamente elucida Souza (1958, p. 103)

O carro de bois foi o primeiro veículo que rodou em terras do Brasil. Trouxeram-no os portugueses que de há séculos o utilizaram nos transportes de sua querida e boa Lusitânia: surgiu aqui na madrugada da nossa história, contemporâneo pelas primeiras tentativas sérias de posse, de povoamento e de colonização.

Chegaram para ajudar nas primeiras construções e nos antigos engenhos, um dos mais notórios são onde ficam as ruínas de um engenho de origem inglesa, mesma área onde fica a Comunidade Tradicional Aliança (SANTOS, 2019) ou Quilombo Aliança⁶.

1.3 Os *frenteiros* do encontro

Feitas as devidas referências ao local onde o encontro acontece, destaca-se uma categoria que apareceu no campo e ajuda a compreender as relações e as dinâmicas que organizam o encontro de carro de boi. Em Cururupu existe uma palavra que define quem é a pessoa responsável pela festa - o(a) *frenteiro(a)*, são pessoas que, como o termo parece associar, são de frente, que lideram a organização da festa

⁵ Histórico. IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/cururupu/historico>. Acesso em: 15/01/2022.

⁶ Em: O Quilombo Aliança, em Cururupu-MA, foi certificado como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares. **Nome Atribuído:** Quilombo Aliança. **Localização:** Cururupu-MA. **Processo FCP:** Processo nº 01420.001064/2005-62. Acesso em: 10/07/2022. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/cururupu-quilombo-alianca/#!/map=38329&loc=-1.8112084870767542,-44.85886318246697,17>

como foi descrito em entrevista por (CARVALHO, 2020), são a referência, que indica quem é o responsável. Aquele que toma à frente.

Essa ideia é tão arraigada culturalmente que mesmo o encontro tenha a participação de dois grupos principais e várias comunidades e suas respectivas lideranças, sempre a figura do frenteiro – Edson Garcia ou Edinho, a principal liderança da Comunidade de Rio de Pedras. Atualmente (2022), Maria de Nazaré ou Cotê, como é mais conhecida, que já dividia a coordenação do Edinho, agora tem a coordenação do encontro. Assumindo essa posição de *frenteira* da festa.

Nessa mesma categoria podemos considerar a Associação dos Remanescentes de Quilombo da Comunidade de Rio de Pedras e Adjacências – ARQUICORPA, o Instituto Negro Cosme - INC e as Comunidades da Areia Branca, como os grupos *frenteiros* do encontro, razão pela qual, serão devidamente apresentados.

1.4 Comunidade de Rio de Pedras

Relevante grupo, é responsável por boa parte da articulação, enquanto grupo é o de maior peso político. Segundo relato de sua principal liderança em entrevista, o Sr. Edson Garcia são aproximadamente, “50 de componentes, sem considerar os moradores da comunidade que dá nome ao grupo” (informação verbal)⁷. Dos que conheci, todos negros, se autointitulam remanescentes de quilombos, reclamando uma herança cultural, social e política de maneira atuante.

⁷ Informação verbal fornecida pelo Sr. Edson Garcia, em março de 2021.



Imagem 2: Integrantes da Comunidades de Rio de Pedras com sua bandeira. Fonte: Arquivo pessoal. Data: novembro 2019.

Atuação refletida na formalização da Associação de Remanescente de Quilombo da Comunidade de Rio de Pedras e Adjacências – ARQUICORPA, como descrita nas palavras do Sr. Edson Garcia.

A comunidade Rio de Pedra ela é uma entidade que foi fundada por membros desta comunidade, a princípio ela foi fundada só por negros da comunidade de Rio de Pedras com a finalidade de buscarmos para nós melhorias em todos sentidos, (incompreensível) estradas, comunicação e educação para os filhos e netos desta comunidade. (informação verbal)⁸

O grupo foi formalizado em 2007, um ano antes do primeiro encontro de carros de boi, demonstrando mobilização anterior contínua e não em função ou a partir da festa. Outra medida da atuação do grupo e suas lideranças é que em 2015 conseguiram o reconhecimento da Câmara Municipal, uma declaração de utilidade pública, reconhecendo os serviços prestados à sociedade local e mais uma expressão da articulação política.

⁸ Informação verbal fornecida pelo Sr. Edson Garcia, em março de 2021.

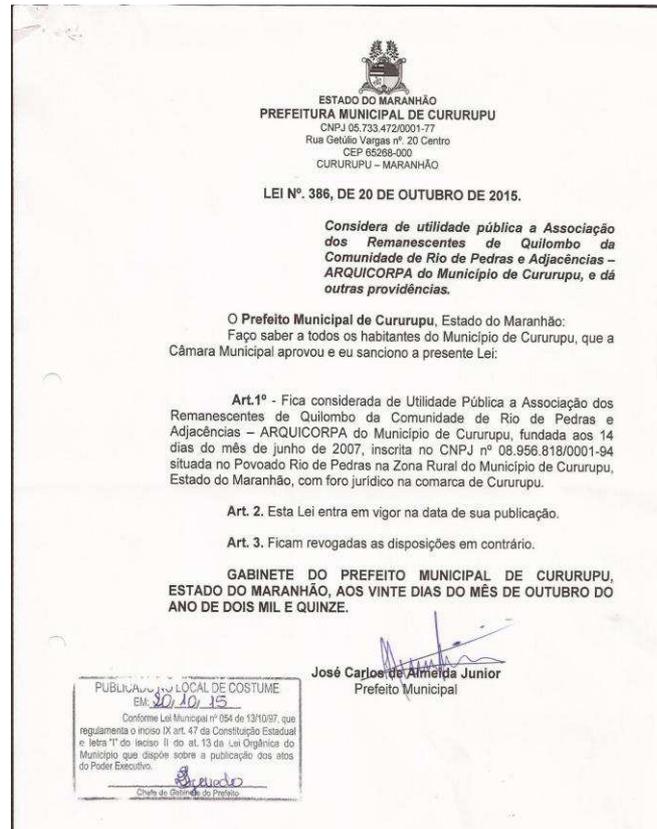


Imagem 3: Lei nº: 386, de reconhecimento da ARQUICORPA como utilidade pública. Imagem da Internet.

Outra evidência que corrobora esse reconhecimento é o trabalho no campo da cultura, a associação possui um tambor de crioula e um grupo de Tamborinho⁹, dança local que sempre participa anualmente do Encontro de Carros de Boi e em outras oportunidades, como atração cultural. É uma dança que, embalados por percussão, palmas e várias toadas, as mulheres em fila com indumentárias padronizadas dançam e cantam.

Ainda na categoria frenteiro, cabe destacar a liderança de Edson Garcia. Sargento da Polícia Militar aposentado, apresenta um programa em uma rádio local. Segundo relatos, em tempos que a delegacia local ficou sem titular, ele esteve à frente durante muito tempo. Também possui carro de boi, como ele mesmo diz “em umas terras” onde tem algumas cabeças de gado, roças e açudes. Quando o conheci em 2009, ele era o vice-presidente da associação, mas tinha voz forte nas decisões e o titular aguardava seu posicionamento para deliberar. Também tem forte articulação política em todas as gestões municipais, inclusive assumindo cargos na gestão.

⁹ Vídeo com um trecho de apresentação no Palácio das Festas, prédio tradicional local. <https://www.youtube.com/watch?v=8lpaAAwkmZA>

Em 2019, ano em que estive em campo na condição de pesquisador, o Sr. Edson Garcia estava na presidência da ARQUICORPA. Internamente sua influência é ainda maior. Recordo de uma reunião, quando a integrante da associação responsável pela lista de presença, organizou tudo, e como estavam distantes, ela fez com que o caderno da lista de frequência fosse de mão em mão para que ele fosse o primeiro a assinar. É uma pessoa com posição diferenciada em relação ao padrão de vida da cidade e sempre diz assumir muitas das despesas do encontro.

Se considerarmos uma hierarquia, Cotê, é a segunda pessoa e também pessoa de confiança do atual presidente, também atuante em várias frentes na cidade. Tem formação superior, participa de alguns conselhos na cidade como o de saúde. Atualmente trabalha no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA. Mais recentemente, em 2022, assumiu a Secretaria de Assistência Social do município. Destaco ainda sua forte ligação como praticante de religião de matriz africana e ativista de causas relativas à descendência africana.

1.5 Instituto Negro Cosme

O INC, foi criado em 2018, para atender um desejo de um grupo de parentes e amigos que gostariam de realizar algum tipo de “trabalho social” em Cururupu, sua cidade natal, entendendo que as pessoas precisavam ser cuidadas de alguma forma. Consoante com o que foi informado pelos integrantes do grupo quando comecei a participar, já haviam sido feitas doações de roupas usadas, livros, material didático. Todo objeto em bom estado e que estivesse em condições de uso era levado para as comunidades. Depois o grupo passou a acolher pessoas que vinham fazer exames e consultar em São Luís e não tinham lugar para passar o dia ou mesmo pernoitar. O que foi dando certa notoriedade localmente.

O grupo é formado, por norma, por pessoas com relação de parentesco e consanguinidade. Os gêmeos, José Luiz e Terezinha Carvalho, primos de Tânia e Natinho e Claudionor Carvalho. Outros integrantes, também cururupuense, são Euzinete Gomes, Milena Carvalho e Joilton Tobias, estes, primos em segundo grau. Outro integrante, central para o grupo, é Urubatan Nunes, amigo de longa data de José Luís e que teve a ideia de realizar o encontro.

Existe ainda essa mesma relação entre os dois grupos. Tânia Carvalho, já foi casada e tem dois filhos adultos com Edson Garcia, *frenteiro do carro de boi*. Esses são os casos mais conhecidos, mas existem outras relações menos próximas de nascidos em Cururupu que moram na Capital e participam do grupo.

Sobre meu vínculo com o grupo, morava na casa vizinha da família de Jose Luís e Terezinha, no bairro da Liberdade, em São Luís. Até mais do que isso, sempre existiu uma relação de afeto singular. Explicando rapidamente, D. Clair (mãe dos gêmeos), sempre contava que me “pegou” na maternidade Benedito Leite, seu local de trabalho e era parte da equipe que cuidou do meu nascimento, fui acolhido por essa família, especialmente depois do falecimento de minha mãe, nove meses após o meu nascimento, inclusive me chamava de filho.

Passados muitos anos, em 2009, fui fazer uma visita a D. Clair, que já morava em outro bairro da cidade e lá encontrei José Luis e Terezinha havia retornado para morar com sua genitora após longo período morando no Rio de Janeiro. Entre histórias e sorrisos recebi o convite para participar de um grupo que estava fazendo um trabalho em Cururupu, o que aceitei tranquilamente. Meses depois fiz minha primeira viagem para Cururupu.

Fazendo uma reflexão rápida. Hoje percebo, uma questão quase que messiânica parecida com a parábola que narra a história do filho pródigo, que um dia retorna à casa dos pais. Porque todos – eu a exceção – nasceram e passaram parte da infância em Cururupu e vieram para São Luís para estudar. E agora tinham a possibilidade de fazer o trabalho desse resgate cultural e ajudar seu local de origem.

1.6 Comunidades da Areia Branca

Seguindo no exercício de apresentar os principais grupos e agentes locais que realizam o encontro de carros de boi, mesmo com algumas especificidades, descrevo um pouco da comunidade de Areia Branca. Ela fica no começo da cidade, não tem como chegar por via terrestre em Cururupu e não passar por dentro. Mas, na prática, é correto afirmar Comunidades da Areia Branca, considerando que são bairros menores: Três Corações, Santa Luzia, Cajual, Capim Doce, Caixa D’água, Recife, Vila Vitória, Cala o Bico e Ponta D’Areia. Como explicou seu Sr. Florinaldo

Silva¹⁰, em diálogo mantido via aplicativo de mensagens. E têm como padroeiro São Jorge. Sobre sua participação no Encontro, embora não tenha poder decisório efetivo, consolidou sua participação pela quantidade de carreiros que anualmente participam do encontro, em que mais da metade tem origem nesse território. Para exemplificar, em 2019, dos 58 carros de boi que participaram, 28 eram dessa localidade.

Uma característica, talvez pela maneira como são constituídas, trata da forma como as comunidades menores se referem ao território na totalidade, “[...] existe nos seus moradores, e cuja formação depende não apenas da posição geográfica, mas também, do intercâmbio entre as famílias e as pessoas, vestindo, por assim dizer o esqueleto topográfico.” (CANDIDO, 2010, p. 79). Ou seja, mesmo as subdivisões, parecem não enfraquecer uma percepção de pertencimento a um coletivo. Como pode ser observado quando é mencionado o apelido deste território e que desagrade seus moradores.

Sabemos que um estigma pode ser imputado pela distância, por ser violento, uma ou várias características, ou algo nesse sentido (GOFFMAN, 2004). E, muitas vezes, esses estereótipos emergem a partir de opiniões, preconceitos de pessoas ou situações que efetivamente não refletem aquela realidade, ou no máximo, uma fração de um todo.

Mas nesse caso, o bairro tem um apelido, é chamado de “*frescura*” se deu por conta de uma característica da localidade que sempre teve temperaturas amenas em relação a outros lugares de Cururupu. E realmente incomoda, não foi possível verificar se por questões homofóbicas associadas à palavra ou de outra natureza. Supomos que seja a primeira que causa desconforto. Algumas vezes, em reuniões e conversas onde não havia ninguém da localidade, bastava citar a palavra *frescura* para que as risadas corresse soltas.

E sobre a entrada deste grupo de comunidades no carro de boi, inclusive algumas já participavam de forma independente em edições anteriores do Encontro, mesmo com a expectativa deste território ter boa participação e colaborar em seu fortalecimento, não foi fácil conseguir tornar isso possível. Somente com muitas reuniões e diálogos que em 2015, as Comunidades da Areia Branca puderam participar oficialmente com as outras comunidades.

¹⁰ Liderança das Comunidades da Areia Branca, sua família é responsável pelo Boi Brilho da Areia Branca. Tem 55 anos, possui carro de boi, contudo se identifica como pescador e dono de roça.

Havia resistência, sobretudo de Rio de Pedras, que não entendia como viável a sua presença. E resistiram de várias formas. Das mais simples, com falas que sugeriam que eram avessos à participação: “[...] *o pessoal da Areia Branca não gostava de participar de nada, que não aceitam convites [...]*”. E outras com natureza mais pragmática, em que eram alegadas questões da própria segurança deles e que teriam dificuldades para atravessar a ponte que separa o bairro Areia Branca para ter acesso ao município.

Eu mesmo, antes de saber onde ficava essa ponte, imagina ser a algumas horas de viagem, tamanha as dificuldades que eram colocadas. E, após vários anos de participação e seus “perigos” nunca ocorreu nenhum tipo de incidente. De fato, era uma tentativa de impedimento para evitar qualquer tipo de concorrência.

Quanto às lideranças desse bairro, tive oportunidade de conversar com S. Félix¹¹, dono da casa onde o café da manhã é servido, é o ponto de encontro para a saída do cortejo. Algumas reuniões de organização de várias edições do festejo também aconteciam no mesmo local. Referência que a partir de conversas com o INC possibilitou a participação desta comunidade no encontro de carros de boi. Outra liderança local a ser destacada é o Sr. Celso, apesar de sempre muito discreto e poucas palavras, estava sempre presente nas reuniões e articulações e atividades propostas, faz parte da articulação desde os primeiros encontros, sempre está à frente com o Sr. Florinaldo Silva e S. Félix.

Encerrando a apresentação dos principais agentes que identificamos, certamente cometemos injustiças ao deixar outros de lado. Ainda assim, podemos citar outro grupo que deve ser lembrado, e talvez não com o destaque que merece. Trata-se do grupo de Cavaleiros Mandela, que tem como nome oficial, grupo Viva a Paz Nelson Mandela, que durante o Encontro desfilam com cerca de 20 cavaleiros. Grupo organizado que também possui o reconhecimento municipal da Câmara, de instituição de utilidade pública¹². Por ocasião do Encontro se apresentam com camisas padronizadas e possuem sede própria. O que parece ser um elemento de posição, pois em várias situações houve esse tipo de menção. E, sempre a cavalo, todos os

¹¹ Liderança, talvez a principal, da Comunidade da Areia Branca. Tinha muito boa relação com as outras lideranças comunitárias e com os gestores municipais, que vez por outra iam visitá-lo. Faleceu em 09/10/2020.

¹² Lei, nº 215, de 25 de maio de 2006.

anos encabeçam o cortejo abrindo os caminhos para os carreiros até a Praça de São Benedito.

1.7 A construção do objeto

A perspectiva de construir o objeto de pesquisa sempre foi um dos gargalos para iniciar esta análise. Afinal, como analisar um encontro em que participei ativamente do seu processo de fortalecimento? O interesse afetivo e o encantamento antes do acadêmico, em desfavor da necessidade de pesquisa criteriosa, pode levar ao essencialismo. Ou ainda, uma questão que causou sempre apreensão: até onde posso externar questões de foro íntimo das reuniões? Como então, não cometer o erro de ultrapassar a barreira da ética?

“Construir” esse objeto ou torná-lo legível com o auxílio de ferramentas metodológicas suficientes para sua mínima compreensão não foi uma tarefa fácil, a busca por distanciamento, como explica Bourdieu (1989, p. 21) em sua publicação introdutória sobre sociologia reflexiva, “[...] é preciso construir o objeto; é preciso pôr em causa os objetos pré-construídos [...]”, alertando sobre a necessidade de estabelecer certo afastamento para ser possível observar outras possibilidades e pôr em exercício um senso crítico mais efetivo.

Como dito, é um exercício constante de contrapor, de refletir sobre se o que estava sendo considerado era opinião particular ou uma análise a partir de algum embasamento teórico. Se era a opinião do integrante da coordenação, de um entusiasta do Encontro ou do pesquisador? Um limiar que ainda não consegui resolver com a certeza que gostaria, mas que foi sendo trabalhado. Em vista disso, trago nesta parte da pesquisa as considerações de como foi sendo construída a pesquisa, meus interesses e necessidades em investigar o Encontro de Carros de Boi. Talvez seja uma espécie de retorno, de agradecimento pela longa temporada, a oportunidade e não sinto nenhum constrangimento em admitir isso.

Por esses motivos, uma das questões que geraram o incômodo era, “[...] o mal-estar que em mim suscitava, no momento da publicação, o sentimento de ter cometido uma espécie de deslealdade, erigindo-me em observador de um jogo que eu continuava a jogar.” (BOURDIEU, 1989, p. 52). Na realidade esse embaraço vivenciei em todas as etapas desta pesquisa. O filtro que passei a utilizar refere-se

principalmente a indagar ao que o relato interessa para a pesquisa. Qual contribuição acrescenta e se não é pessoal?

A construção desse está baseada em vivências distintas: a primeira, quando estive como pesquisador em 2019, foi a única oportunidade que estava apenas como observador e buscava conseguir a maior quantidade possível de informações. A outra são os anos em que participei da coordenação do encontro e, por conta das restrições e perigos da pandemia, foi necessário fazer uso com mais efetividade. De certa forma, cruzei a linha da observação participante aventada por Malinowski (1978), quando deliberava, reunia em São Luís ou em Cururupu com outras pessoas.

O que acabou sendo uma importante fonte de informações, considerando que não havia outras possibilidades de ir a campo. Impactando no resultado das ações, um “observador estrangeiro” (GOLDMAN, 2003, p. 457), ou como em Estabelecidos e Outsiders (ELIAS, 2000) ainda não pesquisador, mas um integrante egresso de fora da comunidade que participava, em simultâneo, observador e observado.

Fui apresentado à possibilidade de analisar o encontro a partir da dimensão política do encontro discutida também pelo sociólogo francês Jean Duvignaud (1983), em que analisa a festa como uma parte da vida social em que o grupo se reúne, se organiza por aquela atividade, se desvinculando tanto das ordens quanto das suas hierarquias.

Passei a exercitar após o retorno do último encontro a ideia de estar e lá e estar aqui, no sentido explicado por Geertz (2012), passando a essas memórias e histórias vividas e o que aprendi a confrontá-las a partir do que foi sendo construído teoricamente. Buscando transformar o que já não era conhecido em exótico.

[...] vestir a capa do etnólogo é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: (a) transformar o exótico em familiar e/ou (b) transformar o familiar em exótico (...) é necessária a presença dos dois termos (que representam dois universos de significação) e, mais basicamente, uma vivência dos dois domínios por um sujeito disposto a situá-los e apanhá-los. (DAMATTA, 1978, p. 6)

Porque a armadilha está em não considerar que “[...] a observação primeira é sempre um obstáculo inicial para uma cultura científica. De fato, essa observação primeira se apresenta repleta de imagens; é pitoresca, concreta, natural, fácil. Basta descrevê-la para se ficar encantado.” (BACHELARD, 1996, p. 25). E eu sentia que

esse “encantamento” enfadava colegas de graduação e outras pessoas que perguntavam sobre meus interesses de pesquisa.

Felizmente uma leitura adequada e a frieza da ciência vai conformando e apresentando direcionamentos para a organização dos dados recolhidos em informações que retratam um cenário bem mais próximo da realidade que independe das preferências pessoais, permitindo compreender melhor o cenário e, inclusive, os incômodos durante a realização da pesquisa.

Afinal, para

[...] construir um objeto científico é, antes de mais nada e sobretudo, romper com o senso comum, quer dizer, com representações partilhadas por todos, que se trate do simples lugar-comum da existência vulgar, quer se trate das representações oficiais, frequentemente inscritas nas instituições, logo, ao mesmo tempo na objetividade das organizações sociais e nos cérebros. [...]" (BOURDIEU, 1989, p. 34)

Embora seja necessário sopesar a impossibilidade de rompimento total com as influências do senso comum e suas particularidades, os objetivos serão analisar o encontro, seus rituais (VAN GENNEP, 2013), às discussões atinentes à identidade, estigmas (GOFFMAN, 2004) e tradição (HOBBSAWN, 2008), especialmente quando é acionada como força de mobilização para o grupo, como os carreiros operam a seu favor o encontro e sua formalização.

Acrescento a essas memórias, conversas que foram realizadas via aplicativo de mensagens ou por ligações normais, estratégias possibilitadas pela tecnologia que ajudaram a dirimir a impossibilidade de viagens e idas a campo. Destaco que mesmo tecnologia de ponta não seria possível resolver o problema das distâncias e outras impossibilidades.

Nessa ordem: era preciso primeiro imaginar quem poderia em uma conversa via telefone ter informações que pudessem contribuir com a pesquisa e sanar as dúvidas que já tinha. E chega a outros dilemas: Essa pessoa tem telefone? Qual o número? Onde posso conseguir? Depois fazer o convite para a conversa e ela aceitar e autorizar que trechos poderiam ser publicados. Em seguida marcar uma agenda. E quando está tudo correndo bem o sinal cai, a ligação vai sendo cortada dificultando a tentativa de ser mais efetivo na conversa, entendendo que do outro lado o interlocutor gostará ou não poderá de ficar muito tempo ao telefone.

Sobre os diálogos mantidos por aplicativo de mensagens, o tempo da conversa difere de uma conversa, vamos dizer analógica ou por telefone em ligação

direta. Em tal caso, a pergunta é feita, mas a resposta às vezes chegava hora ou dias depois. As perguntas precisam ser mais diretas, não fazia longos textos, buscava objetividade, assim como, na forma de escrever.

Reconheço que muitas dessas dificuldades acontecem em entrevistas normais, contudo, pessoalmente, a possibilidade de fazer as correções nas perguntas, aprofundar em outras que surgem durante a entrevista é muito mais fácil. Passando então para a escrita no exercício de analisar e compreender o encontro em algumas de suas nuances.

[...] o etnógrafo sempre vai embora, levando com ele textos para posterior interpretação (e entre esses “textos” que são levados podemos incluir as memórias - eventos padronizados, simplificados, retirados do contexto imediato para serem interpretados numa reconstrução e num retrato posteriores). (GEERTZ, 2012, p. 40)

E dessa forma o encontro de carros de boi passou a ser descrito, analisado e compreendido a partir de vivências e de alguns expedientes investigativos preconizados pela ciência dentro das possibilidades oferecidas no contexto pandêmico. Que, de algum modo, se aproxima do que foi declarado por Gluckman (1997) sobre a organização social na Zululândia moderna. Considero, esta análise sobre os carros de boi e o que envolve, um compilado de muitas informações vivenciadas e outras que chegaram a partir do convite para participar do grupo, muito mais pelas relações de afeto do que competência ou experiência, que realmente tinha pouca, em trabalhos desse tipo, nem sequer conhecia o município que tanto falavam. Para além da ideia de somar esforços, ajudar o próximo e reflexões do tipo, hoje percebo haver uma ideia bastante romantizada ao idealizar e organizar o encontro.

O objetivo era de realizar atividade para resgatar a cultura local do esquecimento, da desvalorização e evitar que acabasse, quanta ousadia e inocência. Como se a cultura, de algum modo, dependesse de nosso interesse ou vontade para que se perpetuasse ou se estivesse pedindo para que fosse salvo. Uma crítica a esse pensamento afirma que:

Em nome dessa leitura acerca da presumida “morte”, buscasse o apelo, romântico ou demagógico, do retorno ao passado idealizado. Reivindicações pelo “retorno das tradições” parecem esquecer o truísmo de que não se volta ao que acabou e, sobretudo, de que não apenas os tempos são outros como também o são os sujeitos que, movidos pelas razões do presente, lançam mão desse passado imaginado. (CAVALCANTI, 2013, p. 14)

Os grupos até em 2019, ano da última realização do Encontro antes da suspensão de eventos públicos, a ideia é resguardar, proteger o carro de boi do esquecimento, romantizações que animam essas lideranças. Aparece também na ideia de salvaguardar o que é tradicional para impedir “distorções” ou que se descaracterize. Essas eram questões que estavam postas nas reuniões, nas conversas informais ou entre os carreiros. O que permite compreender que,

A cultura é a mais profunda e complexa forma de conexão entre a vida interior e exterior de indivíduos e coletividades. Quanto mais próxima dos marcos organizativos de suas identidades mais fascinantes e complexos parecem os fenômenos e processo culturais, na teia de configurações da vida cultural nada é simples, mesmo a sua aparente pureza e distanciamento. (NOGUEIRA, 2008, p. 13)

Ou seja, a cultura prescinde da vontade de seus admiradores. De fato, realmente nós achávamos capazes de resolver esse problema em nome do bem e do que é certo. Em agosto de 2009 participei diretamente da organização do II Encontro de Carros de Boi de Cururupu, realizado no Campo Guarani. A cada ano, constatava seu alcance dentro do município, nas reações de quem assistia, nas lembranças compartilhadas e lágrimas que faziam escorrer nos rostos de algumas pessoas quando observavam o desfile pelas ruas.

Particularmente, diferente de Ramos (2010, 44), em seu “[...] caso de amor à primeira vista [...]” pela etnologia indígena, fui me aproximando gradualmente dos carreiros, ouvindo histórias, algumas, trago nesta pesquisa, e fui percebendo a amplitude de conhecimentos necessários para o manuseio do carro de boi e a pujança de todos aqueles carros de bois em fila, especialmente no que considero o ponto principal da festa, passar em frente ao palco.

Mas, por outro lado, constatando outras problemáticas. Afinal, o que um meio de transporte até então considerado obsoleto e propenso causador de prejuízos passou a agregar a comunidade em geral? O que é esse encontro de carro de boi e como se tornou objeto de análise científica? E entre as idas e vindas a Cururupu, participei de dezenas de reuniões com lideranças internas e externas, comunitárias e políticas, gestores (as) públicos municipais e estaduais, o que permitiu acesso a certos espaços que eram compartilhados, o que acabou encorajando para pesquisar sobre o tema.

Veza por outra chegava em pontos que tinha dificuldades de entender, primeiro não conhecia a dimensão dos conhecimentos para carrear, da produção das

carroças, etc. Além de reconhecer as sociabilidades e o modo de vida daquelas pessoas, diferente do meu, o que em hipótese nenhuma é inferior. O que acabou influenciando em minha vida acadêmica.

Em um dado momento percebi que não dava conta de compreender as questões que se apresentavam, já com graduação na área da administração resolvi estudar Ciências Sociais na expectativa de poder entender melhor esse outro universo de possibilidades que extrapolavam os paradigmas da gestão, a cultura é mais difícil de ser encapsulada em uma metodologia específica. De fato houve um ganho pessoal, contudo, sigo caminhando nesse esforço de compreensão. E, assim, cheguei ao presente momento.

1.8 O ponto de partida

Sem desconsiderar a relevância das questões que motivam os carreiros a participar do encontro, a ideia inicial surgiu de forma prosaica. Ainda que se possa desejar que tenha surgido para enfrentamento às restrições de circulação ou a possibilidade de acidentes de trânsito. Como é possível observar no relato feito por Edson Garcia, presente na oportunidade narrada, explicando a partir de uma reunião¹³ de parentes e amigos.

Pra que esse evento acontecesse, com a vinda do pessoal aí do instituto que a gente tava lá na minha residência, lá no alto conversando uma noite. Rapaz, o que que a gente pode fazer aqui para que a gente possa movimentar esse povo? tal, uma coisa pra gente... começamos a pensar. Faz isso, faz aquilo, aí o carro de boi entooou o som e ele ouviu, quando ele ouviu, ele disse: não, não, para aí, para aí, para aí. Vocês estão ouvindo o que eu tô ouvindo? Ele perguntou o quê que era esse carro de boi. Taí o que a gente tá procurando. O quê? Vamos fazer, realizar o encontro de carros de boi. (Informação verbal)¹⁴

Como descrito, o Encontro nasce da vontade de realizar uma atividade em Cururupu, por amigos que conversavam buscando possibilidades. Na versão “oficial”: em uma viagem de retorno a Cururupu depois de algumas décadas morando fora da cidade, em um dos passeios e observando a abundância de carros de boi que viram,

¹³ Refere a uma viagem de passeio à Cururupu, feita por José Luís Carvalho, que retornava depois de algumas décadas fora e Urubatan Nunes que não conhecia o município. Durante a viagem conversando sobre o que fazer para ajudar as pessoas decidiram realizar o encontro.

¹⁴ Informação verbal fornecida pelo Sr. Edson Garcia, em março de 2021.

resolveram ali criar o Festival de Carros de Boi, algo ao nível estadual, mas, como entenderam que festival era uma coisa grandiosa demais, resolveram mudar para Encontro de Carros de Boi de Cururupu.

Refiro a versão oficial porque no município outra versão surgiu. Originada pela dinâmica local de toda festa possuir um *frenteiro*, e por conta disso, tempos depois, diziam que o carro de boi era de Edinho¹⁵, gerando insatisfação nos integrantes do INC que consideravam não ser correto deixar a festa como mérito e iniciativa de uma pessoa, excluindo, até mesmo, as outras pessoas que estavam no momento e as outras comunidades. Como solução, convencionou-se informar em todas as oportunidades possíveis que a festa era do município e dos carreiros enquanto grupo homenageado, na tentativa de reafirmar o posicionamento.

Com efeito, mesmo o Encontro iniciando como narrado, ele tomou um caminho em direção ao resgate da cultura local, mas também foi agregando outros escopos, como o fortalecimento das comunidades, das religiões de matriz africanas, de outras manifestações culturais, a necessidade de discutir considerar atividade como ofício (carrear e produzir os carros e boi), para ficarmos nessas questões.

1.9 “Novas” relações de pesquisa

O “novo” foi reapresentado ao mundo em muitas situações e associado “novo normal”, ou ainda, a romantização do se “reinventar” durante os picos epidêmicos, exigindo ponderação, entendo muito mais como um processo de aprendizado ou não. Diferindo nessa pesquisa, a fase que seria dedicado ao campo já não poderia ser realizada, mas, assim que possível fosse, era preciso retomar e encerrar a investigação.

A partir do que já foi demonstrado, o esforço metodológico e de análise na construção do objeto, agora apresento quais as estratégias de pesquisa utilizadas nesse período inóspito e incerto em que vivemos perante necessidade e exigência do isolamento, a responsabilidade comum e o medo de contaminar ou ser contaminado pelo vírus da COVID-19.

¹⁵ Apelido de Edson Garcia, assim como Sargento, possivelmente por ser policial militar aposentado.

Iniciei por dar mais atenção aos 9 anos na rotina de anualmente realizar o evento, ouvindo, deliberando, executando e aprendendo, entretanto, essas idas e vindas eram restritas às reuniões e compromissos relativos à realização dos encontros, não era objetivo buscar informações ou fazer entrevistas, etc, e duravam no máximo dois dias e sempre eram dedicadas a reuniões de trabalho.

Além disso, a relação era mais efetiva com lideranças, poucos carreiros participavam, e essa deveria ser a principal questão a ser investigada. Esporadicamente um carreiro ou outro falava espontaneamente, ou respondia a alguma curiosidade minha sobre o carro de boi, um pouco menos sobre os nomes dos animais, pelo foro mais íntimo.

Por isso sempre entendi que tenho algum conhecimento, mas, a princípio, pouco acrescentariam a esse estudo. Afinal, sobre os carreiros é um caminho desconhecido. Não foi possível conversar abertamente ou acompanhar a rotina de um carreiro. E, nesse aspecto, volto ao começo deste tópico. Como realizar uma pesquisa se não tenho como ter o mínimo de inserção com essas pessoas?

Não houve uma investigação organizada da forma como planejamos inicialmente, um campo em que pudesse acompanhar com mais calma, por exemplo, a rotina dos carreiros. Partimos então para compilar memórias, vivências e as entrevistas que foram possíveis, tudo isso com a base teórica capaz de ajudar nesse exercício de compreensão. Em outra frente e a partir da orientação, uma saída foi a possibilidade de entrevistas por telefone. Assim, iniciamos o périplo para conseguir conversar com algumas pessoas a darem entrevistas.

Contudo, se apresentava de outra forma a relação “informante” e “pesquisador” como nos moldes anteriores à pandemia, como assinalou Roberto Cardoso de Oliveira.

É dentro desse quadro que se formatam as reações e expectativas mútuas. O nativo é um “puro informante”, remetido às instituições locais e aos seus semelhantes; o pesquisador por sua vez, apenas exerce a observação e análise, como se estivesse no mais perfeito dos laboratórios. (OLIVEIRA, 1996, p. 56)

E este alerta sobre a constatação de que em nenhuma situação existe “o *mais perfeito laboratório*”, ganha novos elementos que apenas ratificam a máxima destacada. Seja da parte do observador ou de quem deseja oferecer algum tipo de informação que considera pertinente para ser compartilhada e que deve fazê-lo

precisou ser feito de outra forma, passou a ser mediado pelas tecnologias de aplicativos de mensagens e distanciadas por normas sanitárias. Recurso de última hora, assim como ligar diretamente para alguns interlocutores.

O último contato efetivo, por assim dizer, com o campo presencial foi na última edição do encontro realizado em novembro/2019, a última oportunidade de conversar e observar. Passei a buscar pessoas, carreiros ou não, que estivessem dispostos a participar do trabalho através de aplicativo de mensagens. E vários foram os dificultadores: contatar pessoas sem a mediação direta (física) de um conhecido, alguém que fizesse uma mediação e, a partir disso, se estabelecer ou não uma relação de pesquisa.

Assim como outras condicionantes, a disponibilidade dessa pessoa em querer participar de uma pesquisa de alguém que talvez não conheça ou não se lembre de ter conhecido. O carreiro ou a pessoa indicada não ter aparelho celular, estar em um lugar afastado sem sinal de rede. E a principal que anula todas as anteriores, a simples tarefa era conseguir o número de telefone da pessoa indicada.

Felizmente, por outro lado, eu possuía condições efetivas de tentar encontrar esses interlocutores, o que não quer dizer que tenha sido fácil e logo na primeira tentativa. Estava em isolamento com sinal de internet, um aparelho telefônico que permitia fazer e receber ligações e, até mesmo, um computador. O que não é pouco, considerando a ausência de condições efetivas para a continuidade de qualquer pesquisa durante os períodos mais agudos da pandemia.

Alguns deles pesquisados durante esses momentos. Como os relatados por Oliveira¹⁶ et al. (2020) em que descrevem a pouca organização de algumas instituições de ensino superior que conseguiram compreender imediatamente a complexidade da Covid-19 que ultrapassou em muito as regras sanitárias de distanciamento quando insistiam em manter aulas online não reconhecendo questões efetivas para a sua prática. Como sinal de internet em locais mais afastados, aparelhos compatíveis ou mesmo domínio para manusear as ferramentas necessárias e, até mesmo, condições financeiras para aquisição do aparato tecnológico necessário.

¹⁶ Professor Adjunto do curso de Ciências Sociais, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (FCH/UFOD) e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGAS/UFMS).

E, de fato, não foi possível realizar nada durante os picos da pandemia, na verdade, a pesquisa fica muito atrás em ordem de prioridade. A meta era sobreviver e cuidar da família e retomar como fosse possível, como está sendo feito agora. Do seu início até agora se passaram mais de 24 meses. E nos coube retomar as pesquisas e os contatos. Várias foram as tentativas com alguns gestores, lideranças comunitárias, mas sem efetividade.

Consegui com uma delas, o Sr. Florinaldo Silva, que também é carreiro, ajudou sobremaneira dando informações, como já era esperado, muito específicas e relevantes para a pesquisa. Muito embora e mesmo sendo carreiro, como seu pai, Sr. Zé João, a família é a responsável pelo Boi Brilho da Areia Branca, seu principal interesse. O que ficou evidente quando fiquei hospedado na residência da família em 2019 por ocasião do Encontro de carros de boi.

Curiosamente, nesse mesmo período ela estava para São Luís para consultas médicas. Pessoalmente nunca conversamos especificamente sobre o carro de boi. A ideia de ter ido para sua era especialmente para isso, mas fui surpreendido quando cheguei. Ainda tentei conversar com o seu pai, que também é carreiro, mas a rotina de trabalho não permitiu. Quando procurei por ele para conversar já tinha levado os animais para banhar e comer. O que é parte da rotina do carreiro.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, só foi possível o diálogo com S. Florinaldo já havia uma mediação anterior, quando fiquei hospedado na sua casa, já havíamos sido apresentados anteriormente e sempre conversávamos em reuniões e nos Encontros anteriores. A propósito, entendo que colaboração é um bom termo a ser utilizado nessa conversa via troca de mensagens, porque envio a pergunta e conto com a boa vontade de quem está do outro lado torcendo e aguardando que responda. Ou seja, agora preciso tentar elaborar perguntas objetivas para questões que na maioria das vezes não são.

Essas novas formas de interação, ocasionadas pelas dificuldades mais “corriqueiras” como ausência de um interlocutor que pode dar informações e a impossibilidade de previsibilidade de quando a “normalidade” retornaria, foi talvez um dos principais problemas. Como já alertava Berreman (1975, p. 141), “A interação de pesquisa etnográfica pode ser vista como um sistema que envolve a interação social entre o etnógrafo e os sujeitos [...]”. De certo que o contexto de pesquisa com os Pahari, era outro, além de presencial. O que não quer dizer que essa interação não

possa ocorrer mediada por um aplicativo de mensagem. É mais um desafio, uma outra possibilidade no sentido de trazer mais informações para a pesquisa, pelo menos, nessa primeira fase.

Outras particularidades foram surgindo durante o diálogo via aplicativo de mensagens. Ele prefere escrever as respostas, o que me deixa incomodado. Gostaria que enviasse áudios para não se preocupar com a gramática e possíveis erros, em escrever certo para o pesquisador etc., por outro lado, talvez não queira se comprometer ao emprestar a própria voz para uma pesquisa. A minha preferência pela fala se deu em função de acreditar que sua fluidez possibilita que mais informações sejam dadas.

Quando consegui uma entrevista/conversa por telefone com o Sr. Edson Garcia, foi um passo importante, em primeiro lugar pela posição que ocupa em sua comunidade e na organização do Encontro. Ele resiste a utilização de aplicativos de mensagens, se comunica com um aparelho convencional. E, apesar de ter muito mais contato com ele do que com outros interlocutores que contribuíram nessa jornada, tive que conversar e explicar a necessidade de falar com ele com outra pessoa pelo WhatsApp para combinar que horário estaria em Cururupu para poder ligar. Para tal, precisei aprender rapidamente a gravar a conversa, criei um modo, pois o aparelho que utilizava não fazia isso de forma automática e não podia perder a oportunidade, como imaginei, foi a única possível.

Analisando essas peculiaridades, cabe uma reflexão de como seria MALINOVSKI (1984), sendo obrigado a não viajar para as ilhas Trobriand, tendo que trabalhar remotamente, talvez nem o conhecêssemos. De algum modo, inspirado em seu trabalho, apresento algumas das dificuldades que percebi e, que certamente, não imaginei que seriam tão cheias de detalhes e que foram analisadas a partir de alguns conceitos e teorias devidamente referenciadas.

Nessa perspectiva, acrescento a possibilidade inserir um novo tempo ao trabalho do antropólogo no que pesquisou OLIVEIRA (2000), no capítulo de sua obra em que discute sobre olhar, ouvir e escrever, agora há uma lacuna que pode ou não ser preenchida, enquanto uma resposta pode ou não chegar, mais do que nunca, a pesquisa está em outro ritmo.

Pelas dificuldades elencadas precisei ancorar a pesquisa nas experiências e oportunidades que tive de observar participando de reuniões e das várias edições

do encontro. E, nesse caso, a *descrição densa*, defendida por Geertz (2012, p.4), propôs que “[...] praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante [...]”. Mesmo não estando em condições de aprofundar nessa direção pelas complexidades mencionadas, esta pesquisa, ao menos nessa etapa, estará restrita a poucos interlocutores e mais dependente das observações realizadas durante o período de participação da festa.

Complementa Clifford (2002), no capítulo sobre a autoridade etnográfica, mais especificamente, no quinto argumento sobre etnografia, onde pondera que,

[...] uma vez que a cultura, vista como um todo complexo, estava sempre além do alcance numa pesquisa de curta duração, o novo etnógrafo pretendia focalizar tematicamente algumas instituições específicas. O objetivo não era contribuir para um completo inventário ou descrição dos costumes, mas sim chegar ao todo através de uma ou mais de suas partes. [...] Um ciclo de vida individual, um complexo ritual como o circuito do kula ou a cerimônia do naven poderiam também servir, assim como categorias de comportamento tais como economia, política, e assim por diante. [...] (CLIFFORD, 2002, p. 30)

Essa observação ajudou sobremaneira na tarefa de entender as dinâmicas do Encontro. Observando como uma grande festa, pode perceber o geral, “superficialidades”, o todo, o resultado do que foi planejado ou o que foi possível executar. Percebe-se que a proposta é desmembrar, como estratégia de análise, em partes menores.

Outra importante contribuição a esta pesquisa se coaduna com o que Berreman (1975) buscou esclarecer no controle de impressões, que em alguma medida pode ser mais difícil de ser observado quando que se recebe respostas via aplicativo de mensagem. Minúcias como o ambiente, o local da entrevista, quem efetivamente escreveu as respostas, entre outras que ainda nem pude perceber, estão postas e carecem de outras análises para além das questões objetivas da pesquisa e reconhecendo a relação entre ambos. Não obstante, mesmo com todas essas novas conjunturas, é preciso continuar, sobretudo para que essas mesmas “novidades” possam ser analisadas para que se verifique até que ponto podem impactar o trabalho do pesquisador.

Para isso iniciamos com a proposta de sair das primeiras impressões como alertou Bachelard (1996, p. 25) sobre observação e experimentação.

A primeira experiência ou, para ser mais exato, a observação primeira é sempre um obstáculo inicial para a cultura científica. De fato, essa observação primeira se apresenta repleta de imagens; é pitoresca, concreta, natural, fácil. Basta descrevê-la para se ficar encantado. Parece que a compreendemos.

Considero que essa “impressão primeira”, foi necessária para atrair minha atenção, de fato, gostava de explicar o carro de boi, o que não é suficiente para uma incursão científica. Foi preciso buscar ferramentas para direcionar e analisar dentro das possibilidades existentes, sendo necessário buscar impulso no trabalho realizado por Wacquant (2000), quando realizou observação participante nas academias de boxe americanas, ainda que em contextos distintos, formas de pesquisa muito pertinentes ao nosso tema.

Sobre os papéis sociais, Goffman (2004) e os estigmas imputados aos carreiros, na ideia do ultrapassado, fora de seu tempo e sem utilidade ou propenso a causar acidentes, desponta com chaves analíticas pertinentes para análise de como os carreiros se posicionaram enquanto agentes ratificando a realização de uma atividade que passamos a observar como foi possível alterar ou pelo menos chamar atenção para outros pontos que não os prejuízos que poderiam ser causados.

Tendo compreensão de minhas limitações recuperando um fragmento escrito por Bourdieu (1989, p. 27), quando afirma que, “[...] é preciso pensar *relacionalmente* [...]”. Para além das possibilidades analíticas e poder compreender que nenhuma ação pode ser analisada de forma isolada, ao contrário, está relacionada a outros agentes, a outros contextos e situações. Portanto, não é possível investigar o carreiro sem buscar compreender suas intenções ao participar do encontro, sua relação dentro da comunidade ou mesmo o nome que coloca nos animais. Há um embricamento que, ao mesmo tempo fortalece e os caracteriza.

Outro teórico que ajuda nesta jornada, Sahlins (2003, p. 7), logo no prefácio, apresenta alguns indicativos que são capazes de apontar caminhos sobre o tema em questão com uma “[...] crítica antropológica da ideia de que as culturas humanas são formuladas a partir da atividade prática e, mais fundamentalmente ainda, a partir de interesse utilitário (...) “teoria de práxis” [...]”. . Nesse sentido, bastava considerar que o carreiro participa do encontro para demonstrar sua existência e fortalecer seu lugar, inclusive cultural. Entretanto, antes do encontro os carreiros já exerciam essa atividade, não precisavam de um encontro para existir. São carreiros por suas necessidades de transporte.

Isto posto, como base para as análises propostas, também irão auxiliar no exercício de compreensão: Hobsbawm (2008), quando percebemos quais as estratégias utilizadas para reinventar uma festa a partir do que já é tradicional. Nessa perspectiva a festa também entra nesse prisma analítico, para isso, o trabalho de Duvignaud (1983) em que diferente de outras análises em que a festa é uma oportunidade de regeneração, ele a entende como uma ruptura da ordem social, subversiva e sem regras. Pesquisa que não pode ser realizada sem a observação da festa enquanto ritual, Turner (1974) leitura basilar, também é parte desse arcabouço teórico.

É preciso reconhecer que as leituras foram desafiando as questões iniciais e as “novas” relações de pesquisa descritas, pondo em cheque o que havia se apresentado e desconstruindo ideias que não contribuíram no resultado. Um alerta, de início, parecia estar “[...] excessivamente preocupado em buscar o que considerar ser o “original” o “tradicional”, as “sobrevivências culturais”, escapa aos observadores não apenas os processos transformativos, mas também as razões que os impulsionam.” (AMARAL, 1998, p. 24). Situação que vamos evitar.

2 FESTA, ENCONTRO E TRADIÇÃO

Neste capítulo, o escopo é descrever o Encontro de Carros de Boi com maior detalhamento e durante esse percurso apresentar algumas dinâmicas da festa, os agentes envolvidos e como foi sendo construído. Embora a base principal de pesquisa seja o encontro realizado em 2019, oportunidade em que estive em Cururupu como pesquisador e não mais como partícipe da organização, em alguns temas, situações e memórias das edições anteriores farão parte deste exercício descritivo e de análise.



Imagem 4 – Carreiro e seu carro de boi em fila. Fonte: Arquivo pessoal. Data: Novembro 2019.

Entendo pertinente convencionar que **festa** e **evento**, nesse caso específico, equivalem a encontro, ainda que sejam categorias correlatas, tendo em vista que são termos utilizados pelas pessoas com quem conversei e também aparecem em algumas reportagens transcritas feitas por moradores de Cururupu em redes sociais na internet.

Dito isso, feitas as apresentações, iniciamos as análises observando o cientista social pernambucano Bruno César Cavalcanti (2013), que consegue em sintetiza uma primeira ideia sobre a festa e sua amplitude.

A festa é universal da cultura, estando entre as manifestações que mais produzem o “próprio homem” - alegria, euforia, escárnio, riso - e aparecendo com nuances de uma sociedade para outra, segundo a intensidade, a variedade e a importância atribuída, ou seja, segundo o “lugar” que lhe é reservado em cada contexto e época. (CAVALCANTI, 2013, p. 12)

Assim sendo, desde as primeiras observações em campo, o carro de boi apresentou esse “despertar” de sentimentos descritos no trecho em destaque. E esse “homem” figurativo, como sendo o carreiro - aquele que conduz o carro de boi - tem a possibilidade de produzir a si mesmo, e ao mesmo tempo, ser reconhecido pelo seu grupo social.

Ao mesmo tempo, essa reinvenção da tradição (HOBSBAWM, 2008) da qual o título refere enfatiza esse caminho percorrido em que algo que já é reconhecido como algo tradicional, relacionado a cultura local e regional, mas se inicia com uma mobilização para a realização de uma festa, um encontro de carros de boi e que, como se nada existisse anteriormente, se recria uma tradição. Portanto, se o carro de boi, não é uma tradição inventada “recente”, o ato de celebrar a sua existência, em primeira análise, sim. Movimento que teve na repetição seu fortalecimento.

Como ratificado no levantamento¹⁷ feito sobre a oferta turística de Cururupu realizado em 2019 e 2020. Dois exemplos de como o encontro passa a ser reconhecido institucionalmente fora dos limites do município, como um dos resultados desse processo de mobilização e na realização sem interrupções do Encontro: “[...] O Festival de Carro de Bois é o marco cultural do município de Cururupu. [...]” (SANTOS e LEITE, 2020, p. 124) e,

A Festa tem grande importância na vida do cururupuense, principalmente na vida dos quilombolas porque é um símbolo de resistência cultural e orgulho pelos seus antepassados que faziam uso do meio de transporte mais antigo da humanidade. (SANTOS, 2019, 125)

Em ambos, em que aparece como referencial cultural, é uma espécie de retorno, de confirmação de todo o trabalho realizado pelos envolvidos, sobretudo os carreiros, ainda que não seja a transformação em uma grande festa regional ou estadual. Por outro lado, sinaliza outros dois pontos importantes para os participantes da festa: a referência quilombola e a resistência cultural que, como veremos, é um tema caro a esses grupos.

¹⁷ Inventário sobre a Oferta Turística do Município de Cururupu, realizado por pesquisadores da Universidade Federal do Maranhão - UFMA (referência completa no final da pesquisa).

Aprofundando um pouco mais percebeu-se algumas possibilidades de análise: como se pode recriar algo que já existia? Qual a mobilização necessária para potencializar interesses em um meio de transporte, para alguns, problemático? Como se dá a relação, a princípio peculiar, estabelecida entre os carreiros e os animais que tracionam o carro de boi? Peculiaridade demonstrada por muitos carreiros nos nomes que são dados, em geral, não se limitam a uma só palavra e parecem apresentar significados e mensagens implícitas, às vezes, as quais são realmente particulares a quem os criou.

Temos então três caminhos principais em que é demonstrar vários aspectos sobre o encontro de carros de boi, já antecipando que é uma festa e um encontro, assim mesmo. Uma profusão de saberes, fazeres, busca por reconhecimento e afeto.

2.1 Sobre o Encontro de Carros de Boi - discussões iniciais

Existe o senso comum que no Brasil, tudo pode acabar em pizza, samba ou festa, ou que o brasileiro sabe fazer festa, sabe festejar. Estereótipos reducionistas que enclausuram a cultura brasileira, ainda que se reconheça que celebrar, em todas as suas possibilidades, é algo que fazemos com certa frequência. Assim sendo, busca-se espriar o campo de análise sobre o Encontro de Carros de Boi para além do festejar, considerando que existem questões que antecedem e sucedem o Encontro com suas dinâmicas e configurações. E, simultaneamente, foi possível enxergar ressignificados e os simbolismos que foram sendo corroborados e alterados.

Como alerta Amaral (1998, p. 24) sobre os cuidados necessários em estudos desse tipo em que os responsáveis podem estar “[...] Excessivamente preocupados em buscar o que se considera ser o “original”, as “sobrevivências culturais”, e escapa aos observadores não apenas os processos transformativos, mas também razões que os impulsionam [...]”. Como, apresentamos e, pelo foi notado até o período de visitas a campo e os diálogos mantidos após esta incursão, ainda persiste essa mesma situação, ou seja, é uma das tarefas da organização e, como consequência do Encontro, evitar que o carro de boi desapareça.

Por isso mesmo, um exercício constante durante as análises realizadas, porque, em geral, o que é mais superficial não é capaz de evidenciar muitos pontos.

Reconhecendo esses pormenores e sinalizando o compromisso é analisar doravante a dimensão festiva, buscando compreensão mais detida aos aspectos que são inerentes aos rituais que esse tipo de atividade possa ter, além de alguns pontos relacionados com a tradição.

Em vista do exposto,

Compreende-se que a festa, representando um paroxismo tamanho de vida e desfigurando violentamente as pequenas preocupações da existência cotidiana, apareça para o indivíduo como um outro mundo, em que ele se sente sustentado e transformado por forças que o ultrapassam. (CAILLOIS, 2015, p. 16).

Parece ser justo considerar que esse outro lugar, oportunizado pelo Encontro, ao menos, momentaneamente, permite que o indivíduo consiga extrapolar as questões cotidianas. Mais do que isso, pode haver uma subversão do que está estabelecido a partir da sua vivência e o cenário desejado. Nesse sentido, realiza essa mediação, razão pela qual, sua participação propõe um posicionamento.

A festa é ainda mediadora entre anseios individuais e os coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e outros, por isso mesmo revelando e exaltando as contradições impostas a vida humana pela dicotomia natureza e cultura, mediando ainda os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os postos tidos como inconciliáveis. (AMARAL, 1998, p. 52).

Festejar, por este enquadramento, é juntar as necessidades dos carreiros - a afirmação de identidade e outras questões -, inerentes ao próprio encontro, no sentido de enfrentar a ideia do que é considerado ultrapassado, arcaico. Por outro lado, mobiliza os anseios dos grupos que também somam esforços para sua concretização e o elevar ao patamar de uma referência cultural local e regional.

O que não demonstrou ser uma tarefa fácil, por conta das demandas particulares, cada um encaminhando suas próprias questões. Os que dependem do escrutínio em qualquer esfera veem uma possibilidade de amealhar votos. Os agentes em cargos públicos - secretários e afins - precisam apresentar resultados. Tudo entrelaçado e mediado pelo encontro de carros de boi, o que não implica dizer que mediação é pacífica e cordata.

E essa mediação também é ratificada a cada ano quando passam a existir mudanças no lugar que o carro de boi ocupa, onde, a partir da repetição, alcança o patamar de referência cultural local e tradição. Como quando cheguei em Cururupu para participar de uma das edições do encontro e havia sido pintada em uma parede

destacada da pequena rodoviária o grande carro de boi com a frase: “Bem-vindo a Cururupu, terra do carro de boi”. Confesso ter sido uma grata surpresa.

Uma prova de que toda a energia dedicada começava a dar resultados. Certamente que na primeira visita ao território não poderia imaginar que haveria uma manifestação de reconhecimento tão eloquente e oficial, a Prefeitura havia mandado pintar a imagem. Talvez, mesmo, algo inesperado. É um pouco do que acontece na Festa, durante um dia e meio a palavra carreiro e carro de boi são mencionadas a exaustão, de certo que de forma natural, acontece pela necessidade da situação. Avaliamos ser pouco provável não ter impactos positivos para os carreiros, considerando que,

As festas seriam uma força no sentido contrário ao da dissolução social. (...) as religiões e as festas refazem e fortificam o “espírito fatigado por aquilo que há muito de constrangedor no trabalho cotidiano”. Nas festas, por alguns momentos, indivíduos têm acesso a uma vida “menos tensa e mais livre”, a um mundo onde “sua imaginação está a vontade”. (AMARAL, 1988, p. 14).

O carreiro em sua rotina, no seu ir e vir no carro e boi, suas atividades na roça, por um período curto se vê como principal convidado em uma Festa, que tem o nome do seu meio de transporte e enaltece o seu trabalho. É tornar, como dito na citação anterior: tornar a vida “menos tensa e mais livre”.

Quanto às questões mais pragmáticas, é necessário ressaltar que essa mediação alcançou resultados que permitiram minorar o “constrangimento” dos carreiros em sua atividade no que diz respeito ao risco de quebrar o asfalto, mas destacou sua condição de partícipe da história local e referência cultural relevante, passou a se observar questões positivas na atividade que até então não pareciam não ser observadas.

E na esfera individual, o carreiro passa a se reconhecer enquanto agente, capaz de se mobilizar politicamente em torno dos próprios interesses, quando aceita participar de uma festa em sua homenagem, e como repercussão, colhe os primeiros resultados, espelhado na resposta do público presente durante todo o desfile e em seu final, quando é aplaudido por seus conterrâneos, ou como no exemplo demonstrado, ter a imagem de seu meio de transporte um carro de boi estampado em um dos prédios mais conhecidos da cidade.

A festa, portanto, “[...] é capaz de, conforme o contexto, diluir, cristalizar, celebrar, ironizar, ritualizar ou sacralizar a experiência social particular dos grupos que

a realizam. [...]” (AMARAL, 1988, p. 8). Como foi sendo paulatinamente realizado durante todos os anos em que o encontro foi realizado.

Sobre a festa e sua função simbólica, é preciso considerar que,

A festa é um universal da cultura, estando entre as manifestações que mais produzem o “próprio homem” - alegria, euforia, escárnio, riso - e aparecendo com nuances de uma sociedade para outra segundo a intensidade e a importância atribuída, ou seja, segundo o lugar que lhe é reservado em cada contexto e época. (CAVALCANTI, 2013, p. 12).

E nessa percepção, a construção desse homem, Laraia (2009) e de sua cultura, sinaliza que inicia um processo de fortalecimento da atividade de carrear, e que foi necessário todo um esforço de ressignificação apoiado na mobilização a realização do encontro. A alegria, a euforia, o riso e, porque não, o escárnio, foram algumas das ferramentas utilizadas em todo esse processo. A exibição em via pública de tantos carreiros foi demonstração da complexidade e da importância para aquele grupo social, para si e para a comunidade.

Partindo para questões mais discutir questões com algum aprofundamento, iniciamos pela classificação elaborada por DaMatta (1997, p. 47) em que categoriza os eventos sociais em “[...] extraordinários não previstos [...]”, neste rol estão os “[...] milagres”, “golpes da sorte”, “tragédias”, “dramas”, “desastres” e “catástrofes” [...]” por sua imprevisibilidade.

E, do outro lado, os “[...] extraordinários construídos pela e para a sociedade [...]” *apud*. Como o escopo em destaque, que de origem foi pensado para celebrar e resguardar e, de algum modo, permitir sua continuidade, impedindo que caísse no ostracismo. Por último, “[...] chama a atenção por seu caráter aglutinador de pessoas, grupos e categorias sociais, sendo por isso mesmo acontecimentos que escapam da rotina na vida diária [...]”. (DAMATTA, 1997, 47)

E nessa ideia de aglutinação em volta da realização de uma festa nos termos apresentados mobilizou diversos agentes políticos dentro e fora do município: carreiros, comunidades, outros grupos sociais como o Grupo Viva a Paz Nelson Mandela (grupo de cavaleiros e amazonas), Grupo de Consciência Negra de Cururupu GCNC, vários tambores de crioula, brincadeiras (Boi de Cofó¹⁸, Tamborinho), lideranças comunitárias, agentes públicos locais (vereadores, secretários(as)

¹⁸ Esse grupo se apresentou em uma das edições do Encontro, é um grupo de Bumba Boi do Sotaque de Costa de Mão, mas não tem as indumentárias tradicionais, apenas uma camisa padronizada. No lugar do boi com tecido bordado, é um cofó (cesto de palha muito utilizado na região).

municipais da Cultura e Assistência Social) e de fora do município (Secretário de Igualdade Racial, deputados federais que foram em alguma das edições do evento, superintendente do SEBRAE¹⁹ estadual e regional) e a própria comunidade local, em torno de um objetivo comum e dos próprios interesses.

Outra contribuição importante que auxilia na compreensão do encontro é a classificação apresentada por Duvignaud (1983), quando classifica as festas - em linhas mais gerais - em dois tipos: as de "Representação" e as de "Participação". As primeiras seriam aquelas que têm a adesão de pessoas que não acreditam, de certa forma, no que está sendo apresentado, como sendo "atores" que desempenham um papel. As segundas, são aquelas em que participam pessoas da própria comunidade, se reconhecem e aos símbolos e os mitos ali demonstrados.

O que permite considerar que o encontro está muito mais próximo das Festas de Participação por estar visível que os carreiros e a comunidade que participa prestigiando, e nesse contexto é possível reconhecer tanto o grupo maior de apoiadores e patrocinadores, quanto parte do grupo social a que pertencem que acompanha da porta de suas casas ou se dirigem à praça para ver a parte final. Admitindo, portanto, que têm no Encontro um meio de transporte que é parte da cultura local e que precisa ser apoiado.

Podemos acrescentar que

Ademais, esta forma de cerimônia consiste em desviar a expectativa coletiva, sublimando-a e permitindo a realização de uma plenitude espiritual no gênero catártico. A cerimônia social, ao contrário, produz sequelas de irrevogável concretude. O ator no papel de condenado realmente morre no drama social. Este tipo de cerimônia, portanto, envolve a irreversibilidade das suas consequências, situações progressivas, processos que encadeiam-se a outros processos, tornando cada cerimônia um ponto de reparo, um referencial. (DUVIGNAUD, 1983, p. 9)

E, nesse ponto, a realização contínua do encontro propiciou essa possibilidade de reversão no panorama inicial, antes de sua realização. Mais do que isso, atraiu essa expectativa coletiva para mais próximo do carro de boi. E, como resultado dessa mobilização, conseguiu destacar, o que até então não era compreendido por essa nova ótica. Inclusive o potencial de ser mais um ícone, uma representação cultural local.

¹⁹ Informação veiculada no site do SEBRAE. AGÊNCIA DE NOTÍCIAS SEBRAE. Sebrae apoia tradicional desfile de carros de boi em Cururupu. 30/11/2018. Disponível em: <http://www.ma.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/MA/sebrae-apoia-tradicional-desfile-de-carros-de-boi-em-cururupu,4160db6e2b467610VqnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 26/02/2022

2. 2 O Encontro de Carros de Boi

Em sua primeira edição, o encontro de carro de boi iniciou em agosto de 2008, no Campo do Guarany. Uma das razões do local ser escolhido foi que as ruas não eram asfaltadas e por isso não haveria problema para os carreiros transitarem. É um bairro mais afastado do centro comercial do município.

A partir do ano seguinte o local do encontro foi transferido para o bairro de São Benedito, mais exatamente na Praça Siqueira Campos²⁰ e onde está a igreja de São Benedito. Mas que também não possui ruas asfaltadas, apesar de ser muito mais próxima do centro comercial da cidade. Outro ponto que influenciou na escolha foi que a praça tem sua área mais bem delimitada, tem muitas árvores ao seu redor que dão algum conforto para quem vai assistir o encontro.

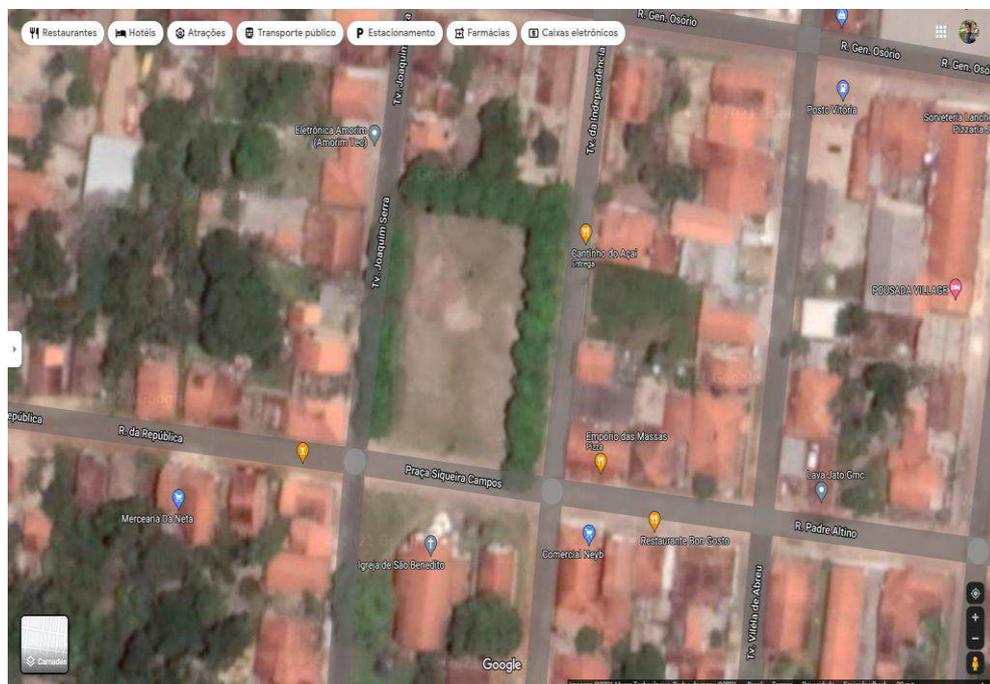


Imagem 5 - Vista aérea da Praça de São Benedito²¹. Fonte: imagem da internet. Data: janeiro/2022.

Mas também não foi só o local de realização que mudou, a data também foi alterada, no primeiro ano aconteceu em agosto, a partir do ano seguinte, o encontro

²⁰ A propósito, somente a partir da pesquisa iniciada que descobri que não é Praça de São Benedito, mas, como já mencionado Praça Siqueira Campos, mas é muito mais conhecida como Praça da Igreja de São Benedito, que havia entendido erradamente e suprimido *da Igreja* e entendendo que o correto seria Praça de São benedito.

²¹ <https://www.google.com/maps/place/S%C3%A3o+Benedito/@-1.8283129,-44.8738416,113m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7f7fb767bf1b289:0xe4e3da9654811bb4!8m2!3d-1.8249104!4d-44.8739331>

foi realizado no último final de semana de novembro, pela proximidade do Dia da Consciência Negra, pelo simbolismo, importância e pela autoidentificação de descendência africana. Essas mudanças apontam para uma organização em torno das questões étnicos/raciais que caracterizam as comunidades negras rurais, assim chamadas “terras de preto”²².

O bairro de São Benedito tem na história de sua fundação bastante interessante como destacada abaixo:

A história do bairro possui uma relação muito próxima com o aparecimento da imagem de São Benedito. Populares contam que ela foi encontrada sobre uma pedra onde foi edificado o primeiro barracão para realização dos primeiros cultos, local onde hoje está construído o santuário ainda conforme esses relatos, a referida imagem possuía algumas características como mudar de local, jorrar sangue ao ser perfurada, tendo, inclusive, sido levada à Santa Sé. Esta compõe, inclusive, parte das principais narrativas alimentadas em torno do conhecido festejo ao Glorioso São Benedito. (CARVALHO, 2019, 96)

Além disso,

O Bairro de São Benedito tem no festejo do padroeiro um exemplo muito concreto dos fortes trânsitos entre o sagrado e o profano na localidade. O festejo acontece na primeira semana de outubro, em forma de novenário católico, possuindo um século e meio de festividade. (CARVALHO, 2019, 97)

Ou seja, o bairro que passou a ser o ponto central do encontro, tem, por si, uma relação próxima com as religiões de matriz africana e pelo festejo de São Benedito, ainda que seja um templo católico. Mas, que, ao mesmo tempo, é um tem correspondente nas religiões de matriz africana devido o processo de miscigenação.

De maneira geral, (...) o surgimento dos primeiros cultos em homenagem ao santo remonta a meados do século XIX. Para tanto, destacou-se o papel da Irmandade negra de São Benedito, a qual, apesar de não ser regulamentada, seguia os mesmos padrões de irmandades registradas. (CARVALHO, 2019, 97)

Localidade que além de ser palco da miscigenação das religiões católicas e de matriz africana, agora é o lugar que assiste à celebração dos carros de boi e seus condutores, mais uma vez o “santo preto”, como algumas pessoas chamam observa tudo de seu altar.

²² Termo que alude diretamente as terras “ocupadas” por comunidades negras remanescentes de quilombos, resistindo e se organizando para garantir o direito de manter o modo de vida em sua amplitude e complexidades. Vide texto do Projeto Vida de Negro em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/03D00016.pdf>

Retomando ao tema em análise após este pequeno interregno, ao longo dos anos, poucas mudanças ocorreram na estrutura principal da festa: missa afro, cerimônia religiosa que abre oficialmente o encontro. Em seguida, inicia a festa na praça em frente a igreja - comidas e bebidas, apresentações culturais (bumba boi, tambor de crioula, desfile de moda). Por volta das 5 horas da manhã a concentração acontece antes da saída do desfile pela cidade. Por fim, a chegada na Praça de São Benedito e as homenagens aos carreiros.

2.3 Abertura do Encontro – a missa

Realizada na igreja de São Benedito²³, ou como alguns integrantes do INC dizem: “na igreja do santo preto”, na sexta-feira²⁴, às 19 horas. É uma igreja simples sendo construída com ajuda da comunidade do bairro de mesmo nome do padroeiro da igreja.

Possui várias janelas laterais e uma grande porta. Na entrada principal há duas colunas e, ao lado, uma escada que leva ao mezanino. Logo à frente, duas fileiras de bancos de madeira, do lado esquerdo, uma imagem de São Benedito em tamanho natural que fica na direção da entrada. Ao lado do altar, dois púlpitos de madeira, uma para as leituras durante a missa e do outro lado, para quem faz os cânticos.

²³ [...] a primeira igreja em devoção ao santo foi construída em 1871, tendo sido reformada e ampliada em 1926. O templo que seguia os padrões com apenas uma torre sineira teve sua fachada alterada para o atual modelo somente em 1986, permanecendo hoje com três torres, tendo sido chamado desde então de Santuário de São Benedito [...] (CARVALHO, 2019, p. 97)

²⁴ Nos anos anteriores o Encontro iniciava no sábado. Em 2019 foi alterado para sexta. As descrições apresentadas são de anos anteriores, do mesmo modo os registros fotográficos. Tive o cuidado de confirmar alguma alteração na estrutura da missa, mas nada foi alterado.



Imagem 6 - Igreja de São Benedito. Fonte: Arquivo pessoal. Fonte: novembro/2019.

Oficialmente, o encontro inicia com a *Missa dos Quilombos*. É pertinente esclarecer que mesmo sendo para alguns, “igreja do santo preto” e com bairro de mesmo nome, a realização da missa não foi simples de realizar. Resistências existiram e ainda hoje existem, “[...] para Maria de Nazaré essa missa acaba por não ter o mesmo público esperado das missas tradicionais, visto que parece haver resistência por parte de uma parcela da comunidade que não aceitam a missa aos moldes como se apresentam. (CARVALHO, 1997, p. 99).

Em suas palavras Maria de Nazaré²⁵ afirma que

Pra nós começarmos essa missa tivemos que recorrer a Meridelma²⁶ que faz parte da igreja pra nos ajudar a organizar a missa na igreja, mas mesmo assim ainda tem resistência de alguns membros. Eles vão ter que se acostumar porque o santo é negro e a missa é pra negro, que eles queiram ou não nós vamos resistir, nós temos que mostrar nossa cultura. (MARIA DE NAZARÉ, 2019). (In, Carvalho, 2019, p. 99)

A principal diferença é que toda a liturgia da missa é pensada com cânticos, instrumentos de percussão, no ofertório e indumentária de algumas pessoas, além da ornamentação da igreja, tudo tem referências que remetem ao continente africano. Em algumas edições, apresentações teatrais representando a escravidão foram feitas no início da missa.

²⁵ Liderança da comunidade de Rio de Pedras, uma das frenteiras do “Encontro de Carros de Boi”.

²⁶ Liderança atuante da igreja católica e uma das responsáveis pelas chaves do templo. Também canta na igreja e ajuda a organizar a liturgia da missa dos quilombos.

É a missa o ponto de partida para o encontro de carros de boi. Nas primeiras edições da festa, a ideia era que terminasse próximo ao momento que os carreiros chegassem do desfile para que o padre pudesse abençoar a todos os carreiros presentes. Entretanto, nunca foi possível fazer coincidir a chegada dos carreiros a praça de São Benedito em tempo hábil, pois a missa de domingo termina por volta de 9h, bem longe para pedir que todos aguardassem o desfile chegar.

A missa é um evento à parte, porque requer uma organização específica no que diz respeito à liturgia e organização do espaço. Desde o início a festa ficou na responsabilidade do INC, então de São Luís os contatos eram feitos e para isso algumas pessoas eram essenciais. Uma delas, Meridelma, que além de cantar nas missas, ajuda na organização da liturgia, o professor Nilton (à direita na foto abaixo, próximo da estátua de São Benedito), coordenador do Grupo de Consciência Negra de Cururupu - GCNC, por várias ocasiões também contribuiu com a colaboração dos músicos e o empréstimo dos instrumentos musicais (atabaques, cabaças, etc.), do mesmo modo que Maria de Nazaré - Cotê, além de outras pessoas.



Imagem 7 – Integrantes do GCNC durante a missa afro com os instrumentos musicais emprestados pelo bloco. Fonte: arquivo pessoal. Data: novembro/2016.

E o que faz com que essa missa seja chamada de *Missa dos Quilombos* são todas as referências que utilizadas, porque mesmo o carro de boi sendo uma festa que talvez não pareça ter nenhuma proximidade com ancestralidade ou memórias africanas, basta ver a organização da missa ou mesmo a programação do Encontro

que essas características estão sendo reivindicadas. Na região existe um grande contingente de comunidades que se autointitulam como afrodescendente, em um encontro produzido por essas pessoas não poderia ser diferente. (CARVALHO, 2019).

A “missa dos quilombos” é resultado desse arcabouço, esse caldo de cultura, que reúne, escravidão, pertencimento, trabalho, a própria origem do município e a religião difundida pelos negros locais, assim como, o próprio carro de boi. Por conta disso, a liturgia da missa em sua parte simbólica é pensada com símbolos atinentes à rotina dos carreiros e dos trabalhadores rurais.

Já foram utilizadas algumas peças do carro de boi, enxada e outras ferramentas; mandioca, cachos de coco babaçu e a Bíblia, no ofertório. Assim como os tecidos coloridos pendurados nas paredes e colunas da igreja, galhos e flores ornamentais também complementam a ornamentação do ambiente que remete a uma celebração religiosa em uma casa de culto religioso de matriz africana, traduzindo o modo de vida que articula identidade e territorialidade.



Imagem 8 - Altar da igreja ornamentado com elementos locais (tucum, cachos de babaçu, tecidos coloridos, além do banner do encontro e a bandeira de Cururupu). Fonte: Arquivo pessoal. Data: novembro/2016.



Imagem 9 - Entrada das pessoas no início da missa na igreja de São Benedito. Fonte: Arquivo pessoal. Data: novembro/2016.

Os cânticos também são escolhidos por terem alguma referência com o momento e, de alguma maneira, com a ancestralidade daquelas pessoas. Um deles é o cântico Negra Mariama²⁷, que em suas letras, traz várias referências à luta de afrodescentes como podemos observar.

Negra Mariama!
Negra Mariama chama!

Negra Mariama!
Negra Mariama chama!

Negra Mariama chama para enfeitar
O andor porta estandarte para ostentar
A imagem Aparecida em nossa escravidão
Com o rosto dos pequenos, cor de quem é irmão

Negra Mariama!
Negra Mariama chama!

Negra Mariama chama pra cantar
Que Deus uniu os fracos pra se libertar
E derrubou dos tronos os latifundiários
Que escravizavam pra se regalar

Negra Mariama!
Negra Mariama chama!

²⁷ O cântico fez parte da Campanha da Fraternidade de 1988, com o tema: “Ouvi o Clamor deste povo” e lema: “A fraternidade e o negro”. Acesso em: 14/07/2021. Disponível em: <https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/fraternidade1988> Letra: Disponível em: <https://www.letras.mus.br/pastoral-afro/negra-mariama/>. Observação: ambos não informam a autoria.

Negra Mariama chama pra dançar
 Saravá esperança até o sol raiar
 No samba está presente o sangue derramado
 O grito e o silêncio dos martirizados

Negra Mariama!
 Negra Mariama chama!

Negra Mariama chama pra lutar
 Em nossos movimentos sem desanimar
 Levanta a cabeça dos espoliados
 Nossa companheira chama pra avançar

Negra Mariama!
 Negra Mariama chama!

É uma ode aos males causados pela escravidão de povos africanos trazidos para o Brasil e que repercutem até hoje, o que não parece ser diferente em Cururupu, onde a necessidade de destacar todas essas questões são uma demanda recorrente.

Alguns participantes, também usam indumentárias que aludem a África e ao povo negro. Todo esse esforço para ratificar a ligação de um modo de vida representado pelo carro de boi, o sagrado, o cotidiano e a celebração. Parece ser importante para muitos dos presentes ser um momento especial. Usar um turbante, estar em um lugar ornamentado dentro do que propõe a cerimônia religiosa, se reconhecer uma pessoa negra ou, mais ainda, poder celebrar suas crenças, roupas e acessórios religiosos (rosários²⁸, turbantes) que em outro momento, talvez até fora desse espaço não fosse possível.

O Encontro nesse sentido particular da cerimônia religiosa aglutina simbolismos presentes nas duas religiões (católica e de matriz africana) como destacado em seguida:

A relevância simbólica das festas ocorre em diversos planos, tanto no da realidade vivida quanto ao seu estudo. Temos desde o simbolismo contido nas manifestações mais declarativas e afirmativas das identidades culturais de grupos sociais ou étnicos particulares, internos às festas e que aí se afirmam, até as interpretações “de fora” acerca dos aspectos mitológicos e cosmológicos que as festas instigam. (CAVALCANTI, 2013, p. 12)

A *Missã dos Quilombos* é, portanto, um desses planos que reúne vários símbolos, todos concentrados em um lugar. É o momento de junção entre as várias

²⁸ Colares feitos com fio de nylon e miçangas com cores que representam Orixás e outras entidades do panteão religioso afro-brasileiro.

possibilidades existentes, congrega além do mencionado da cultura popular e questões étnicas em suas várias possibilidades até o espectro religioso. É o momento oficial de início do encontro em que os sagrados, seja o do messias católico ou um de seus representantes terrenos, nesse caso, São Benedito e o panteão africano são invocados para proteger e possibilitar um encontro sem nenhum tipo de acidente com os carreiros, por exemplo.

Outra situação bastante peculiar e que a presença 'afro' dentro da igreja tem prazo para encerrar, uma das primeiras informações dadas aos membros do INC responsáveis pela ornamentação do espaço é que depois da missa tudo tem que ser retirado porque logo cedo há a missa dominical e a igreja tem que estar pronta.

Ou seja, logo após o término da missa é feito um mutirão para tirar tudo que foi colocado. Está dentro do rol de resistências aos que não entendem como positivo a realização de uma missa nos moldes descritos. É uma das condições para que a missa pudesse ser realizada. Apesar de ser um encontro eminentemente realizado por pessoas oriundas de comunidades negras rurais e quilombolas, alguns membros da igreja e da comunidade ainda não reconhecem as religiões de matriz africana como legítimas.

Por conta disso, tudo que pode ser aproveitado é levado para o lado de fora para ornamentar o palco e a praça. Tudo precisa estar "limpo" e "organizado". Toda referência à religião de matriz africana não pode ficar na igreja. Em outros termos, a presença de signos africanos ou de sua religiosidade, não podem permanecer mais que o "permitido" dentro da igreja.

Ainda no campo da relação com o sagrado observa-se que os carreiros têm sempre a necessidade de pedir permissão e proteção, uma benção que possibilite um evento tranquilo e sem problemas acontece também antes da saída dos desfiles nos dois pontos de encontros. Após a missa, aproveitando a programação da festa, "encerrado" o sagrado, o profano inicia, como descrito no tópico seguinte.

2.4 Praça Siqueira Campos, Início e Chegada do Encontro

Logo após a missa, por volta das 20 horas, a festa começa na praça em frente a igreja que, no que lhe concerne, também passa por um período de ornamentação e tudo começa a ser organizado na manhã de sábado do mesmo dia. A iluminação é reforçada, o som é montado e testado, se houver bandeirinhas ou qualquer outro tipo de ornamento, também é colocado nesse período.

As barracas são montadas de forma variada por seu número ser determinado pela demanda de pessoas que querem vender seus produtos (artesanato, refeições, lanches, qualquer produto com exceção da bebida, este por conta do grupo organizador - a comunidade de Rio de Pedras em uma barraca específica), e ficam do outro lado da praça. São organizadas por tipo de produto a ser vendido, artesanato e outros materiais de um lado e, do outro, as que comercializam comida. Todas ficam distribuídas nas extremidades da praça, deixando espaço livre para as mesas da barraca de bebidas, a circulação de pessoas e a apresentação das brincadeiras.

Fora essas, existem as barracas da organização: a do botequim ou bar, sempre maior e a primeira a ser montada, lugar onde ficam as caixas térmicas com gelo as bebidas vai ser acondicionada, fica também o estoque de outros produtos (água mineral, refrigerante) onde são vendidas bebidas (cerveja, vinho, água e refrigerante), e outra para o mesmo grupo é uma referência para quem precisar resolver algum problema, uma informação etc., também sempre tem alguém para dar algum direcionamento é um lugar de apoio, guardar materiais, etc.

Nesse ano também foi realizado a Feira do Produtor Rural em parceria com o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Cururupu - STTRC, para acontecer durante o Encontro para aproveitar a quantidade de pessoas circulando foi montada logo atrás do palco, e os produtores comercializaram seus produtos (frutas, galinhas, farinha, tudo da própria produção).



Imagem 10 - Vista lateral da Feira do Produtor. Fonte: Arquivo pessoal. Data: novembro/2019.

Como lembra Cavalcanti (2013, p. 14), “O fato é que as festas incluem símbolos e mercadorias, sentidos e coisas, e tanto a lógica da dádiva quanto uma lógica da troca mercantil atuam unindo e distinguindo essas supracitadas dimensões”.

Podemos acrescentar a esta análise a dimensão econômica da festa, em que a praça se torna um espaço de comercialização de diversos produtos e serviços. Como foi possível constatar na exclusividade da venda de bebidas pela organização (que tem como principal objetivo o custeio das despesas do próprio encontro), no controle de quem pode ou ter uma barraca (em edições anteriores cogitou-se cobrar dessas pessoas, o que não foi possível investigar em 2019), ou mesmo, no investimento importante na compra dos animais para puxar o carro de boi, além do preço da própria carroça.

2.4.1 A festa na praça inicia (2019)

Cheguei à Praça Siqueira Campos, no sábado, por volta das 20 horas, porque já sabia que a missa havia ocorrido na noite anterior e fui direto à barraca do bar local onde estariam os membros da comunidade de Rio de Pedras, o que ocorreu, porque ainda trabalhavam para terminar de organizar tudo.

Depois de algum tempo, encontrei Euzinete Gomes, integrante do INC, e ficamos conversando. Enquanto isso, outras pessoas chegavam e fomos observar a

primeira atração da noite que foi um desfile de crianças com roupas com estilo afro, como foi anunciado.

Haviam crianças de várias faixas etárias, todas tinham algum elemento que fizesse alusão a ancestralidade africana, seja nos turbantes, colares, pulseiras com tecidos coloridos. O desfile foi realizado por Juniana Abreu, liderança local que na gestão anterior trabalhou, como coordenadora da Secretaria de Juventude do município. Também é incentivadora do ritmo de bumba meu boi do sotaque de costa de mão, ritmo local.

Em sequência, outras brincadeiras se apresentaram: o Tamborinho da Areia Branca e o tambor de crioula, entre os intervalos a radiola funciona ao som de reggae, pagode, forró, entre outros ritmos, atraindo mais pessoas para consumirem os produtos do bar e dos vendedores. Em ambos os casos as pessoas participam dançando, cantando, ou somente assistindo às apresentações. Retornei para a casa onde estava hospedado²⁹ por volta das 22 horas, não cheguei tarde porque já tinha sido informado que a rotina era todos dormirem cedo e como estava com a chave, preferi não gerar mais incomodo.

2.5 A concentração na Pitombeira

Apesar de estar muito bem instalado, acordei por volta de 5 horas da manhã com D. Mocinha fazendo o café. Enquanto me organizava para ir para o local de concentração, alguém bateu palmas e chamou pela dona da casa e se identificando, foram saber se ela iria para o “carro de boi”. Após ir atender aos visitantes e cumprimentá-los, de onde estava ouvi responder que não iria, que estava indisposta, em suas palavras “não vou pegar esse sol quente”. Antes de sair ofereceu uma xícara de café. Na saída, observei que conversava com os visitantes na parte da frente da casa. Cumprimentei a todos e segui para a Pitombeira, percurso que fiz em menos de 10 minutos pela proximidade.

²⁹ Residência do S. Florinaldo Silva e da família responsável pelo Boi Brilho da Areia Branca de Cururupu.

O território³⁰ da Areia Branca, compreende várias comunidades, uma delas a Pitombeira. Assim chamado por conta de uma frondosa árvore do mesmo tipo que acabou dando nome ao local e muito próxima à casa onde é servido o café da manhã. Muito próximo, a residência de S. Félix, lugar onde as primeiras reuniões para convidar os carreiros locais para que participassem do encontro aconteciam. Isso, por volta de 2014 e 2015 quando o INC articulou a participação destes, no “Encontro de Carros de Boi”. E S. Félix foi a primeira liderança com quem conversamos, depois foi o principal apoiador.

Ao chegar, logo no início da rua dá para perceber a quantidade carros de boi que ocupavam os dois lados da rua, contando aproximadamente uns dez, enquanto aguardam outros carreiros chegarem e o café ser servido. E os carreiros conversam próximos em pequenos grupos, brincam sobre a magreza de um animal, que outro carreiro não sabe adestrar os animais, enquanto outros carros e mais pessoas vão chegando. Continuei descendo a rua em direção a casa do S. Félix.

Muito próximo ao portão havia um carreiro tentando controlar dois animais que estavam agitados. Não queriam andar juntos, pareciam ariscos e incomodados com o barulho do carro de som e dos foguetes. Foi quando um dos fogos estourou perto do portão e próximo onde eles estavam. Assustados, um dos animais começou a saltar como os animais de rodeio com pulos altos e fortes, tentando sair dali, e seu dono desesperado, tentando segurá-lo sem sucesso tamanha a sua força, o animal saiu em disparada e o seu dono atrás para tentar alcançá-los.

Felizmente ele foi para o lado oposto da concentração, caso contrário, seria um problema sério com a possibilidade de machucar muitas pessoas. Parecia que só eu estava assustado. A minha pouca familiaridade com animais de grande porte me deixou temeroso, mas boa parte das pessoas riam e os outros carreiros que não tentaram ajudar faziam piadas. Assim que tudo se acalmou, conseguiram ajudar e trazer o animal de volta. Só então entrei no espaço sede da concentração.

A casa é parte de um grande terreno todo cercado com madeira, ao lado uma área livre grande. Do lado esquerdo de quem entra há várias caixas d'água. Não, não tive oportunidade de perguntar, mas acredito ser para colocar mandioca de molho,

³⁰ Utilizo esse termo porque conta do seu tamanho, é uma área muito extensa e, dentro dela, existem bairros menores, um deles é a Pitombeira.

porque na parte do fundo do terreno existe uma espaçosa casa de farinha com três fornos.



Imagem 11 - Caixas d'água dentro do terreno ao lado da casa de S. Félix. Fonte: Arquivo pessoal. Data: novembro/2019.



Imagem 12 – Moradores e brincantes do tambor de crioula e carreiros aguardando o café da manhã ser servido em frente à casa de farinha. Fonte: Arquivo pessoal. Data: novembro/2019.

Na casa de farinha, haviam duas mesas grandes, cobertas com várias toalhas, dado o seu comprimento. Na primeira mesa, ao lado dos produtos do café

da manhã, há a imagem de Nossa Senhora de Nazaré de aproximadamente 40cm com uma vela acesa na frente. E, todo o espaço restante é preenchido com comida. O que demonstra a organização e o empenho em receber o grande contingente de pessoas.

Algo assemelhado o que frisou Antônio Cândido de Mello e Souza, na singular obra parceiros do Rio Bonito, sobre estes momentos de sociabilidades:

[...] Hoje, quando oferecemos café as visitas ou damos um almoço de aniversário, prolongamos de certa forma práticas imemoriais, em que a ingestão de alimentos obtidos com esforço, e irregularmente, trazia uma poderosa carga afetiva, facilmente transformada em manifestações simbólicas. [...] (CÂNDIDO, 2010, P. 36)

Certamente, analisar a concentração dos carreiros e o esforço na produção e dedicação na produção do café da manhã por essas comunidades, têm grande possibilidade de marcar positivamente quem participa desse momento. É mais uma oportunidade de socialização, de confraternização entre as comunidades, entre as pessoas e entre os carreiros.

Outro ritual, dentro dos vários que ocorrem durante o Encontro. Antes de mais nada, é preciso a bênção, em seguida o café da manhã para depois saírem em desfile pela cidade. Definido como um rito de agregação: “A comensalidade, ou rito de comer e beber em conjunto [...] é claramente um rito de agregação, de união propriamente material, o que foi chamado um “sacramento de comunhão”. [...]” (VAN GENNEP, 2013, p. 43). Rito que corresponde aos ritos da noite anterior, a missa, a solicitação ou a benção e depois o profano, por agora, segue o café e a festa até o ponto final na Praça.



Imagem 13 - Imagem de N. Sra. de Nazaré no centro da mesa do café da manhã na comunidade de Areia Branca. Fonte: Arquivo pessoal. Data: novembro/2019.

A esposa de seu Félix, D. Tereza e outras senhoras: esposas, mães entre outras relações familiares, que organizam, preparam e abastecem as mesas com bacias plásticas e travessas com bolo de tapioca, macaxeira e de trigo, além de frutas como melancia, banana, laranja; suco de frutas, café, café com leite, mingau de milho e o *suco de mandioca*. É oferecido também uma iguaria que experimentei suco de macaxeira, temperado com açúcar e limão, tem a consistência espessa e é bastante forte, no sentido de oferecer muitas energias para quem consome, segundo fui informado.

Todo esse esforço em servir bem, em se organizar. Uma equipe passou a noite fazendo parte do que foi servido é sim um esforço para confraternizar, como reflete Amaral (1988b, p. 102): “A mesa farta e comum promove a comunhão da sociedade consigo mesma, provoca a criação de novas relações, regras inesperadas e hierarquias redistribuídas em relação à mesa e aos alimentos”.

Toda essa fartura pode ser considerada também uma celebração pela sua execução, afinal, é organizada e custeada pelos moradores das comunidades, não há patrocínio da prefeitura ou de secretarias. Bingos, festas e doações são as fontes de arrecadação para que os carreiros e todos que estejam presente tenham um café da manhã reforçado. E como aponta o trecho sublinhado, sociabilidades são criadas ou

reforçadas em volta do objetivo de receber, que no que lhe concerne está dentro das atividades do que compõe o Encontro.

Retomando a descrição. Por volta das seis horas da manhã. Na área livre onde as pessoas aguardam, o carro de som já estava dentro do terreno. Logo chegou depois outro grupo de tambor de crioula com muitos componentes, chegaram em dois caminhões, que sem muita demora começaram a se apresentar atraindo mais pessoas. Não demorou muito e os dois grupos se juntaram formando uma só brincadeira, que só parou quando o padre já havia chegado para dar sua benção.



Imagem 14 - Momento em que inicia a benção após a apresentação do tambor de crioula e antes do café ser oferecido aos presentes. Arquivo pessoal. Data: novembro/2019.

Todos foram para a frente da imagem de N. Sra. de Nazaré que se encontrava em cima da mesa. Depois de uma pausa, após todos ficarem em silêncio, o representante da igreja inicia as orações de agradecimentos e pedindo a proteção para que a festa ocorra de forma tranquila. As orações do Pai-Nosso e de Ave Maria são acompanhadas por todos.

Assim que terminam as preces é avisado que todos já podem se servir. Os carreiros são prioridades junto com os integrantes do tambor de crioula são os primeiros a serem servidos. Ocorre alguma aglomeração, mas a comida é suficiente

para todos, ainda que a quantidade de pessoas também seja grande. A comida vai sendo reposta enquanto as pessoas vão se servindo.



Imagem 15 - Carreiros e comunidades se servindo. Fonte: Arquivo pessoal. Data: novembro/2019.



Imagem 16 - Carreiros e comunidade se alimentam em frente a casa de farinha. Fonte: Arquivo pessoal. Data: novembro/2019.

Após todos estarem alimentados, os carreiros são chamados para se organizar para iniciar o desfile, o tambor, os cavaleiros, etc., parece que não dará

certo, mas, funciona. Dinâmica repetida anualmente em uma lógica explicada em seguida.

2.6 A Saída do Desfile

Todos alimentados, a organização começa a convidar os carreiros para que se organizem para sair, ou seja, colocar os animais novamente nos carros de boi. Como alguns carreiros chegam cedo, eles tiram os animais para que não fiquem com o peso do carro de boi até a hora de sair. O que no momento da saída precisa ser feito para que o desfile inicie.

A ordem de chegada também é importante, para ficar na fila do desfile conforme a ordem de chegada, à medida que os carreiros após o café e retirando os carros de boi, vai sendo confirmada a lista feita no momento da chegada, seu nome, apelido, nome completo e a comunidade que faz parte é anotado pela organização. A finalidade da lista é que quando os carreiros chegarem à praça para a parte final do desfile, a ordem dos carros esteja igual à listagem feita no início do desfile e que vai ser chamada pelo locutor e o carreiro homenageado.

O que, em anos anteriores, virou um problema porque alguns carreiros não querem permanecer na ordem. Por isso mesmo e pela experiência adquirida, a lista é feita e números também são colocados nos carros para facilitar a ordem de saída e, desse modo, a ordem ser mantida até o final do desfile.

Nesse meio tempo, os carreiros também são presenteados com chapéus de palha, nele acompanha uma faixa branca com o nome do encontro, adquiridos pela organização todos os anos. Essa é também uma das tradições criadas. As pessoas que acompanham também vão se organizando para fazer todo o percurso no carro de boi. Crianças, jovens, adultos, homens e mulheres, todos se organizam escolhendo o carro em que querem desfilar. Os preferidos são os mais enfeitados, mas no final falta carro de boi para tanta gente, mesmo todos saindo lotados. Mas, o pior inimigo é o sol que castiga a todos, algumas mulheres mais prevenidas, levam sombrinhas.

Após a organização da fila de carros, bem na frente vai uma carroça, a única que é permitida, que transporta uma parelha de tambor de crioula e sendo tocada em movimento, é esse o ritmo até o final do desfile. E antes delas as brincantes do tambor de crioula da comunidade que organiza todo esse momento de

concentração, nesse caso um tambor de crioula da comunidade, dançando e cantando, as senhoras, algumas delas, não dormiram porque estavam organizando a comida servida no café ou na praça, mas com uma resistência gigantesca fazem o grande percurso, sendo uma espécie de abre alas da festa dos carreiros. Elas ainda levam uma faixa sobre o carro de boi com o tema daquele ano: “O som da ancestralidade e o resgate da memória”.

Mas quem abre os caminhos de fato de todo o desfile são os cavaleiros e amazonas do grupo Mandela, logo atrás, os carreiros acompanham em uma grande fila em direção ao primeiro ponto de encontro. O percurso é longo, a comunidade da Areia Branca sempre fez questão de desfilar por dentro da localidade, o que faz com que o trajeto seja maior. No total o tempo dura entre três e quatro horas, os dois grupos saindo das concentrações, chegando ao ponto de encontro e de lá até a praça.

2.7 Encontro de Carros de Boi de Cururupu

De 2008 até 2015, o encontro de carros de boi estava de alguma forma incompleto, no entendimento de algumas pessoas da organização, era preciso ter um encontro efetivo e que não era tão somente ter dezenas de carreiros, seus carros de bois e comunidades reunidos em dois dias de festa. Ocorre que a organização queria que houvesse um encontro, no sentido pleno da palavra. Um encontro literal entre os carreiros, quase uma teatralização, que só foi alcançado com a entrada da comunidade da Areia Branca, mesmo não sendo essa a causa principal de sua participação no Encontro, foi convidada para agregar pelo território que agregada várias comunidades e a quantidade de carreiros que possuem e não participavam da programação.

Em razão dos locais onde os locais em que foi servido o café da manhã ficarem distantes e o grupo que chegava era também organizado e tinha experiência com festas, foi decidido então que os carreiros saem do campo do Pascoal, no bairro da Rodagem, local mais afastado da sede, organizado pela comunidade de Rio de Pedras e, a partir da participação dos carreiros da Areia Branca, com base na Pitombeira para que os dois grupos se encontrar em outro ponto, no Curió, a partir desse ponto, seguem em fila única até a Praça Siqueira Campos.

Por conta disso foi acertado um revezamento, originado por uma discussão de quem deveria ir à frente, criando alguma discussão. Como solução, a cada ano um grupo de carreiros puxa o desfile, muito embora no primeiro ano quase não foi cumprido o que foi combinado em reunião. Nesse revezamento, a comunidade de Areia Branca, neste ano, encabeçaria a partir do Curió. Assim foi feito, mas quando os carreiros da Areia Branca chegaram neste ponto, o grupo de Rio de Pedras já havia chegado.

Todo ano sempre escolhia um grupo para acompanhar e registrar, nesse ano estava com o grupo da Areia Branca, mas cheguei um pouco antes deles ao Curió. Observei o clima tenso e alguns carreiros da comunidade de Rio de Pedras reclamando que não iriam deixar Areia Branca passar na frente. Fiquei muito apreensivo, pois alguns estavam bastante exaltados, achei que haveria briga. Alguns tinham facões nos carros, não por conta da situação, é uma ferramenta da rotina deles, mas temia por outra forma de utilização, a situação era delicada.

Eu e outras pessoas tentamos acalmar, lembrei do que foi acordado e expliquei ser um revezamento e que no ano seguinte eles estariam na frente, mas vi pouco resultado. Mas sorte de todos quando o primeiro carreiro da Areia Branca chegou onde estava a discussão, felizmente não tomou conhecimento e seguiu sem parar, algumas lideranças ficaram muito enfurecidas, mas nada puderam fazer e o desfile seguiu.

Contudo, para demonstrar sua insatisfação, a comunidade de Rio de Pedras deixou uma distância significativa entre um grupo e outro, pareciam dois desfiles distintos, deixando claro as disputas que ocorreram durante a realização do evento. O que foi resolvido nos anos seguintes e o revezamento se fez valer.

2.8 A chegada a Praça Siqueira Campos - o ponto alto da festa

Neste ano (2019), como minha presença já não tinha relação direta com o andamento do encontro, não tive as responsabilidades de quem ajudou organizar e de acompanhar para que tudo ocorresse conforme o que foi planejado. Não precisava acompanhar todo o percurso e como nunca havia chegado antes dos carreiros na Praça de São Benedito, ao sair o desfile da Areia Branca fui direto para a Praça de São Benedito. Ao chegar, percebi que no palco coberto haviam várias mesas com

troféus, certificados e camisas que seriam entregues aos carreiros, em anos anteriores não era organizado desse modo, em minha opinião muito positivo.

Enquanto os carreiros não chegam, a música está a todo volume. Muitas pessoas aproveitavam: bebiam sentadas às mesas, dançam animadamente e outras conversam embaixo das árvores ao lado do palco. Em frente, do outro lado da rua, na calçada, lado sem a proteção das árvores, algumas pessoas estão com sombrinhas abertas. Tudo vale. Já é quase meio-dia e o sol está a pino. São crianças, jovens, homens e mulheres, pessoas idosas, todos prestigiando e aguardando os carreiros. Todas as barracas sendo visitadas por pessoas curiosas, outras comprando. No centro, bem atrás do palco, as barracas da feira do produtor já com poucos produtos, sugerindo que foi bem sucedida e quase tudo já foi vendido.

Sigo observando a praça e o que acontece até que os foguetes começam a ser ouvidos, os carros de boi estão chegando, sem demora é possível observar na parte de baixo da rua que já chegaram. Já é possível os cavaleiros do Mandela. Assim que a lista de carros de boi chega na mão da organização que está no palco sendo passada para o locutor, a parte final do desfile começa, na realidade, o ápice da festa.

2.9 O ápice do Encontro

Por volta de onze horas, os carreiros chegam à parte final do encontro, o que não quer dizer que sejam momentos tristes. Ao contrário, iniciam agora as homenagens. O que também mantém seu caráter protocolar seguindo a ordem de quando saíram dos locais de concentração - os cavaleiros, as brincantes, o tambor de crioula na carroça e os carreiros.

Assim que são convidados, sem demora os carreiros passam em frente ao palco, são aplaudidos enquanto o mestre de cerimônias os anuncia. O que não é suficiente para abafar o som do trotar dos cavalos ocasionado pelas ferraduras batendo no chão de pedras e cimento, que é muito forte. Eles vão até à esquina próxima ao palco e voltam sendo aplaudidos.



Imagem 17 - Grupo de cavaleiros Mandela. Fonte: Arquivo pessoal. Data: novembro/2019.

Logo em seguida é chamada a comunidade que estiver em primeiro. Em 2019, foi a comunidade de Rio de Pedras que iniciou o desfile. Novamente após o anúncio do locutor, entram as brincantes do tambor de crioula, a frente a faixa com o nome do encontro de carros de boi embaladas ao som do tambor de crioula em cima da carroça, tocando que se tivessem acabado de começar, saindo do local do café da manhã horas atrás. As palmas e os gritos das pessoas que assistem, animam ainda mais aquelas pessoas.



Imagem 18 - Brincantes do tambor de crioula passando em frente ao palco. Fonte: Arquivo pessoal. Data: novembro/2019.

Em seguida, um a um, cada carreiro é chamado pelo nome, a comunidade em que mora e o nome dos seus animais. E então eles caminham no ritmo animais que puxam o carro e para passar em frente ao palco, são aplaudidos, não é preciso esforço para perceber o quanto esse momento é especial para aquelas pessoas.

É um momento de muita felicidade para os carreiros. Afinal, que outra categoria profissional tem um encontro, uma festa para celebrar? Quando chegam exatamente em frente ao palco, receberam o certificado de participação, a camisa e o troféu. Para concluir o ritual, posam rapidamente para foto com alguma autoridade presente.

O que é facilmente percebido nesse ritual o encontro é o lugar, senão de promover essa “identidade social”, porque no caso do carro de boi e dos carreiros ela se confunde com a própria história local. Mas, consegue interferir positivamente permitindo que a atividade de carrear e os saberes que envolve sejam entendidos também como parte da história da cidade. Talvez por isso, alguns carreiros fazem questão de não perder nenhum ano, não obstante, é possível que seja o momento em que se sintam mais valorizados, passam da condição de quase invisibilidade para referência cultural local.

Ainda assim, a comemoração continua e também precisa ser rápida, a fila e o calor disputam, sempre é uma questão discutida a duração dessa última parte da festa, a preocupação com os animais é grande, especialmente, para quem depois de tudo encerrado irá percorrer grandes distâncias até suas comunidades.

Após todos os carreiros serem homenageados, a parte protocolar de agradecimentos inicia, a organização do evento e as autoridades locais - as mesmas que participaram entregando os certificados - que desejam, se revezam laureando congratulações à comunidade presente, às outras autoridades e aos parceiros que ajudaram na empreitada.

Observando as reações dos carreiros e das pessoas assistindo à parte final da festa, parece que seu objetivo foi alcançado, ela dá aos carreiros momentos em que podem se sentir reconhecidos e valorizados como trabalhadores que conseguem preservar essa forma de trabalho. Como mencionamos em algum momento neste documento, “a festa é uma utopia, em alguma medida, realizável e fugaz”, ou seja, o mundo ideal, mas que dura pouco. Ao retornar para casa estará sujeito aos mesmos perigos e contradições cotidianas de outrora.

2.10 Sobre os rituais presentes no encontro de carros de boi

Partindo da noção preliminar de que o carro de boi é um grande ritual com outros menores em sua constituição, é preciso verificar quais as dinâmicas desses rituais e como se configuram. O encontro de carros de boi, por si, já é um ritual em seu caráter festivo, considerando que foram sendo criadas normas, rotinas, um modo de fazer que foi dando sua sustentação organizacional, fundamentadas a partir de um modo de vida particular e em conhecimentos que os carreiros têm sobre, sobre sua atividade e o contexto que está inserido.

Mesmo as reuniões para a realização do encontro foram sendo padronizadas. Elas começaram a ser pensadas a partir de março, o que podia ser feito de forma combinada a distância, é bom ressaltar que não era um período pandêmico, contudo as despesas com viagem se colocavam em detrimento da necessidade de se reunir pessoalmente.

O resultado foram alguns erros de comunicação, ainda que depois de alguns anos, as dinâmicas eram as mesmas, os parceiros se conheciam e essa preparação pré-encontro já estava rotinizada em boa parte. Aqui faço uma analogia superficial aos rituais - todos sabiam seus papéis e como agir. Primeiro o título do encontro, depois o tema, cartazes e assim se construía mais um encontro.

Retomando aos rituais, de fato, é possível destacar os principais e como podem ser analisados ainda em partes menores. Pela ordem de realização: inicia com a missa afro com toda sua simbologia inerente a ancestralidade e religiosidade africana completamente miscigenado com a religião católica. Presença religiosa repetida no café da manhã, as bênçãos acontecem simultaneamente. Em ambos os casos nada inicia sem que eles aconteçam. O desfile pela cidade e, por último, o ritual final, mais festivo em praça pública.

Avançando um pouco mais não é possível apartar o encontro dos simbolismos que representa e o constitui, assim como da vida social de qualquer ser humano ou os rituais que a constituem. Sempre haverá um sentido ou vários, que de alguma forma explicitam para além da comemoração significados implícitos e os porquês de sua realização. E nesse espaço os rituais vão sendo construídos, revistos e, porque não, modificados, ainda, sim, sempre estarão presentes.

Como afirma Peirano (2003, p. 29), “[...] o ritual é uma forma de ação sobretudo maleável e criativa que, com conteúdo diversos, é utilizada por várias finalidades. [...]” moldada a partir das referências e preferências daquele grupo social e considerando a sua própria cultura.

Nesse sentido, a vida humana é permeada do nascimento à morte por diferentes rituais e considerando Turner (1974, p. 15), “[...] a vida "imaginativa" e "emocional" do homem é sempre, e em qualquer parte do mundo, rica e complexa. [...]”, o que não difere no contexto analisado.

Nesse entendimento, cabe destacar a análise feita por Van Gennep (2013, 2013, p. 30), em que categoriza e descreve vários rituais.

[...] *Ritos de passagem*, que se decompõem, quando submetidos a análise, em *Ritos de separação*, *Ritos de margem* e *Ritos de agregação*. (...) os ritos de separação são mais desenvolvidos nas cerimônias dos funerais; os ritos de agregação, nas do casamento. Quanto aos ritos de margem, podem constituir uma seção importante, por exemplo, na gravidez, no noivado, na iniciação, ou se reduzirem ao mínimo de adoção, no segundo parto, no novo casamento, na passagem da segunda para a terceira classes de idade etc.

O que seria então o encontro de carros de boi? Em que categoria(s) mais se aproxima? Isto posto, ousamos considerar que o encontro de carro de boi está mais próximo de um *Rito de Confirmação*, reputando não haver um movimento que seja de inserção, apresentação ou de inauguração, como, por exemplo, uma cerimônia para apresentar o primeiro carro de boi de determinado carreiro, ou mesmo, a apresentação dos nomes dados aos animais. O encontro é um ritual que celebra a existência, fundamentalmente, pregressa desses indivíduos, a existência dos carreiros prescinde da festa e não o contrário.

Deve ser acrescentado que esta é uma categoria apresentada dada as condicionantes percebidas sobre o objeto em foco e seu conceito mais geral e parte da noção de que esse tipo de rito, como o título aponta, ocorre para confirmar, ou seja, ratificar, reforçar, pôr em destaque, determinada ação ou episódio. Insistimos que o encontro é uma iniciativa para reforçar algo na tentativa, entre outras coisas, de tentar fortalecê-lo.

A principal questão é que os carreiros, com o perdão da obviedade e respeito aos leitores desta dissertação, já desempenham essa função antes do encontro de carros de boi. Eles não passam a partir de certo ponto a serem carreiros. Em geral, por iniciativa própria, adquirem os animais, iniciam os adestramentos e

encomendam o carro de boi. O marco que sinaliza que o indivíduo é um carreiro é o ato de carrear e não uma cerimônia específica. Ao contrário, a festa inicia, como já sinalizamos criticamente, para proteger o carro de boi do “desaparecimento”.

Dito de outra forma, a partir de que ponto um indivíduo se torna ou não um carreiro. Não existe um ponto de partida, não há um marco, seja ritual, cerimonial ou correlato, que consiga sinalizar que a partir de determinada situação aquele indivíduo se torna um carreiro. Ele se apresenta efetivamente enquanto está carreando, quando está exercendo, como alguns dizem: “sua brincadeira”.

Sendo, portanto, o encontro, nesta primeira ideia, de ser um ritual de confirmação, seguimos em direção a aprofundar um pouco sobre a sua ratificação e posterior fortalecimento. Embora a ideia de salvamento da cultura seja uma noção pueril, o encontro, por suas características e força cultural demonstrada, conseguiu mobilizar carreiros e comunidade sobre sua relevância. O que certamente para muitos, esse reconhecimento já existia, ou seja, não a realização do encontro, que fez aumentar a importância para o carro de boi e os carreiros como se fosse um ato alheio à própria vontade.

Um dos fatores que pode de fato se considerar foi a repetição do encontro em função da articulação de seus organizadores, que fortaleceu um sentimento que já existia para muitos, embora não seja o único motivo desse fortalecimento. De todo modo, “[...] o rito não se define somente pela repetição [...]” (DAMATTA, 1997, 36). Para citar alguns exemplos podemos elencar: a mobilização, considerando todos os envolvidos, tanto de pessoas quanto de entidades e como o evento foi sendo construído, sobretudo o que refere a sua ritualística.

Adentro um pouco na dimensão religiosa da festa, destaque-se que vai sendo construído a partir da realização do encontro, mas que também agrega outras condições que cooperaram neste processo, a base religiosa é uma delas, podendo ser dividida entre a religião católica e as de matriz africanas, mas, não estão separadas por conta do processo de miscigenação, tendo como fundamento o Tambor de Mina, com forte presença local (CARVALHO, 2019).

Sobre essa questão há uma hierarquização, haja visto que o ritual de abertura do encontro inicia na igreja católica, a presença do catolicismo é tão forte que reverbera no dia seguinte, na saída dos dois cortejos. Fazendo um contraponto: por que nunca iniciou em uma das casas de matriz africana ou no templo evangélico? De

certo que a igreja tem prevalência, mas se fosse o oposto? Questões que ficaram em aberto, mas que sabemos as dificuldades que teriam em suas respostas ou a mera sugestão de outras possibilidades.

Contudo, a realização neste local é importante para a organização e para os carreiros, ocupar esse espaço, em alguma medida, busca reafirmar a condição dessas pessoas enquanto partícipes de todo esse movimento. São pessoas socializadas na convivência da religião católica, não parece plausível não estarem ali, se reconhecem enquanto pertencentes daquele lugar. Outro ponto é que nunca foi verificado se existem carreiros evangélicos, supondo que eles existam, a hegemonia é tão grande que eles não aparecem. Caberia verificar se por vontade, participar, e não serem vistos ou se é uma questão que não gera nenhum desconforto?

Vale a pena sinalizar, que o sagrado africano é reverenciado de forma velada, sutilmente ou não, apresentado em elementos distintos: nos tambores e cabaça - percussão da missa, nos tecidos com estampas que aludem a cultura africana, algumas com as indumentárias, com os rosários³¹ que utilizam nos rituais religiosos em completa fusão com o catolicismo. Sem esquecer que muitas das pessoas são frequentadoras ou partícipes efetivos das religiões de matriz africana.

No dia seguinte, logo nas primeiras horas começam os preparativos da segunda etapa dos rituais, antes da saída do desfile, este, no que lhe concerne é uma espécie de reconfiguração do sentido do carro de boi, quando aparecem em grupo, uma grande fila chamando atenção para a sua própria existência, durante o trajeto, se pode ter a noção que naquele local existem muitos carros e que estão organizados, deixam de ser indivíduos que têm o mesmo passatempo, atividade de lazer, para serem um grupo politicamente organizado.

Ou seja, “[...] O passeio ritual no território da sociedade geral e a comensalidade são ritos de agregação de tipo conhecido, cujo alcance social é evidente. [...]” (VAN GENNEP, 2013, p. 57).

No caso do encontro, primeiro a confraternização do café compartilhado para a sua realização e depois para o consumo de todos os presentes. E o desfile, nos parece, sim, uma oportunidade de se apresentar pelo que representa

³¹ Equivalente a colares, mas que nesse caso, para além da estética, são alusivos aos santos e encantados cultuados por aquele indivíduo e a casa de religião de matriz africana a que pertence.

historicamente por estar atrelado a fundação do município, ou melhor, anterior à sua formalização.

E no embalo melancólico e solene do canto dos carros, somente algumas horas depois acontece o ritual final, a chegada dos carreiros a praça.

No mundo ritual, ou melhor, no mundo deslocado do rito e da consciência, ocorre uma diferença fundamental: *é a marcha que se torna importante*. De fato, tudo indica que, nesse contexto, é menos importante o sair e o chegar do que a própria caminhada, que passa a ser o elemento realmente ritualizado e, por isso mesmo pleno de consciência. (DAMATTA, 1997, p. 102)

Uma marcha no ritmo lento do canto melancólico do carro de boi mesmo com o tambor de crioula tentando acelerar, além do estouro de foguetes, uma mistura de sons e que a grande fila com dezenas de carros de boi vai vencendo a distância. É, esteticamente, uma visão muito particular, levando muitas pessoas, de todas as idades, outras a pé, de bicicleta ou moto. Sem esquecer aquelas que ficam olhando o desfile na porta de casa ou na rua filmando. Como destacado, a caminhada, o trajeto é o que importa.

Nesse aspecto, é correto compreender que “[...] no *caminho ritual*, o que se busca no ponto de chegada não é algo concreto, palpável ou, sobretudo, quantificável, pois buscamos bênçãos, curas, sinais de fé etc. [...]” (DAMATTA, 1997, p. 103). Talvez não seja exagero considerar que os carreiros têm naquela manhã algumas horas de redenção, onde algumas situações cotidianas são esquecidas e durante o trajeto os carreiros são o destaque e conseguem mobilizar para a sua atividade.

Como se afirmassem de outra forma, em grupo, a própria existência. Não é apenas um carro ao amanhecer cantando pelas ruas, são muitos. A força do coletivo se apresenta potente, é parte da mobilização. Mais uma vez, o ritual não é só a repetição, tradição, cerimônias, é também um ato político.

Antes de avançar é preciso sinalizar que mesmo com a observada mudança de posição do que pode representar o carro de boi para a comunidade e os agentes públicos, eles ainda podem quebrar o asfalto, os animais ainda fazem suas necessidades nas ruas e, o perigo de acidentes de trânsito não desapareceu.

[...] é parte fundamental nesse processo de simbolização a transmutação ou a passagem de um elemento de um domínio para outro. Pois se a sociedade classifica, ela também opera e manipula suas classificações. Além disso, as sociedades não classificam o nada, mas coisas, pessoas, relações, objetos, ideias. (DAMATTA, 1997, p. 98).

O que apontamos é que passaram a existir novas perspectivas sobre o carro de boi a partir de um processo de ressignificação, ou seja, outras possibilidades, passando a ser reconhecido com novos elementos valorativos a partir da realização.

Mas como se deu esse processo? Quais as estratégias utilizadas pelos envolvidos nessa empreitada? Sobre esse processo, uma das saídas foi a realização do encontro sem interrupções, foram 13 encontros realizados de forma ininterrupta; outra, talvez a mais relevante, que a partir da mobilização houve a aceitação dos carreiros ao participarem do encontro com as comunidades locais que foram percebendo o carro de boi por outras óticas.

Destarte, diferentes significados ou classificações para os carreiros, às comunidades e o público, o encontro e seus rituais realçaram os significados, como é possível observar eles são afetivos, além de histórico, político e cultural. Ao fim e ao cabo, desperta interesses variados ocupando espaços que antes não eram percebidos como possíveis. Um fortalecimento de uma atividade cotidiana elevada à condição de representação local.

3 IDENTIDADE E MOBILIZAÇÃO POLÍTICA

O “Encontro de Carros de Boi de Cururupu” é uma festa que tem no condutor do carro de boi seu agente principal. Neste capítulo, elencamos algumas questões referentes a essa identidade, deste que se apresenta como agricultor rural, mas que também é carreiro. Nesse entremeio discute-se a maneira como acionam/operam essa categoria e questões sobre a tradição.

A proposta é buscar respostas para indagações que surgiram a partir das observações feitas durante a pesquisa: que motiva os carreiros quando participam de um desfile com dezenas de carros de boi? Quais problemas afligem quem exerce essa atividade? O que deve ser ou o que foi conquistado a partir da realização do encontro? A partir delas pretendo discutir o que anima os partícipes do encontro e como ele foi sendo articulado. Para iniciar, trago alguns argumentos que ajudaram a balizar as discussões e que de alguma forma incentivaram a participação dos carreiros no Encontro.

O primeiro deles, é a necessidade de visibilidade do conjunto carreiro-carro de boi, não somente para transporte, mas parte da cultura local e de um modo de vida. Em seguida, o entendimento em compreender que carrear está para além da possibilidade de quebrar o asfalto ou causar um acidente - as principais causas das restrições imputadas aos carreiros - principalmente, considerando que todo meio de transporte, sem exceção, tem seus riscos.

A associação do carro de boi com algo que refere a certa anacronia, que está obsoleto, ultrapassado, e que só existe por conta de alguns senhores que insistem em sua utilização, também é um argumento que foi sendo combatido à medida que o Encontro foi se reafirmando.

Dos argumentos elencados, este talvez o que tenha sido menos discutido. Trata de não reconhecer os saberes e fazeres necessários para a realização desta atividade, que pode ser analisado a partir de duas perspectivas: a do carreiro que conduz o carro de boi e dos saberes e fazeres necessários; e, do profissional que constrói o carro de boi em um campo de conhecimentos também muito específico.

Ou seja, o carro de boi atende as necessidades do carreiro de locomoção e mantém os laços de afeto com sua família e com os animais, são relações que estão além da relação de compra de um automóvel. Dito de outro modo, são atendidas as

necessidades de transporte de produção e mantidas ou fortalecidas outras, inclusive as de afeto.

Afinal, o carro de boi consegue chegar onde outros meios de transporte não conseguem devido o nivelamento do solo ou pontos de alagamento, como os próprios carreiros relatam. Desse modo, o carreiro não depende de outro meio de transporte para se deslocar para a sua roça, que, em geral são distantes em relação onde reside com sua família, não precisa pagar por isso e consegue, finalmente, transportar tudo o que produz.

Nesse sentido, o ensejo, é a partir dos argumentos apresentados, descrever como se deu a mobilização dos carreiros nesse processo de fortalecimento e ressignificação da própria identidade.

3.1 Mobilizar para Fortalecer

Neste tópico, discutem-se as dinâmicas observadas e realizadas *in loco* e como elas foram ganhando espaço entre os carreiros e a comunidade no trabalho de fortalecer o encontro e os carreiros.

Ressalta-se que uma de suas particularidades é que ele não surge originariamente de uma necessidade externada pelos carreiros em função de pleitearem algum tipo de mudança, uma reivindicação específica. Ele surge, como demonstrado no fragmento, durante uma conversa entre os Srs. José Luís Carvalho, Urubatan Nunes e Edson Garcia, narrado em entrevista para esta pesquisa.

[...] para que esse evento acontecesse, com a vinda do pessoal aí do instituto³² que a gente tava lá na residência, lá no alto conversando uma noite. Rapaz, o que a gente pode fazer aqui para que a gente possa movimentar? Uma coisa pra gente... Começamos a pensar. Faz isso, faz aquilo, aí o carro de boi entou o som e ele ouviu³³, ele disse: não, não, para aí, para aí, para aí! Vocês estão ouvindo o que estou ouvindo? Ele perguntou o quê que era esse carro de boi. Taí o que a gente tá procurando. O quê? Vamos realizar o encontro do carro de boi! (Informação verbal)³⁴

Podemos observar que o relato destaca o surgimento da ideia, demonstrando que nasce o “encontro de carros de boi” de um momento de conversa

³² Nessa época o instituto ainda não existe, algum tempo depois foi criado. (Grifo nosso).

³³ Urubatan, amigo de José Luis Carvalho e Edson Garcia, todos presentes na ocasião.

³⁴ Informação verbal fornecida pelo Sr. Edson Garcia, em março de 2021.

fortuito em que pessoas reunidas buscavam inspiração para realizar alguma tarefa naquele município, mesmo havendo várias questões que poderiam ensejar a iniciativa.

De toda forma, não se pretende deslegitimar a iniciativa em função de sua gênese, porém, sinalizar que, mesmo com os carreiros tendo compreensão de alguns problemas que incomodavam e precisavam ser resolvidos e pudessem sentir a necessidade de algum tipo de mobilização, não tinham ímpeto enquanto grupo para realizar algum tipo de objeção. Diferente, como em situações em que a mobilização é uma das estratégias de enfrentamento quanto ao reconhecimento do direito de posse do território ou reconhecimento (GAIOSO, 2014).

O que reforça não se ocupar das questões mais próximas dos carreiros, em não dar conta do cotidiano e buscar saídas para questões mais amplas que aparecem para quem desconhece um pouco das realidades desses indivíduos. Principalmente, considerando que os carreiros, encontrem-se atomizados e espalhados pelas comunidades ou bairros do município, eles não existiam enquanto bloco político no sentido de reivindicar questões, apesar de ser um grupo numericamente expressivo.

É exatamente nesse sentido que destaco como própria a forma de como iniciou a participação dos carreiros no encontro. Quando um indivíduo externo sugere a uma liderança local a realização de um festival para celebrar uma cultura que, em sua opinião, precisa ser resgatada. Com essa chancela, inicia um processo de fortalecimento entre os carreiros e nas comunidades que foi sendo consolidada até a realização do primeiro encontro. E que tem a criação do INC como parte dessa estratégia.

Ainda assim, essa adesão não foi automática. O objetivo era aumentar o número de participantes no ano seguinte. Os carreiros precisavam fazer parte desse processo. Afinal, como fazer para que os carreiros participassem do encontro? Foi preciso então um trabalho de mobilização que acontecia da seguinte forma: meses antes do encontro, logo nos primeiros do ano, várias reuniões eram realizadas nas comunidades próximas à sede do município e também no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Cururupu - STTR/MA, onde as lideranças locais e os carreiros eram convidados a participar e opinar.

Nessas ações, explicava-se a proposta do encontro e os convites eram feitos, em algumas delas eram levadas fichas de inscrição para tentar garantir de alguma forma o compromisso de participação para o evento. E assim foi acontecendo, inclusive a adesão dos carreiros da comunidade da Areia Branca, onde a base era a casa de Seu Félix, liderança local de destaque, que depois se tornou um grande parceiro ou talvez o maior em número de carreiros.

Sempre eram convidados também a secretaria de Assistência Social e Cultura, vereadores, lideranças políticas e culturais, representantes da prefeitura e da igreja que também precisavam ser mobilizados e ajudar na execução. Ainda na parte do chamamento à participação, os carreiros presentes nessas reuniões eram considerados multiplicadores. Sempre lhes era solicitado que convidar outros carreiros.

Dentro do exposto, urge compreender que,

As festas acabam funcionando como ponto de equilíbrio nos processos de mudança social. Como voltam a cada ano, são pontos de referência, requerem a criação de consensos. As prefeituras, os intelectuais, os órgãos públicos pressionados pelos cidadãos para responder a questões diversas. Então, as festas têm uma função que vai além delas mesmas. (CAVALCANTI, 2013, p. 50).

Nesse sentido, as festas, nesse caso o “Encontro de Carros de Boi” foram conformando questões como as restrições de mobilidade, a resignificação do carro de boi e do carreiro e a atenção dos órgãos públicos para atender as demandas dos carreiros a partir do processo de mobilização ora apresentado.

Outra característica nesse processo de mobilização foi a repetição do Encontro, sobretudo na recriação anual dessa narrativa do carreiro e dos carros de boi enquanto tradição e bem cultural local, em que as performances (LANGDON, 1999) em várias situações, em particular o desfile pelas ruas do município e a chegada a praça, da maneira como foi construída, reitera uma visibilidade positiva.

Ainda nesse contexto e destacando outras formas de mobilização para incentivar os carreiros a participar e chamar a atenção da comunidade local, foram realizadas várias denominadas pelo grupo de “ações sociais” dentro do município. Eram intervenções que aconteciam nos meses anteriores ao encontro ou no mesmo final de semana do Encontro.

Algumas foram ações de saúde como a Carreta da Mulher³⁵, caminhão baú adaptado com vários consultórios e estrutura para realização de exames de saúde específicos às mulheres e o Viva Cidadão³⁶, órgão responsável pela emissão de documentos pessoais, alguns pagos, que eram emitidos sem custo nenhum como: RG, CPF e Carteira de Trabalho por Tempo de Serviço - CTPS e também algumas vezes ocorreram atendimentos com funcionários do Instituto Nacional de Seguridade Social - INSS³⁷. Toda estratégia para levar mais destaque para o encontro e associar benefícios. Alguns chamavam de responsabilidade social.

Seguindo a mesma linha, instituições de ensino profissionalizante particulares do município também realizavam ações voltadas para o público local, nesse caso, procedimentos estéticos como corte de cabelo, manicure e pedicure, avaliação nutricional que aconteciam no sábado durante o dia.

Todo esse esforço de juntar pessoas, comunidades, carreiros e todo agente que pudesse empreender algum tipo de energia para a realização, ao que parece, era uma das estratégias utilizadas. E aqui contribui Cândido (2010, p. 231) quando assinala sobre os “[...] fatores de persistência, ou permanência, os que contribuem para a continuidade dos modos tradicionais de vida; e de transformação, os que representam a incorporação aos padrões modernos.”, percebidos em seu estudo sobre os caipiras de Rio Bonito.

Sob o mesmo ponto de vista, sobre os “caipiras” de Cururupu em seu processo de mobilização foi possível perceber, assim como no exemplo, pontos correlatos. Sobre os “fatores de persistência”, é coerente relacionar a segurança dos carreiros a respeito de suas atividades, em nenhum momento foi pensada alguma possibilidade de mudança para se adequar às restrições de tráfego ou mesmo ao próprio Encontro, por exemplo. Quanto aos de “transformação” apostamos na realização do Encontro, sob o aspecto junção de esforços para sua realização, a perspectiva do carro de boi passar para o rol das referências culturais locais e a presença em redes sociais.

Esta, outra estratégia de mobilização, divulgar através dos meios de comunicação. Por várias vezes, em vários anos, foram enviadas solicitações para a

³⁵ [Carreta da Mulher Maranhense e Ônibus Lilás estarão em Cururupu: diversos atendimentos em saúde | Portal Icururupu](#)

³⁶ [Viva Cidadão realizará atendimentos em sete municípios pelo Programa Rota da Cidadania](#)

³⁷ O membro do INC José Luís Carvalho é servidor dessa instituição e conseguia mobilizar esses serviços para Cururupu porque nesse período não existia agência no local.

realização de reportagens sobre o encontro, algumas com êxito como descrito no tópico seguinte.

3.1.1 Mobilização através da mídia

Desde o primeiro Encontro sempre houve o desejo de divulgá-lo, de levar o mais longe, o tanto quanto possível. Uma das estratégias foi a divulgação através da televisão e também da internet com o objetivo que se transformasse em algo regional. Nos meses que antecedem novembro, eram enviados ofícios convidando as emissoras de televisão para que fizessem a cobertura do Encontro, eram releases³⁸ e sugestões de pauta para as emissoras que se entediam que tivessem algum interesse nesse tipo de história. Objetivo que foi alcançado algumas vezes sendo transmitido em rede estadual e nacional em reportagens especiais.

No que observei dos organizadores do encontro, existe um dilema relacionado ao campo midiático que é o risco de se manter fiel à ideia original ou se colocar cada vez mais enquanto um produto cultural. Ao mesmo tempo, o receio de em algum momento perder o controle organizacional do encontro ou a necessidade de divulgar o que acontece durante aquele período através dos meios de divulgação disponíveis.

É mister analisar o evento enquanto espetáculo midiático com todas as deferências necessárias que não podem ser deixados de lado, tendo em vista que são estratégias utilizadas pela organização que, de algum modo, refluem para o fortalecimento da identidade do carreiro desde as primeiras edições do carro de boi.

Por conseguinte, sempre foi objetivo da organização do encontro, torná-lo grandioso. Sempre era uma discussão recorrente, inclusive, a partir da ideia inicial, que era realizar não um encontro, mas, um festival de carros de boi, que fosse estadual, com grande cobertura da imprensa e com apresentação de artistas de expressão nacional. O que com o tempo foi sendo ajustado à realidade e conjuntura do grupo, especialmente, nas questões da necessidade de investimentos e mobilização.

E nesse processo podemos perceber que,

³⁸ Ferramenta de comunicação fundamental no trabalho de divulgação e difusão de informações. [...] podemos defini-lo como um material informativo, cujo objetivo é servir aos jornalistas de redação com conteúdos relevantes sobre uma determinada marca ou produto. Disponível em: <https://www.comunique-se.com.br/blog/o-que-e-release-assessoria-de-imprensa/>.

Significados possíveis do verbo mobilizar são os de “dar movimento”, “pôr em movimento ou circulação”. É relevante observarmos que, quando projetos e movimentos lutam por determinadas causas, há um desejo de “movimentar” as estruturas, os significados, os entendimentos acerca de algumas questões. A propósito, o termo “mobilização social” pode levar ao entendimento de uma série de movimentos distintos. (MAFRA, 2008, p. 33).

Isto posto, sempre foi uma estratégia muito clara, dar visibilidade ao encontro. Essa era a maneira de maior alcance para reforçar e, para muitos, apresentar pela primeira vez, que naquela localidade existem dezenas, talvez centenas de carros de boi e que em sua base há uma gama de conhecimentos muito próprios e que a imprensa pode contribuir na divulgação que se pretendia grande. Ou seja, divulgar a causa dos carreiros, que a princípio eram percebidos enquanto mantenedores de uma cultura.

Passou a se cogitar como mobilizar esses interesses dessas empresas em querer divulgar o encontro e já no segundo ano foi possível levar para Cururupu uma equipe de reportagem da TV Mirante, chefiada por Regina Souza. Não ocorreu porque no dia em que chegou ao município, um dia antes do evento, houve uma rebelião na delegacia local e ela teve, no jargão do jornalismo, um “furo de reportagem” que acabou não cobrindo o evento. Mas acabou ocorrendo em outras três oportunidades em anos distintos, inclusive por emissoras de repercussão nacional.

Especificamente, analisando pelo viés da mobilização midiática, conseguimos perceber “[...] três dimensões de análise para entender, caracterizar e diagnosticar estratégias de mobilização social: a dimensão *espetacular*, a dimensão *festiva*, e a dimensão *argumentativa*”. (MAFRA, 2008, p. 54), como analisamos abaixo:

Na dimensão espetacular, como o termo já indica, vamos verificar, nos termos do espetáculo, da busca por essa midiaticização para alcançar os objetivos do encontro. E, pelo bem de uma análise com mínimo afastamento, é preciso verificar até que ponto o carreiro ainda é o principal foco de tudo que vai sendo pensado.

[...] entendemos que essa dimensão tem como objetivos chamar a atenção, despertar o interesse, capturar a atenção dos sujeitos; sair do ordinário; promover existência pública às causas sociais; enfim, a partir do espetáculo, o projeto de mobilização aparece [...] (MAFRA, 2008, p. 54).

De certo que espriar a informação da existência desse meio de transporte e tudo o que envolve, era a intenção quando se cogitava mobilizar através da mídia, sobretudo televisiva, buscava-se contribuir para a divulgação de maneira que mais pessoas alcançadas mostrando uma história que para muitos é desconhecida. Em

geral, nas primeiras reuniões de mobilização fora de Cururupu, sempre haviam reações de surpresa e desconhecimento nas secretarias e outros órgãos onde oficiamos pedindo algum tipo de ajuda para o Encontro, por existir carro de boi atualmente no Maranhão.

Recordo que acompanhei a produção de uma das reportagens e a pose para dar entrevistas, a luz do local, fazer algo que não estava planejado para que fosse filmado e mostrar um dia de trabalho apenas aquela finalidade. Como observei acompanhando uma entrevista para a TV Mirante. Já percebia ali uma certa objetificação do carreiro, passava a ser um produto que precisa estar apresentável e que a imagem interessava muito mais que, em alguma medida, o seu discurso. Ao que parecia, a imagem importava muito mais que o que havia por trás. Era preciso estar o mais interessante possível.

Após o espetáculo de atrair os olhares existe a segunda dimensão, sendo a festiva,

[...] entendemos que esta dimensão tem como objetivos permitir o engajamento *in loco*, “corpóreo”, dos indivíduos, permitir a vivência e o lúdico; encontra-se expressa em manifestações de rua, festas populares, eventos e momentos de encontro planejados por projetos e mobilização social; [...] (MAFRA, 2018, p. 54)

Esse ponto refere ao desfile pela cidade, ao encerramento na praça, momento em que são entregues os certificados, os troféus aos carreiros. Particularmente é o principal momento do encontro, encerra-se com aplausos efusivos aos donos da festa, que saem extasiados com a receptividade com que são acolhidos naqueles poucos minutos que passam em frente ao palco, é chamado pelo seu nome, assim como, os dos seus animais.

Sobre a última dimensão, Mafra (2018, p. 54) afirma que

[...] esta dimensão tem como objetivos tornar disponíveis publicamente argumentos que justificam uma transformação coletiva mais ampla; dar aos indivíduos condições para entender as razões de existência pública de uma causa; estimular a incorporação de demandas propostas; estimular e sustentar o debate público.

É possível perceber que o discurso de que o carreiro ou a atividade de carrear ultrapassa as restrições impostas; a considerar carrear um ofício, assim como o que fabrica o carro de boi. E que tudo isso tem forte peso cultural são relativos à resistência e a mobilização realizada. É fortalecer a noção para a comunidade e aos próprios agentes sociais (os carreiros), argumentos que ajudem nesse processo de

autorreconhecimento de que o carro tem base histórica, cultural e social para garantir a realização de um encontro desse porte.

Afinal, não há espaço para concorrer com meios de transporte como motocicletas, automóveis e caminhões, que conseguem fazer o mesmo trabalho de forma mais rápida e eficiente, isso é inegável. Inclusive não observei esse espírito reacionário nas falas dos carreiros, ao contrário, suas queixas estão relacionadas ao direito de circular e de possuir o seu carro de boi.

Situação apontada no inventário cultural de Cururupu: “[...] O carro de boi em Cururupu é uma referência cultural prestes a desaparecer, devido ao uso de novos meios de transporte como motos, bicicletas e carros que chegaram à cidade devido aos efeitos da modernização e globalização. [...]” (SANTOS e LEITE, 2020, p. 90)

Por conta disso, a questão das restrições, sujar a cidade etc, ficam subsumidas em detrimento do discurso mais eloquente que é o da proteção e defesa da cultura local. Elevando o carreiro à condição de agente da cultura local, o que não é menos importante e é uma causa digna de toda a mobilização existente, mas, de certa forma, apaga as questões mais pragmáticas como, por exemplo, a segurança dos carreiros em trechos asfaltados.

Em suma, seja na dimensão do espetáculo, em que atrair é necessário, chamar a atenção das pessoas para o que se propõe; a festiva, onde o desfile, o lúdico, o recreativo, são experimentados por todos; e, por último, a argumentativa, em que as questões que devem ser pontuadas são tratadas, ajudam a compreender os processos do encontro, inclusive os conflitos.

3.2 Certificados, Convites - Outras Estratégias de Mobilização

Uma das estratégias para atrair os carreiros para que participassem do Encontro, logo passou por um deslocamento ocupando um espaço que não havia sido cogitado. Descrevo neste item como os Certificados de Participação entregues aos carreiros ganharam importância, de certa forma, singular.

Uma curiosidade é que depois do primeiro ano que se passou a entregar os certificados, não foi possível mais deixar de fazê-lo. Tornou-se um compromisso, quase uma tradição dentro de outra, dado o interesse dos carreiros. Esse tipo de

oficialização, acabou dando certo reconhecimento para o próprio carreiro e para outras instâncias.

[...] a oficialização tem sua completa realização na *manifestação*, acto tipicamente mágico (o que não quer dizer desprovido de eficácia) pelo qual o grupo prático, virtual, ignorado, negado, se torna visível, para outros grupos e para ele próprio, atestando assim, sua existência como grupo conhecido e reconhecido que aspira à institucionalização. (BOURDIEU, 1998, p. 118)

Uma oficialização que também vai ao encontro de fortalecer essa identidade, o carreiro, especialmente nessa condição, durante a realização do encontro, como sublinhado, está visível para seu grupo social, apresentado de outra forma, em uma visão diferente da que estão acostumados. Apresentado com suas melhores características, vamos dizer, sua melhor roupa, como se fosse a uma festa ou um encontro.

A ratificação da importância foi percebida quando em um dos anos em que foi feita uma quantidade de certificados e alguns carreiros não receberam, houve ameaças de não participarem mais no ano seguinte, ao lado de toda a indignação que se possa imaginar. Foi um problema que demorou a ser resolvido, mesmo deixando claro que os certificados seriam entregues em outro momento. Um deles comentou: “participo desde o primeiro carro de boi”, reivindicando uma autoridade por acreditar no encontro desde o primeiro ano e que não poderia ser deixado de fora.



Imagem 19 - Certificados do VII Encontro de Carros de Boi. Fonte: Arquivo pessoal. Data: novembro/2019.

Todas essas situações e a pertinência de um documento para aquelas pessoas nos levam a considerar algumas possibilidades. A primeira alude ao fato

desses participantes serem observados pela organização do “Encontro”, por assim dizer, de uma maneira mais formal. A partir de certo momento, trabalhadores rurais, agricultores e lavradores recebem um certificado de participação, algo que para pessoas acostumadas com essa rotina, talvez nem seja algo interessante. Contudo, alguns ou todos, nunca tiveram um documento como este, por conta do pouco letramento e as oportunidades de outro tempo vivido e de repente a certa altura da vida, alguém os reconhece enquanto agentes sociais que dominam certa área de conhecimento, que até então não cabia nenhum tipo de homenagem.



Imagem 20 - Certificado do XI Encontro de Carros de Boi. Arquivo pessoal. Data: novembro/2019.

A segunda é que este certificado de participação, com o troféu, é uma espécie de acolhimento. Afinal, o carreiro foi convidado a participar, a ser o foco de uma festa entre e com a participação de seus pares, dentro da sua comunidade. Uma contribuição na ressignificação de uma identidade a partir de um documento. Ressignificado socialmente, superando restrições de toda sorte, ocupando espaços até então desconsiderados, sobretudo no campo cultural, enquanto parte desta. E individual, passando a se reconhecer como importante no cenário local enquanto detentor de saberes e fazeres relevantes.

Isto é, “[...] percebe-se a consolidação de uma identidade coletiva, que está sendo construída a partir de uma consciência de si manifesta pelo agrupamento em torno de uma categoria de auto definição. [...]” (ALMEIDA, 2011, p. 163). Que caminha em dois sentidos, fortalece o carreiro individual, coletivamente e internamente no(s)

grupo(s) social(is) a qual pertence. Em que “[...] tais transformações ressaltam a passagem de agentes sociais a eles referidos, de uma existência atomizada para uma existência coletiva. [...]” Ibid.

É a possibilidade do convencimento pela exposição pleiteando o direito de ser visto de outras formas. Expressa de forma efetiva nos certificados, no convite e também nos cartazes. Tudo estratégia para incentivar mais carreiros a participar e divulgar o encontro, além de buscar expandir as fronteiras do encontro.

Como assevera Mafra (2008, p. 71) é um esforço para atrair,

[...] mais do que ser convidado, é preciso que o sujeito se sinta convidado: para participar das novas regras instauradas no momento festivo que é necessário que haja identificação, acima de tudo com os anfitriões - aqueles que convidam e organizam a festa - e em outros sujeitos que estarão presentes e serão convidados.

Também não é possível desconsiderar que esse convite, em sentido figurado, feito no início, anterior ao primeiro “Encontro” foi feito por uma liderança local, estava presente, não só um membro da comunidade, mas um carreiro, um igual, que compartilha a mesma atividade e das mesmas alegrias e dores. Além da sua experiência com grupos sociais e mobilização política, e reiterando o fortalecimento desses indivíduos e da categoria carreiro.

Cabia, portanto, atrair essas pessoas para aderirem ao evento, como está expresso no convite. Mais uma estratégia para aumentar a quantidade de adesões e, por consequência, o número de carros de boi no encontro.



Imagem 21 - Convite elaborado pela Comunidade de Rio de Pedras. Fonte: Arquivo pessoal. Data: novembro/2015.

Fazendo uma rápida análise de parte do texto em que está escrito: “convida você, sua instituição; Comunidades e Grupo para participarem”. De fato, um chamamento à participação dos carreiros da região. Reforçando a importância das comunidades de origem e a possibilidade de saber qual obteve mais carreiros participando e no grupo. Trata-se da ideia de pertencimento aos carreiros, grupo prestigiado no encontro.

Como o que ocorreu quando temas foram acrescentados reforçando uma mensagem para os encontros e passaram a ser colocados nos cartazes, que vão muito além das informações de serviço - data, local e hora. Em todas as edições do encontro foram elaborados cartazes, e a partir de certo momento, eles passaram a exibir também um tema sobre o carro de boi daquele ano. Passou-se a considerar que o encontro era um momento de visibilidade e poderia ser usado enquanto tal. Trazendo visibilidade e politização, como podemos observar nos exemplos a seguir.

Que, aliás, antes de qualquer análise, a escolha dos temas do encontro também foi objeto de disputa entre as lideranças de Rio de Pedras e o INC, justificada com a argumentação de que “São Luís não poderia decidir tudo sozinha”, o que foi acatado passando a ser feito um revezamento em que a cada ano um grupo escolhia o tema a ser utilizado no encontro.



Imagem 22 - Cartaz do V Encontros de Carros de Boi de Cururupu. Fonte: Arquivo pessoal. Data: novembro/2013.

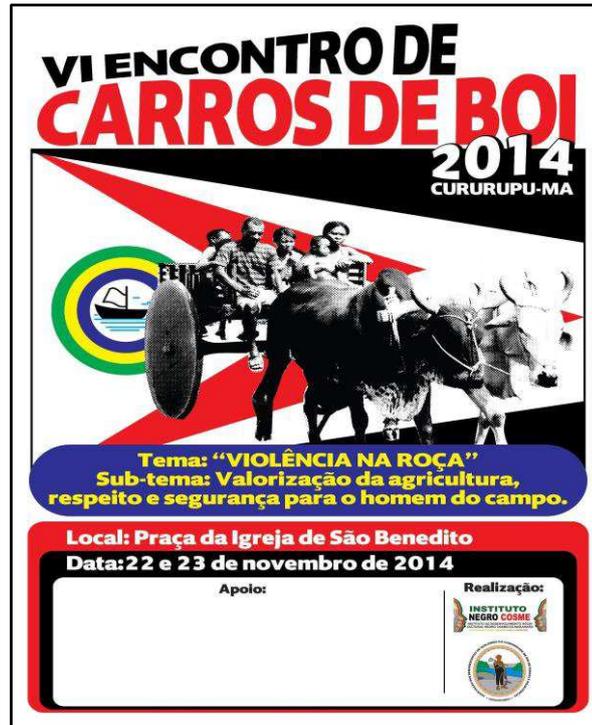


Imagem 23 - Cartaz do VI Encontros de Carros de Boi de Cururupu. Fonte: Arquivo pessoal. Data: novembro/2014.

De volta aos cartazes, eles passaram a ser utilizados como mais um meio de comunicar mais efetivo quando temas foram sendo pensados e que hoje é possível perceber os contextos em que foram produzidos e planejados pelos grupos. Como no exemplo acima, em que o tema: “Vozes que libertam” e o subtítulo: “uma expressão de amor para o resgate da raiz cultural”. Aludia, em minha análise, a vontade de existir, onde o carreiro não tinha voz. O que é complementado com um apelo aos afetos e o resgate da raiz cultural local que corresponde ao carro de boi.

Verifico que o intuito é passar uma mensagem, é marcar o momento histórico para aquele grupo, em razão de suas necessidades e de suas possibilidades a partir da consolidação do encontro. Percebeu-se que se podia um pouco mais além da comemoração.

Outro exemplo ainda mais eloquente do contexto vivido e o tema e subtítulo do encontro, onde as mensagens utilizadas saíram de um sentido mais metafórico sendo direcionadas para as questões práticas, como no cartaz apresentado em que o tema era: “Violência na Roça” e subtítulo: valorização da agricultura, respeito e segurança para o homem do campo”. Ocorre que nesse ano estavam ocorrendo muitos roubos de gado e uma das formas de reivindicar mais segurança, que era um assunto discutido nas reuniões realizadas, em que os carreiros perguntavam o que a

organização do evento faria para resolver isso. Um dos resultados práticos foi que a mobilização iniciou a partir do cartaz. Onde era reputado a condição de insegurança e o risco iminente dos animais desses trabalhadores serem roubados.

Uma das frentes de reivindicação, talvez a mais importante, foi ameaçar não participar do encontro naquele ano por sentirem seus animais ameaçados. Uma maneira mais eloquente de exigir uma solução para uma questão que afetava, em primeiro lugar, apenas o carreiro, mas que a passou a ser, inclusive da organização e em última instância das comunidades. A partir daquele momento todos estavam preocupados com a situação, ainda que não fosse pelas mesmas causas diretamente.

Nesse cenário, onde os temas dos cartazes dão sinais dos contextos em que foram elaborados, é pertinente constatar que têm relação com a tradição, a cultura e a resistência de alguma forma. Apenas uma exceção ocorreu, em 2017 as mulheres foram homenageadas com o tema: “As mulheres do campo semeando os frutos desse chão”, algo fora do esperado, sobretudo, pela majoritária participação masculina, que por hora não teremos fôlego para ser discutida com a profundidade necessária.

Não obstante, existe uma repetição, a realização do encontro possui um caráter reivindicatório, e palavras como “tradição”, “resistência”, “passado”, “presente”, “ancestralidade” ou “memória”, aludem a essa reivindicação de que o carro de boi deve ser preservado são os carreiros, agentes sociais de uma manifestação de uma brincadeira que precisa ser enxergada de outra forma, como é possível observar na tabela abaixo.

Ano	Edição	Título
2009	I	Não houve
2010	II	Não houve
2011	III	Não houve
2012	IV	Não houve
2013	V	Não houve
2014	VI	Vozes que libertam: uma expressão de amor para o resgate da raiz cultural
2015	VII	Do passado para o presente, carro de boi pela tradição familiar
2016	VIII	Carreiros unidos para fortalecer a cultura dos lavradores
2017	IX	As mulheres do campo semeando os frutos desse chão
2018	X	Carro de Boi a Voz da Resistência
2019	XI	O som da ancestralidade e o resgate da memória.

Tabela 1 - Lista de temas e subtemas do encontro de carro de boi de Cururupu. Elaboração própria.

É pertinente considerar que foi havendo um posicionamento político mais forte e um fortalecimento do próprio encontro em que novas demandas foram sendo colocadas, um certo refinamento, em pleitear novas questões, entretanto, sem esquecer as anteriores.

3.3 O Carreiro Não é Só Carreiro

O jogo de palavras utilizado é para chamar atenção sobre essa categoria e, mais do que isso, permitir uma discussão sobre outros pontos observados. Em particular, as discussões não se referem a identidade, mas, o trabalho, a atividade de carrear, na sua extensão. Quando afirmo que o carreiro não é só carreiro, está baseado na informação que, de forma geral, os carreiros possuem uma ou várias outras atividades que garantem o sustento da família ao mesmo tempo, ou associadas ao carro de boi.

Grande parte daqueles com quem conversamos se identificam como lavradores, ou seja, o trabalho na roça em suas várias possibilidades, mas existem outras. Um exemplo, é o S. Florinaldo, como mencionado anteriormente, se apresenta como pescador e dono de roça, essa última, outra categoria. Mesmo tendo carro de boi e dominando os conhecimentos necessários.

Cabe pontuar ainda que não analisamos como um demérito se apresentar ou não como carreiro. Por outro lado, tentamos compreender porque o meio de transporte com um lugar social e afetivo na vida desses indivíduos não garantem uma “identificação direta” conseguindo reunir carreiros e realizar uma festa. Podemos acrescentar a mobilização de vários anos e participação efetiva de um número considerável de carreiros e a repercussão social em volta, tendo em vista, o número de pessoas nas ruas e na praça, na parte final do encontro eles se reconhecem, inicial e principalmente, como trabalhadores rurais e, de forma secundária, ou para mediar alguma questão mais pragmática são carreiros.

Sempre nos chamou atenção que carrear não é a atividade principal, em grau de importância, por não ser a responsável pelo sustento direto da sua família. O carreiro não adquire o carro de boi e os bois, não adentra os animais para cobrar pelo transporte de cargas, por exemplo. A aquisição é feita para atender suas

necessidades de transporte e o que representa, seja pela tradição, por gostar desse tipo de atividade ou da lida com os animais. O que abre outra frente de verificação.

Refletindo um pouco mais sobre as atividades exercidas pelo carreiro e como faz isso, existem aqueles que comercializam cabeças de gado, trabalhadores rurais, donos de roça, pescadores, além de outras atividades que não estão restritas ao trabalho direto com a lavoura, como carpinteiros e pedreiros, ainda que essas últimas não excluam o trabalho na roça.

Entendo pertinente essa reflexão considerando que a necessidade de gerir recursos muitas vezes obriga os indivíduos a deixar de realizar o que de alguma forma o realiza, uma atividade que o mantém conectado às ruas raízes afetivas e relacionadas a tradição. Resultando em outra categorização, os que não possuem carro de boi, mas que trabalham para quem tem, e os que são proprietários. Com a ressalva que aqui se trata de outro contexto, contudo, uma dinâmica, da forma como está apresentada, que se espalhou pelo Brasil. Como pode se acompanhar nas especificações abaixo.

Os primeiros, ou seja, os assalariados são empregados da fazenda, por via de regra permanentes moradores em terras da propriedade em que trabalham, gozando de tais ou quais regalias entre os trabalhadores rurais, dadas a sua especialização, avaliadas coisas, que se lhes confiam e a importância dos serviços, que executam: são trabalhadores diaristas ou mensalistas. (SOUZA, 1958, p. 421)

E continua,

Os segundos, ou seja, os ambulantes, são em geral, pequenos proprietários, que exploram a indústria dos transportes rurais entre as localidades do interior, não raro suprindo de vários gêneros (lenha, produtos da lavoura, materiais de construção etc.), ou mesmo, alegam o seu trabalho às propriedades durante os períodos das colheitas ou das safras: são trabalhadores autônomos, que vendem os lucros de um frete ou de um ajuste previamente acordado. (SOUZA, 1958, p. 421)

Nesse caso, destacamos uma questão importante. O autor considera carrear parte da produção, tão forte parece ser o peso econômico ou a quantidade de carros de boi existentes durante sua pesquisa, ficando patente a mudança se comparado com o que foi observado no contexto econômico atual, em que o carro de boi ficou restrito a eventos religiosos ou culturais em alguns pontos pelo país.

No caso cururupuense, a atividade se desloca do campo econômico, como uma forma de garantir o provento familiar e vai para o campo do atendimento das

necessidades de transporte do carreiro no seu trabalho na lavoura. Melhor explicando, o carro de boi não tem objetivo precípua de ser a fonte do sustento do carreiro, mas é elemento importante nesse contexto. De todo modo, pode se considerar que o resultado de cada dia trabalhado é garantir o sustento através do seu trabalho, seja carreando para si ou para um terceiro, essa é parte do modo de vida dos carreiros.

O que nos leva a considerar que carrear é uma atividade muito importante, sobretudo representando, como é possível constatar na transcrição do depoimento de Pedro Borges Chaves “[...] o acessório mais importante de um lavrador é uma casa de forno, um catitu para cortar mandioca, a massa que vem do poço e uma junta de boi para buscar mandioca na roça. [...]” (informação verbal)³⁹.

Como podemos observar como a identidade do carreiro foi sendo apresentada por eles e qual lugar ocupa considerando que não é sua atividade principal, parece existir uma ordem, como descrita no destaque acima, mas está no mesmo patamar, embora possa indicar certa hierarquização: primeiro uma casa de forno - para a produção de farinha, um catitu - para ralar a mandioca, nesse caso a massa e, por fim uma junta e carro de boi. É evidente que não é coerente generalizar um depoimento, mas ele aponta o lugar ocupado pelo carro de boi. É uma atividade importante para eles pelo que representa, mas não se sobrepõe às atividades relacionadas à agricultura, ao que parece, estão ligados.

Certamente ocorreu uma mudança relevante, seja no lugar econômico/financeiro ocupado por este meio de transporte que não tem como concorrer com a tração mecânica de automóveis e caminhões. O que é muito diferente de ter que criar e adestrar um animal, ensiná-lo a puxar uma grande carroça de madeira, além da alimentação, cuidados com saúde, etc.

Os mecanismos do capitalismo exigem rapidez, o que não combina com o passo dos animais embalados pelo canto do carro de boi. O que aponta certa dinâmica e um manejo relacionado a essas identidades, onde é possível acrescentar a esta discussão algumas estratégias que os carreiros utilizam, que se por um lado desromantizam a prática de carrear, do outro buscam soluções para seus dilemas da vida prática. E uma das histórias que chamou atenção para a necessidade de realizar um estudo sobre o Encontro, ocorreu em um dos anos em que presenciei uma

³⁹ Registro do arquivo pessoal feito em vídeo. Informação verbal fornecida por Edilson de Jesus Sá, em novembro de 2015.

conversa muito interessante e possui relação direta com os acionamentos identitários observados.

Enquanto todos aguardavam os carreiros se organizarem antes de passar em frente ao palco, eu fazia algumas fotos e um senhor pediu que eu fizesse uma foto do seu trabalho. Apontando para carros de boi em miniatura feitos por ele. Fiquei surpreso, em geral, não pedem esse tipo de coisa, pelo menos até então. Ele já estava pronto e fazia pose para que eu o fotografasse.

Era um homem de cerca de uns 60 anos, pele escura, um bigode fino que emoldurava um sorriso de felicidade, cabelos ralos e lisos. Estava de bermuda e camisa com alguns botões abertos. Em seus ombros, de um lado a outro, carregava uma grande vara de aproximadamente 1,5 m, e nela, uma espécie de cama feita de uma fibra vegetal muito bem trançada. Como ele já estava preparado, rapidamente fiz as fotos, mostrei para ele, que aparentou ter ficado feliz com o resultado.

Mas, antes de nos despedirmos, uma senhora, uma mulher negra, lembro vê-la, bem cedo, aguardando o desfecho do desfile e que certamente o conhecia. Com certa indignação e autoridade perguntou por que ele se deixou fotografar com aquelas coisas. Por que não tirou foto com o carro de boi? E sustentou: como ele iria comprovar ser lavrador se estava fazendo foto com outra coisa? Ele desconversou, sorriu e argumentou algo que não lembro. Demonstrando algum constrangimento, confesso que não quis escutar o fim da conversa, me sentindo um pouco responsável pelo ocorrido.

Trago esse acontecimento, considerando os acionamentos realizados, o encontro de carros de boi, postula espaço para o carreiro, mas não se restringe a isso, eles próprios descobriram que a atividade pode servir para comprovar a ocupação de trabalhador rural calculando a possibilidade de pleitear a sua aposentadoria. E, nessa perspectiva, podemos entender a pertinência da senhora que interpelou seu colega, alertando para aproveitar aquele momento para gerar respaldo quando fosse possível recorrer à aposentadoria como trabalhador rural e não se afastar disso.

Nessa mesma linha, tive acesso a outra história que vai de encontro com a anterior e que chegou através de uma das lideranças locais, infelizmente, nunca consegui encontrar o seu dono. Ocorre que em um atendimento no posto do Instituto Nacional de Seguridade Social - INSS, o lavrador já estava sem opções para comprovar seu trabalho como trabalhador rural. O servidor, vendo que aquele senhor

estava com uma pasta com alguns documentos, resolveu pedir para examiná-la. Dentro dela estavam alguns certificados de participação do encontro de carros de boi, o que resolveu a questão e a solicitação de aposentadoria pode ser realizada.

Nas duas oportunidades, destacamos a atitude pragmática visando resolver uma questão objetiva, foi a maneira de atender as necessidades, a última em especial muito importante que é a garantia de um benefício social de homens que possuem idade superior a 65 anos, uma das condições para solicitar aposentadoria rural. E, mais uma vez, sinalizando a faixa etária da grande maioria dos carreiros, senhores com idades próximas ou suficiente para solicitar aposentadoria e os carreiros rapidamente perceberam essa possibilidade.

Tendo em vista o exposto, é preciso sopesar as considerações de Sahlins (2003), sobre a *utilidade* que a cultura pode apresentar. O que não significa dizer, que se trata de sugerir certo utilitarismo, contudo, o atendimento de uma necessidade em situação que a princípio nunca foi imaginada, ou mesmo, possível. Durante minha participação - mais efetiva - não observei algo nesse sentido, de realizar uma festa, um encontro que fosse suficiente com a finalidade de conseguir um bem específico. Atesto que a situação foi muito mais um caso fortuito que teve bom encaminhamento, embora tenha aberto um leque de possibilidades para o encontro. Foi somente um acontecimento do acaso, um resultado inesperado e positivo para aquele carreiro.

3.4 O Carreiro e Algumas Questões

Estabelecendo uma hierarquia a partir da importância, o carreiro para o encontro, para as discussões trazidas é o principal agente, muito embora seja discutível sua força política, ou mesmo, decisória, sem esse personagem não haveria encontro de carros de boi. Reconhecendo esse lugar tão importante buscamos tratar com mais destaque à figura deste indivíduo que domina a técnica de conduzir o carro de boi e todos os conhecimentos necessários para a execução dessa atividade.

O primeiro lugar é preciso considerar que existe uma tríade formada pela carroça de madeira, pelos animais e seu condutor. Este, no que lhe concerne, precisa ter os conhecimentos necessários e específicos sobre: tanger os animais atrelados ao carro, e nesse caso, higiene, alimentação, manutenção do local onde os bois ficam,

etc; conhecimentos sobre a carroça - como fazer o carro cantar, consertos básicos; mas que não se restringe a essa atividade. Além de ser responsável pelo investimento financeiro para sua fabricação e a compra das cabeças de gado e pela *adoma*, como explicou o Sr. Florinaldo Silva, termo local equivalente a adestramento.

Quanto à origem dessa categoria dentro das comunidades, buscamos termo equivalente, algo mais específico, porém não encontramos. Contribui a pesquisa de Souza (1958, p. 411) que identificou várias denominações correlatas em diferentes regiões brasileiras.

[...] se chama carreiro, carreteiro, tangedor, tangerino, tocador: carreiro é denominação usada em quase todo o país; carreteiro é o termo corrente no Rio Grande do Sul, no sul de Santa Catarina (Criciúma, Tubarão e São Joaquim) e também ao sul do Mato Grosso e no território de Ponta-Porã; tangedor se diz no sertão da Paraíba e de Pernambuco; tangerino em municípios do Piauí e Ceará; tocador é um nome que se ouve em algumas zonas de São Paulo e em municípios de Goiás (Corumbá e Mourinhos). [...]

Essa grande variação reflete a amplitude de inserção do carro de pelo Brasil em quase todas as suas regiões, com menos recorrência na região Norte. O que não esconde o esforço de muitas comunidades pelo país em realizar encontros, festivais ou mesmo grandes comboios de carros de boi. Nomes diferentes, mas um mesmo objetivo, manter essa tradição.

Retomando o entendimento sobre o que é um carreiro, se eu mesmo fosse conceituar esses indivíduos, diria que são homens que tocam o carro de boi, na realidade são responsáveis por tudo que seja relativo ao carro de boi com exceção da fabricação deste, fora isso tudo é de sua responsabilidade e conhecimento e o faz com leveza, não se envaidece, são homens simples com uma gama de saberes e fazeres.

No seu volumoso estudo SOUZA (1958) aduz uma definição sobre o carreiro:

O carreiro ou carreteiro é propriamente o condutor do carro de bois, responsável antes do mais, pela sua eficiência, segurança e utilidade. [...] é, de regra, um homem que se especializou na direção de carros de boi e no trato da boiada que o tira: para tanto aprendeu a lidar com o veículo desde os verdes anos, auxiliando um profissional. (SOUZA, 1958, p. 412)

Ou seja, para exercer sua atividade, o carreiro precisa de uma gama de conhecimentos, adquiridos, para a maioria, desde a partir da mais tenra adolescência, período em que começa a ser inserido no meio com as primeiras lições.

Conhecimentos que vão sendo cada vez mais elaborados, que vão da higiene até a alimentação dos animais, como adestrá-los e, por fim, a condução do carro.

Observando, por outro ponto, todos esses conhecimentos e a relevância do carro de boi que foi sendo fortalecida a partir da realização do encontro. Não havia um cenário tão favorável para os carreiros. Situações que justificam a ideia da realização do encontro. Ou seja, o carreiro no exercício de sua atividade tem restrições dentro do município, particularmente, para não transitar nas ruas asfaltadas, pelo risco de quebrar o asfalto. A outra é o risco de causar acidentes de trânsito, porque pela distância e para aproveitar o clima ameno e não submeter os animais ao sol saem por volta de 4 horas da manhã, para chegar cedo e trabalhar o máximo possível retornando quando o sol já está se pondo. Por último, os dejetos dos animais que muitas fazem enquanto transitam. Existe a associação do carro de boi ao que já está superado, arcaico e ultrapassado.

Ressalto que estas sanções são informais, veladas, mas que são reconhecidas e respeitadas por eles como constatei em uma das reuniões que participamos em que se definia qual o percurso a ser feito pela cidade e um dos presentes informou que pelas ruas pavimentadas os carros de boi não poderiam passar. A mim causou estranhamento por não ser da cidade e não conhecer a cultura local, de fato é uma compreensão local. Observa-se nesse contexto que o carreiro domina as técnicas necessárias à condução do carro de boi e, em simultâneo, sofre com as sanções impostas sutil e socialmente pelo mesmo grupo social.

Impedimento que não é “privilégio” dos cururupuenses, como contam (FERREIRA E KLUG, 2014, p. 196) sobre o transporte de mandioca em carros de boi em uma região que virou um condomínio e que havia uma passagem para acessarem.

Hoje, este mesmo caminho encontra-se dentro de um condomínio particular, cujos moradores foram apontados como “dificultadores” desta passagem, sob a alegação que os animais trazem mau cheiro e, que os carros de boi fazem barulho que perturba os mesmos moradores.

E, neste caso, havia um espaço determinado para o trânsito de animais, o que não foi suficiente, será preciso acabar com o cheiro e o barulho, ou seja, a extinção da passagem dos carros de boi nesse local é uma questão de tempo. Em algum momento, algum morador irá lembrar que por ali passavam carros de boi transportando mandioca.

Em outro momento foi sendo percebido que a concorrência com outros meios de transporte ficou em desvantagem pelas necessidades do mercado, como demonstra o fragmento abaixo:

[...] assim as tropas ou comboios e cargueiros, outrora abundantes no interior do país, foram cedendo lugar ao moroso e pesado carro de bois que, não obstante generalizado, é combatido como daninho às estradas, e pouco a pouco, curvado as exigências do progresso, vai sendo substituído por veículos mais leves e ligeiros. (SOUZA, 1958, p. 132)

A virada de chave em Cururupu, ao que podemos apreender até aqui, é que o carro de boi passou a ser outra coisa que não somente um trabalho, algo para auferir renda, garantir ou auxiliar no sustento da família. Mais do que isso, com a adesão dos carreiros em participar do encontro acabou alçando esta categoria a referência cultural da cidade, auferiu certa nobreza, mesmo sujando a cidade ou quebrando o asfalto.

3.5 Carrear - Um Ofício

Analisar criticamente determinadas atividades nos permite avançar em novas perspectivas e compreender alguns aspectos de forma mais nítida, pelo menos esse é o objetivo. O trabalho, a atividade de carrear ou tanger os bois ou qualquer outro termo equivalente que possa ser dado vai muito além da beleza e de todas adjetivações positivas, negativas ou críticas que foram sendo observadas durante essa pesquisa.

Isso tudo em um entendimento, que até então, não observei entre os carreiros que estão conseguindo mobilizar esforços para serem referências culturais locais, mas não observamos interesse em serem identificados como detentores de conhecimento referentes a um ofício, ao que parece não é um ponto importante, não alertaram, nem mesmo os organizadores do encontro ou das pessoas que orbitam em volta, sobre a possibilidade de consenso da atividade de carrear ser considerada um ofício.

Tendo como base que, anterior a isso, está um processo de aprendizado que, para boa parte dos carreiros, começa muito cedo, no início da adolescência, com o manejo dos animais, levar para dar banho, alimentar e cuidar do lugar onde ficam. São as primeiras responsabilidades e o princípio de uma relação duradoura.

Quando este indivíduo já adulto fará a inserção de outros jovens, como aconteceu com ele mesmo. Todavia, somente a partir da demonstração de alguma afinidade que esse processo continua, como entendeu Souza (1958, p. 417): “[...] Nem todos os homens têm bossa para isso [...]”, referindo a certa aptidão exigida para a realização da atividade. E nestes ciclos de aprendizados, vai aprendendo a carrear, a conduzir o carro, a adestrar os animais, dar nomes sugestivos, tudo dentro de um grande arcabouço de conhecimentos e práticas.

Curiosamente, os animais também são observados, nesse caso, a partir de seu temperamento. Somente os animais mais dóceis ou o *boi de carro*, já explicado em outro momento, que continuam na atividade. Em ambos os casos, tomadas as devidas proporções. Urge destacar o insucesso quando planejado descrever essas atividades, o que foi prejudicado pela impossibilidade realização do campo, exigência para essa tarefa. Obviamente não existe um manual escrito, da mesma forma, não há um roteiro.

Como exemplo, e considerando as impossibilidades impostas e não poder acompanhar a rotina de um carreiro e um jovem aprendiz, esta análise fica mais restrita à teoria, como está demonstrado na lista de algumas atividades que são responsabilidade do carreiro.

[...] a) amansar os bois de seu carro, ensinado-lhes os serviços, apresentando-lhes a capacidade nessa ou naquela posição ou junta; b) formar, todos os dias de trabalho a feira de tração, ou seja, encangar os bois, ligar uma junta à outra, atrelá-las ao carro, dejungindo-as ao fim dos trabalhos; c) dada a de marcha, tanger adequadamente os animais, sem violências e maus tratos; d) carregar e descarregar o carro com o auxílio do guia ou de outras pessoas no caso de arga grande peso por unidade; e) zelar pela conservação do carro, do seu equipamento, dos seus acessórios; f) velar pela saúde dos animais, que tiram o carro, proporcionando-lhes quando possível e sobretudo em longas viagens, boas rações e o necessário descanso para poderem ruminar tranquilamente; g) cuidar da carga que transporta; h) evitar acidentes na jornada, alguns dos quais põem em risco a sua própria pessoa, a do seu auxiliar e até a dos bois da tração. [...] (SOUZA, 1958, p. 417).

Como é possível verificar no fragmento destacado, o carreiro precisa para a realização de suas tarefas de conhecimentos variados e que vão muito além da aparente simplicidade do ato de tanger os bois até conhecimentos das características dos animais, alimentação, saúde, etc.

A propósito, considerar carrear um ofício⁴⁰ é uma proposição realizada que surge durante a escrita desta pesquisa, é uma categorização minha, tendo em vista que os próprios carreiros não se identificam enquanto tal. Compreendemos essa atividade, que para além da beleza, do trato histórico e riqueza cultural, inegáveis, contudo, existe outra atividade que os carreiros dependem, na realidade não existiriam carreiros sem ter quem construa o carro de boi, embora conheçam todas as peças do carro, não se arriscam em tarefa aparentemente difícil.

Sobre considerar o ato de construir carros de boi um ofício, segundo Santos; Leite (220, p. 27),

Ofícios e modos de fazer correspondem aos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades. Refere-se a atividades desenvolvidas por atores sociais reconhecidos como conhecedores de técnicas e de matérias-primas.

Aqui, mais uma vez insisto na ideia de que a atividade de carrear, assim como construí-los, é um ofício, como descrito na caracterização acima. São atividades com conhecimentos específicos, mas também compartilhados que dão conta desse tipo de trabalho, como eles preferem. Embora para o marceneiro que constrói o carro em geral é remunerada.

3.6 Dissensos

O encontro, como todo tipo de reunião de pessoas com o mesmo objetivo durante a realização de uma atividade, é grande a possibilidade de surgirem dissensos, tendo em vista que alguns temas e decisões vão causar esse tipo de situação, o que é parte da dinâmica social. O intento deste tópico é descrever e analisar algumas situações ocorridas que apesar de restritas aos organizadores, as vezes, chegam aos carreiros também.

De antemão, ressalto que não existe um inimigo, um combatente externo, por exemplo, uma luta por terras, uma causa que necessita da reunião de esforços para o enfrentamento, o que talvez até possa ocorrer com algumas das dezenas de

⁴⁰ De acordo com o dicionário, ofício significa: Toda ação e/ou trabalho em que a técnica, a habilidade e a especialização são necessárias: o ofício de padeiro. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/oficio/>. Acesso em: 12/02/2022.

comunidades que participaram do evento, com destaque para as que estão engajadas na luta por reconhecimento enquanto remanescentes de quilombo.

Considerando tudo isso, iniciamos pelas disputas pela manutenção do poder que ocorrem entre as lideranças, mas principalmente entre as comunidades, entre os grupos com total controle decisório. Mais especificamente o grupo de organiza o encontro busca desde o primeiro encontro, maneiras de garantir sua hegemonia, na realidade isso nem é colocado em debate.

Deixando evidente que as “disputas pelo controle político e econômico da festa também são frequentes.” (AMARALb, 1988, p. 16). Se o inimigo não é externo, os agentes que formam, uma espécie de núcleo duro onde são adversários, se relacionam e veladamente disputam quem pode mais, ainda que não haja alternância, mas as tensões sempre ocorrem. Nos casos observados, todo o esforço é para garantir a manutenção dessa autoridade.

Foi possível perceber que esse núcleo duro referido corresponde a coordenação do encontro (não sei se devo citar a Comunidade de Rio de Pedras), ressalto mais uma vez que me ateno à descrição do observado. Uma das situações era as críticas feitas à dinâmica do que era deliberado nos primeiros anos de realização do encontro.

De um lado ficavam em São Luís, os integrantes do instituto, planejando as ações que deveriam ser realizadas em Cururupu, e do outro, os integrantes da comunidade de Rio de Pedras que tinham que acatar e realizar tudo e que não gostavam de simplesmente executar o planejamento feito em outro lugar, sobretudo, sem conhecer a realidade local como deveria.

Por exemplo, a necessidade de inscrições antecipadas para que a partir dela se planejasse o que aconteceria, em poucas ocasiões isso foi feito. As lideranças de Rio de Pedras achavam desnecessário fazer isso com tanta antecedência, mas eram insistentemente cobradas por isso. O que gerava descontentamento e insatisfação de ambos os lados.

Por analogia e fazendo um exame, era uma imposição das pessoas da capital, embora conterrâneos, e apontava para a existência de uma hierarquia onde o poder de decisão estava com as pessoas da “cidade”, alguns com formação superior. Algo como se o outro grupo não tivesse condições de tomar certas decisões e planejar

por morar em um município afastado, talvez até mesmo pela instrução de seus participantes.

Havia ainda outro tensionamento interno e constante, embora velado, entre o INC e também com a Comunidade da Areia Branca quando passou a fazer parte do encontro, mesmo tendo a cada ano, sua participação fortalecida pelo número de carreiros que participavam, mas pela sua característica proeminente de forte organização coletiva, refletida na figura do seu Félix (sua casa era o local onde as reuniões aconteciam e onde era realizado o café da manhã), do seu Sr. Florinaldo Silva, entre outros.

Embora fosse uma questão de manutenção de quem decide, a tensão era mais voltada à Comunidade de Areia Branca. Uma demonstração foi quando eles manifestaram o desejo de realizar uma festa do carro de boi na própria comunidade após o encerramento, quando os carreiros retornassem para a comunidade e pudessem celebrar em casa com suas famílias. A ideia não foi aceita, inclusive com a revogação da permissão que havia sido emitida pela autoridade policial responsável pelas autorizações de festas na cidade. Um grande desentendimento com a ameaça inclusive de saída da Comunidade da Areia Branca do encontro de carros de boi, foi necessário a mediação do instituto para que tudo fosse resolvido. E, de fato, a festa que iria acontecer foi cancelada.

Ainda na resistência de Rio de Pedras em desfavor de Areia Branca, o início de sua participação no encontro só foi conseguido após muitas reuniões e insistência, mesmo na comunidade existindo muitos carreiros, o que iria aumentar o quantitativo de participantes só foi “permitida” após alguns anos de mediação.

Alguns argumentos davam conta que esta comunidade não era em Cururupu, depois, eu pelo menos, descobri o que separava era uma ponte com menos de 100 metros. Outro era que eles, os carreiros, não gostavam de sair da comunidade e, por último, o risco de acidentes ao atravessarem a mencionada ponte. De fato, nunca aconteceu nenhum tipo de sinistro. Concepção enviesada indo em direção oposta ao fortalecimento coletivo de uma atividade.

O critério de participação parece ser fundamental na definição das festas e, historicamente, negociações de vários tipos, entre diferentes classes sociais, estamentos, gêneros, etc., têm sido realizadas a fim de obter maior adesão às festas. Uma festa com pouca participação ou poucas pessoas não é considerada uma boa festa. (AMARALb, 1998, p. 17)

Esse medo em perder o controle da festa não se coaduna com a necessidade de maior quantidade possível de adesões e, por consequência, de carreiros participantes. Por outro lado, expõem a situação de que sozinha a comunidade de Rio de Pedras não pode desconsiderar a participação dos carros da Areia Branca por sua superioridade numérica.

Uma situação em que essa disputa ficou muito clara ocorreu em 2017, ano em que foi planejado que, a partir dali, haveria um revezamento de qual comunidade iria à frente do desfile. Desejo do grupo de Areia Branca, pela quantidade de carreiros apresentada e percebendo a força de sua participação no encontro, tudo apoiado pelo INC.

Em tal caso, como em todos os encontros, os dois grupos se encontravam em determinado ponto e a cada ano um dos grupos encabeçaria o desfile. Na teoria tudo perfeitamente combinado. Ocorreu que no momento em que os dois grupos se aproximavam, o clima já estava um pouco tenso, pude acompanhar tudo porque estava com os carreiros de Rio de Pedras que chegaram primeiro e aguardaram os outros carreiros.

Ao alcançar os primeiros carreiros percebi o clima tenso, as feições sérias, descobri ser porque os carreiros da comunidade de Rio de Pedras haviam sido informados que teriam que deixar o grupo da comunidade de Areia encabeçar o desfile, o que gerou insatisfação, afirmavam que não poderia acontecer, que estava errada. Eu argumentava dizendo que tudo havia sido combinado dessa forma em reunião, tentando demovê-los da ideia de falar ou fazer algo.

Para o grupo de Rio de Pedras, tudo que fosse arrecadado tinha que ser enviado/revertido para a festa. Entretanto, para os integrantes do INC as despesas de viagem, alimentação durante o evento tinham que ser custeadas, quando possível, pela ajuda recebida. O que resultou em reuniões tensas, e acelerou o processo de saída, ainda que fosse consenso interno que esse momento chegaria para deixar que as comunidades realizassem o encontro a seu modo, todavia, as circunstâncias se sobrepuseram às vontades.

Todas as situações deixam nítidas as relações internas dentro do núcleo que organiza o encontro, já demonstrado: comunidade de Rio de Pedras, INC e comunidade da Areia Branca, que deixam evidentes certa hierarquização e quem tem realmente o controle do evento. Por outro lado, o grupo de Rio de Pedras durante todo

esse período se valeu de estratégias para manter o controle dentro do grupo que iniciou o encontro.

Consequentemente, todas as tensões, acertos e realizações são parte do processo de construção que seguiu por onze edições ininterruptas, certamente parece que os esforços foram grandiosos de um evento que passou a ser um produto cultural do município de Cururupu.

3.7 Ser ou não ser tradicional

Ainda no campo das questões identitárias, existe uma discussão encampada por muitos carreiros, lideranças e moradores locais sobre qual o carro de boi que é ou não, tradicional. Em várias oportunidades presenciei conversas nesse sentido, inclusive durante o desfile na Praça Siqueira Campos, quando pessoas teciam comentários como: “Esse carro é tradicional.” ou, “Esse carro é cantador.” pontuando que o carro tradicional é aquele que canta mais alto.

E não há consenso, o que é tradicional para um não é tradicional para outro e, para perder pontos, para algumas pessoas, basta que o carreiro pinte o seu carro ou faça interferências mínimas. Em 2019 não diferiu, só que em um nível mais de apresentação dos carros de acordo com as preferências dos seus donos. Desfilaram carros com emblemas de times estampados nas rodas, outros apenas pintaram detalhes no carro, tecido e até logomarcas institucionais. Assim como aqueles que preferem o carro mantido como foi construído, sem pinturas ou outros detalhes que os “descaracterizem”. O que os leva a brincar uns com os outros sobre não estar mais tradicional, o que mascara uma discussão mais profunda para algumas pessoas.

De um lado, os que insinuam que os que não alteram nada são descuidados, não cuidam dos carros, por outro lado, quem altera algo pode ser tachado de não ter um carro tradicional. O interessante é que essa ideia é sempre fluida para os dois lados, e de maneira mais geral, todos são considerados tradicionais para quem é de fora.

Ainda nesse impasse, existem questões pragmáticas e que são de domínio dos próprios carreiros, como o canto do carro de boi, por exemplo. A lógica é que quanto mais alto é o som do carro de boi, em tese, mais ele é tradicional. O que é um erro tendo em vista que aprendi ao conversar com um carreiro sobre o som emitido

quando o carro está em movimento, ele explicou que têm relação direta com o peso do carro, ou seja, quanto mais carregado mais som.

Além disso, mais especificamente tem outra causa, como explica o Sr. Pedro Borges, em entrevista.

Cantador é todo carro que a gente usa. canta bem porque a gente sabe como é que manda botar o eixo, que no caso é o eixo central, no par de roda que faz, que ali é um tipo de madeira que aperta na outra, com a quantia do peso faz cantar, que fica muito apertado. (Informação verbal)⁴¹

Para muitos moradores, quanto mais alto for o cantar do carro de boi, mais tradicional é considerado. Embora, como vimos, a tonalidade e o vigor desse canto esteja atrelado ao tamanho do eixo e existe uma receita colocada segundo seu Ademir Reis Silva, quando inquirido sobre um óleo que passava no eixo do carro de boi pela repórter. “É para passar, porque gosto de passar. Às vezes esquenta, queima, boto o outro que tira, apaga o calor. E quanto mais queima, mais óleo, canta e dá força e aligera o boi.” (informação verbal)⁴². Já o Sr. Florinaldo Silva explica que prefere “[...] óleo de mamona ou de andiroba para deslizar as peças sobre as peças” (informação verbal)⁴³. De todo modo, independentemente do tipo de óleo, existe a prática e o conhecimento que vai sendo transmitido.

Assim sendo, o que caracteriza um carro de boi como cantador nada mais é conhecimento do carreiro, em função do peso da carga que está sendo levada e do material utilizado para untar as peças que atritam. De certo que todo carro canta, mas quando está pesado canta mais em função do peso. E que uma característica suponho das leis da física acabou sendo um marcador cultural.

Ainda nesse campo, não podemos encerrar sem discutir dois temas muito importantes para os carreiros, que, de alguma forma, são pontos que os definem. Sobretudo nos limites (BARTH, 2000) definidos por eles mesmos e caracterizando o que pode ser ou não um carro de boi, em consequência das adaptações feitas para que a grande carroça não quebrasse o asfalto e tivesse livre acesso pela cidade. Ainda que nesse caso as “fronteiras” sejam muito mais evidentes.

⁴¹ Informação verbal fornecida pelo Sr. Pedro Borges Chaves, em reportagem à repórter Regina Souza no programa Repórter Mirante, em dezembro de 2017.

⁴² Informação verbal fornecida pelo Sr. Pedro Borges Chaves, em reportagem à repórter Regina Souza no programa Repórter Mirante, em dezembro de 2017.

⁴³ Informação fornecida pelo Sr. Florinaldo Silva, em agosto de 2020.

O primeiro é o assim chamado *carroção* ou a parte de cima do carro de boi, inclusive puxado por dois bois, assim como seu correlato, mas que, na parte de baixo, é adaptado um eixo de automóvel e nestes, pneus. O segundo é a solicitação de carroças - essas, puxadas por jumentos etc - para participar do encontro de carro de boi logo nos primeiros anos de realização.

A questão do carroção é um assunto que deixa os carreiros bastante alvoroçados, para alguns, inclusive, é uma espécie de traição, porque, segundo eles, deixa de ser carro de boi, pois não canta mais, assim como, não tem as grandes rodas de madeira. Mas, na perspectiva de quem faz a adaptação e de forma bastante pragmática, acaba com as restrições de locomoção que existem. Os pneus adaptados não quebram o asfalto, certamente para seus adeptos, resolveu um problema, mesmo que a possibilidade de acidentes de trânsito ainda possa existir. Outro tema foi a solicitação dos carroceiros⁴⁴ para participar do encontro de carros de boi, pedido que foi formalizado e aconteceu pessoalmente em uma reunião, onde a resposta foi firme e negativa. Os presentes não acharam válida a mistura e afirmaram que os carroceiros poderiam realizar o próprio encontro, como, aliás, já ocorreu. Havia uma festa específica, mas que já não acontece mais.

Em resumo, descrevemos e analisamos aspectos da dimensão política do encontro, muito embora ela não esteja restrita a estas páginas, tendo em vista que o encontro é político, em primeira análise. Iniciamos pela identidade, ou melhor, pelas identidades. Afinal, o carreiro é também lavrador e, ao mesmo tempo, pode e tem outras atividades que viabilizam o sustento de suas famílias, portanto não é somente carreiro.

Ressalto também que os carreiros, antes de se identificarem enquanto tal, se identificam enquanto moradores da comunidade que fazem parte, sempre quando informam os nomes, mencionam a localidade onde vivem. Por outro lado, a ressignificação dos carreiros por si próprios e pela comunidade a partir do momento em que passam a se reconhecer enquanto parte da cultura local, como detentores de conhecimentos e praticantes de uma atividade com forte apelo histórico e cultural, sobretudo local. Para além do econômico e de manter uma atividade por questões afetivas e das relações construídas, inclusive com seus animais.

⁴⁴ Aqui carroças nos termos de outros locais de São Luís, carroça de madeira, com pneus e puxada por um muar.

A ou as identidades do carreiro são importantes, tem sua hierarquização, como vimos, tem lugar especial por estar relacionado ao campo afetivo. Seja o carro de boi, lavrador, trabalhador rural, como preferir, ou tenha outra atividade associada. Será no momento em que está carreando que reforça tudo o que lhe gera satisfação, seja o trabalho na roça ou em seu importante meio de transporte. Em minha avaliação, o encontro alcança seu objetivo de fortalecer a cultura do carro de boi, o que, por outro lado não exonera possíveis críticas ou possibilidades de análises.

4 DANDO NOME AOS BOIS

Apesar de ser uma expressão popular que já foi muito utilizada, nesse caso, nada tem a ver com o ato de dar esclarecer algo ou apontar de quem são as responsabilidades em determinada situação. Mas, de fato, é dar nomes aos bois, nomeá-los. Além das desculpas pelo trocadilho, o objetivo deste capítulo é descrever as relações que existem entre o carreiro e os seus bois, especialmente na forma particular de alguns carreiros em escolher os nomes dos animais que puxam seus carros de boi.

Em várias oportunidades presenciei relatos e também demonstrações de afeto dos carreiros em relação aos bois. Porém, existe alguma diferenciação se for comparada com os animais que não fazem as mesmas tarefas. Ocupam um lugar de estima e afeto. Para outros, são como membros da família, filhos ou companheiros de trabalho. Esses pontos levantados foram percebidos logo nas primeiras participações nos Encontros, mas que foram sendo confirmados pela sua repetição e que pretendemos analisar.

Com efeito, as ponderações feitas seguirão no sentido de compreender como se dá essa relação entre o carreiro e os animais e qual a dinâmica e motivação para a elaboração desses nomes. Por esta ótica é pertinente adentrar em alguns aspectos atinentes aos assim chamados, “Animal Studies⁴⁵” ou estudos sobre a relação humanos e não humanos. Campo que há algumas décadas tem ganhado corpo, que para além da dinâmica de como os carreiros escolhem os nomes de seus animais, aprofunda na busca pelo entendimento dessas relações e suas complexidades.

E, “[...] o objetivo do Estudo das Relações Humano-Animal é analisar as interações entre seres humanos e animais quando essas interações ocorrerem dentro de nossas vidas. [...]” (CARNEIRO-DA-CUNHA⁴⁶; LOPES, 2018, p. 111). Importante

⁴⁵ Desde 1987, esse campo passou a ser conhecido por várias nomenclaturas, como Anthrozoölogy, Estudos de Animal, Estudos Críticos de Animal, Estudos de Animal e Sociedade, Humanimalia e o nome pelo qual tornou-se mais conhecido: Estudos humano-animal, Humans-Animal Studies - HAS. (CARNEIRO-DA-CUNHA; LOPES, 2018, p. 111)

⁴⁶ Graduado em Letras pela Faculdade de Filosofia do Recife - FAFIRE (1996), com Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE (1999) e Doutorado em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE/Universidade do Texas em Austin (USA) (2009). Atualmente é professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE/UAST) na área de Ciências Sociais e Metodologia da Pesquisa, tendo colaborado como docente em cursos na UEADTec

campo de conhecimento, em algum momento passou a ser observar essas relações, inclusive, entre outras possibilidades, reconhecer que os animais são agentes de direitos, ou seja, condições dignas de cuidado por seus donos ou tutores a depender da corrente teórica.

Não obstante, esses estudos estão presentes em muitos campos científicos e também nas Ciências Sociais e, mais restritamente, na Antropologia. Como, *Os Nuer*, estudados por Evans-Pritchard (2013) e *A Interpretação das Culturas*, Geertz (2012), quando analisa aspectos da briga de galo balinesa. Para citar apenas dois exemplos de estudos em que animais estão intrinsecamente ligados à pesquisa.

Mais contemporaneamente, esse campo, cada vez mais, se espraia para outras possibilidades como a doação de animais e seus regramentos informais (quem pode e quem não pode cuidar) ou não.

[...] um campo que se desenvolve a partir de duas frentes de discussão que se complementam - uma política e outra epistemológica. A primeira envolve ativismos e novos movimentos sociais em torno de direitos e de moralidades dos animais, enquanto a outra passa a questionar e a reposicionar qualidades e distinções entre eles e os humanos. (SEGATA⁴⁷, 2016, p. 831)

Em uma emergência e agência de garantias de direitos e práticas que almejam a proteção de animais no meio urbano, como na dissertação sobre uma etnografia com um grupo de carroceiros em Minas Gerais (OLIVEIRA, 2017). Ou em um artigo que analisa questões morais sobre adoção e proteção animal - direitos dos animais, maus tratos, animais domésticos, como feito por Lewgoy; Sordi; Pinto (2015). Relações que acontecem de maneiras e intensidades diferentes, a depender da cultura e do extrato social que a compõem, como temos observado.

No que concerne a esta análise é possível considerar que,

Para um antropólogo, a figura filosófica do “animal” tem pouco sentido: o que estuda são as relações entre os homens e os animais em determinadas sociedades. A antropologia social afirma-se de imediato como “relacionista”, na medida em que se interessa pelas variações nas relações entre os seres, sejam eles humanos, sejam não-humanos.” (KECK, 2015, p. 98).

(Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia) e no PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica). (Informações do Lattes do pesquisador).

⁴⁷ Professor Adjunto do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Possui mestrado e doutorado em Antropologia Social pela UFSC. Foi Craig M. Cogut Visiting Professor for Latin American and Caribbean Studies na Brown University (USA, 2018). Realizou pós-doutorado na UFSC (2012 e 2013), no CEnDIE - Centro Nacional de Diagnóstico e Investigación en Endemo-Epidemias (Ministério de Salud, Argentina, 2017) e na Brown University (2020). (Informações do Currículo Lattes do pesquisador).

Nessa perspectiva, as relações que surgem a partir do manuseio do gado, seja o animal mais jovem em início de adestramento ou o animal adulto. Alguns carreiros relatam relações mais intensas de afeto, como se o animal fosse um ente familiar ou até mais relevante, para outros fica restrita a uma relação de trabalho, em suas palavras: do *companheiro* de trabalho, ainda assim com algum nível de afetividade.

Mas, também existem aqueles que dedicam a seus animais os cuidados necessários para que os animais tenham condições de realizar o serviço de puxar o carro de boi, e tem estabelecida uma relação com um animal de estimação dentro do espectro considerado mais comum, o que podemos perceber de forma mais pragmática.

Nesse sentido, algumas indagações são pertinentes: como separar a relação entre os carreiros e seus animais? Como ponderar essa dicotomia? Como analisar separadamente a relação dos carreiros com seus animais da cultura local, onde um encontro, embora com alguma pretensão de crescimento enquanto evento cultural, não havia o que garantisse a adesão da comunidade local e dos carreiros e se tornou referência cultural local?

Podemos acrescentar as questões culturais mais específicas e relativas ao carro de boi, nessa perspectiva, os conhecimentos inerentes ao ofício, o adestramento dos animais, a oralidade para transmissão desses conhecimentos e os saberes necessários para a construção de um carro de boi. O Encontro de Carros de Boi é o que é, por conta dessa junção de fatores, todas perpassam em algum momento pela relação humano-animal.

É possível notar que entre os carreiros não existe uma preocupação com as discussões contemporâneas sobre animais como agentes de direitos nos termos apresentados por Lewgoy, Sordi, Pinto (2015), que embora não inaugurem essa discussão contribuem para seu entendimento. Não aparece nos discursos dos carreiros, por exemplo, diálogos que sigam no sentido da preocupação com o excesso de peso das cargas colocadas no carro de boi, até mesmo, como agentes de direitos.

4.1 Os carreiros e seus animais

Neste ponto da pesquisa já é possível perceber a relação própria dos carreiros com seus animais, afinal, estamos discutindo questões relativas a um encontro que reúne um tipo específico de agentes sociais que compartilham a mesma satisfação em manter certa tradição e, a partir dela, constroem uma relação particular com certo tipo de animal.



Imagem 24 - Carreiro com seus animais. Fonte: Arquivo pessoal. Data: novembro 2019.

De antemão, cabe frisar que os elementos destacados não são uma tentativa de encontrar equivalências, o intuito é identificar similaridades nos exemplos apontados ancoradas nas análises feitas por alguns pesquisadores e que podem indicar algumas chaves explicativas para compreender a relação dos carreiros com seus animais.

Relatos que apareceram em reuniões, conversas informais, sobre o cuidado com os animais, mais especificamente, o cuidado que tinham com o lugar onde os bois dormiam, com a higiene e alimentação, até mesmo, o cuidado em sair cedo enquanto o sol não estava tão quente, para levar os animais a exaustão. Percebi esses cuidados quando passou a ser uma preocupação dos carreiros para que o Encontro terminasse até às dez horas, embora isso nunca tenha ocorrido. Afinal, nessa época do ano o calor é intenso.

Além de imprescindíveis, afinal, não pode existir carro de boi sem eles, como o próprio nome diz. O Encontro é o momento em que os donos têm a oportunidade de demonstrar o quanto estes animais são bem cuidados, treinados e dóceis. Mas também se for o oposto, se o carreiro não é tão cuidadoso com o carro ou com os bois, os seus colegas brincam chamando atenção que ele não sabe ensinar os bois a puxar o carro ou que estão muito magros. De um jeito ou de outro, os cuidados com seu instrumento de trabalho precisam estar dentro de um padrão estético considerado adequado, caso contrário sofrerá as “sanções” dos colegas.

Durante o desfile, também é possível verificar que alguns carreiros cuidam do conjunto carro de boi e os animais com pinturas e cordas novas. Ornamentam com utensílios e ferramentas do dia a dia, por exemplo, abano, fogareiro, enxadas, água e a comida para a refeição durante o dia de trabalho. É uma simulação de como é um dia cotidiano do carreiro e como se estivesse indo para sua roça ou ajudar outro trabalhador. Para alguns carreiros, tudo precisa estar compatível com sua rotina.

Sobretudo nesse dia, esse conjunto ao qual fiz referência, precisa estar de acordo: carro de boi bem cuidado, animais bem alimentados e fortes. Expressões de orgulho e cuidado que são também foram observadas entre os Nuer. “Ele o amarra na frente de seu abrigo contra o vento, de modo que possa vê-lo se acordar, pois nada dá tanto contentamento e enche tanto de orgulho um Nuer quanto os seus.” (EVANS-PRITCHARD, 2013, p. 47).

Como destacado, não é difícil encontrar similaridades entre o lugar que os bois ocupam entre os Nuer e os carreiros da região de Cururupu, mesmo considerando suas distinções, especialmente no povo nilota, que esse lugar é ocupado por todo um rebanho e toda a vida social e econômica é organizada a partir deles. Já no caso dos cururupuenses, em geral, se dedicam a algumas cabeças de gado, poucos tem várias, boa parte apenas a *parelha*⁴⁸ que puxa o carro. Ainda assim, esses são merecedores de cuidados diferenciados, como um lugar especial para ficar, demonstrações de afeto e cuidado nos termos que estamos descrevendo.

Outro ponto de aproximação ocorre que, em ambos os casos, existe a necessidade do cultivo da terra.

⁴⁸ Par de animais, especialmente de cavalos, mulas, bois de carga; junta. Dicionário Michaelis online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/parelha/>

Algumas tribos cultivam mais, outras menos, de acordo com as condições do solo, com a água a flor da terra e com sua riqueza do gado, mas todas elas consideram a horticultura como um pesado encargo que lhes é imposto pela pobreza do rebanho, pois no fundo eles são boiadeiros, e o único cuidado que têm prazer é no cuidar do gado. (EVANS-PRITCHARD, 2013, p. 24)

Embora no caso pós-atlântico a agricultura se aproxima muito mais de um fardo, suficiente para atender a necessidade em complementar a dieta do grupo, sua atividade principal é cuidar do rebanho. Para os carreiros, a lavoura, é para a maioria deles, a principal fonte de renda para provimento familiar. Ainda que em ambos os casos a diferenciação da lida com os bois sejam particulares a cada grupo, é válido considerar que o cuidado com o gado para os Nuer existe em detrimento de qualquer outra tarefa, entretanto, os carreiros, conseguem associar com outras atividades.

Mas também existem questões mais pragmáticas e não ficando restritas às relacionadas aos afetos, o que certamente influencia nesse lugar ocupado pelos animais, dadas as suas utilidades como, por exemplo, a quantidade de leite fornecida. “[...] Embora o gado tenha muitos usos, ele é útil principalmente pelo leite que fornece. [...] Os Nuer valorizam suas vacas segundo a quantidade de leite que elas fornecem e elas conhecem o mérito de cada uma [...]” (EVANS-PRITCHARD, 2013, p. 29).

Nesse sentido, para esse grupo, o rebanho soluciona problemas diários, afinal, a alimentação do grupo social precisa ser realizada. É necessário possuir no rebanho vacas que produzam leite de forma abundante e assim prover as condições de vida. No caso dos maranhenses, ainda no campo pragmático do dia a dia, os bois resolvem o problema do transporte levando o próprio carreiro e outras pessoas que ajudaram nas tarefas do dia e todos os suprimentos necessários: água, comida, ferramentas. Ao retornar, será trazido o que for necessário, por exemplo, a mandioca arrancada para ser colocada de molho, entre outros materiais.

Outro ponto em que esses dois grupos se aproximam é pelo orgulho com que gostam de exibir seus animais, é claro que para os Nuer isso aparece cotidianamente. Já para os carreiros, o encontro é a oportunidade em que podem, não somente ter seus conhecimentos e domínio carreando colocados à prova, mas também, exibir seus animais e poder desfilarem, apresentar seus animais no melhor sentido que essa palavra possa ter. Ainda no aspecto do orgulho, em poder adornar os animais, voltando aos nitos detalhes estéticos são muito mais evidentes.

Quanto mais puder mostrar, mais feliz fica, e, a fim de torná-los mais atraentes, decora os chifres com longas bolas que pode admirar quando os bois jogam a cabeça para trás e sacodem-na ao voltarem para o acampamento, e o pescoço com campainhas, que tilintam nos pastos. (EVANS-PRITCHARD, 2013, p. 47)

Em Cururupu, a necessidade em torná-los mais atraente aparece nas cordas novas, nas pinturas feitas nos carros, nos utensílios (fogareiro, abano) e ferramentas (enxada, facão), além de comida e água para beber, que alguns levam nos carros de boi como se fosse aquele fosse um dia de trabalho e estivesse indo para a roça. Para alguns carreiros é o momento de representar um pouco do seu modo de vida, ainda que seja uma fração disso. Ao mesmo tempo, o carreiro, para alguns moradores, fazer algum tipo de alteração mínima pode descaracterizar o carro e fazer com que não seja mais considerado tradicional, como já discutiremos anteriormente.

Além da oportunidade de poder demonstrar o quanto o carro de boi e seus animais estão bem cuidados, caso isso não esteja tão evidente, existe a censura feita como brincadeira com quem não está com os animais dentro dos padrões informalmente estabelecidos: gordos o suficiente, os animais bem treinados ou o carro de boi sem manutenção passa a ser alvo de todo tipo de piada. Alguns chegam a se oferecer para treinar os animais do colega, outros perguntam se ele não dá comida para os bichos ou como ele consegue trabalhar com o carro daquele jeito. Esse tipo de brincadeira, por outro lado, acaba fazendo com que os cuidados com os animais sejam redobrados. É uma espécie de incentivo para quem quer durante a festa mostrar o melhor dos seus animais, do carro de boi, ou de forma mais geral, o quanto é um bom carreiro.

Retornando aos comparativos, nos dois casos a necessidade de ter animais vistosos, cada grupo dentro dos seus padrões estéticos, cada um a seu modo, evidencia o lugar ocupado pelo gado e pelos bois respectivamente. Que por outro caminho, resulta nessa associação em torno dos animais para cuidar e proteger, tendo em vista o lugar que ocupam, mais com referência nos estudos com determinado grupo nilota. Os Nuer e seu rebanho formam uma comunidade corporativa com interesses solidários, a cujo serviço as vidas de ambos estão ajustadas, e seu relacionamento simbiótico é de íntimo contato físico.” (EVANS-PRITCHARD, 2013, p. 50)

O que também observamos, em alguma medida, nos carreiros. A mobilização realizada quando atenderam ao convite através da mobilização realizada

para participar do encontro, o senso de grupo quando pleitearam segurança por conta do roubo de animais, a rotina diária - alimentação, comida e higiene -, com os animais e o adestramento, às vezes, ainda precoces o suficiente para carrear, também parece fortalecer essa relação.

Sobre a relação de afeto, como explica o carreiro em seu relato de sua experiência com seus bois: “[...] Então, eles gostam de carinho. (...) é uma relação muito carinhosa porque você tem que cuidar disso também. É uma relação muito amigável, é até às vezes, eu brinco com eles lá. [...]”. (Informação verbal)⁴⁹

O que pode ser percebido é que o interesse por esses animais é externado de várias formas, mas que inicia pela relação de afeto construída cotidianamente, a partir do momento que aquele animal comprado muito novo, a rotina de alimentação (buscar comida ou levar os animais para comer em algum lugar), na mesma ocasião o banho e higiene, além do adestramento, que ao fim e ao cabo, passam a ser também companheiros de trabalho. Como expressado em um depoimento a uma reportagem sobre o VII Encontro de Carros de Boi, em 2016.

Assim, o quilombola Francisco Sales Serra, morador da comunidade Cedro, contou sua relação com os animais, “Desde minha mocidade uso o carro de boi pra trabalhar e vender os produtos da roça. Não aprendi leitura, nem escrever, só roçar e trabalhar, só quando eu morrer eu deixo o carro de boi”. (SITE DO GOVERNO DO MARANHÃO. 2016)

É possível destacar no depoimento o lugar que o carro de boi tem na vida do Sr. Francisco Sales, assim como outros carreiros manifestam os mesmos sentimentos. Nesse caso, em particular, somente com o seu falecimento deixará de trabalhar com o carro de boi. Uma demonstração do quanto essa atividade é importante, por consequência os animais que fazem parte dessa atividade.

Cabe o destaque também destacar o estudo feito por Simonard e Junior (2019, p. 8) sobre a proximidade do carreiro e seus animais, em um artigo sobre o território de circulação do carro de boi alagoano. “[...] A relação do homem com o animal de tração é de dependência e confiança e requer cuidados com as necessidades dos bois.”.

Acrescento que essa dependência é mútua, assim como na relação de *adoma*, existe uma troca ou várias, ao carreiro cabe o manejo: um lugar para que os bois durmam, cuidados com a saúde e higiene, não extrapolar com o peso da carga e

⁴⁹ Informação verbal fornecida pelo Sr. Edson Garcia, em março de 2021.

a manutenção do próprio carro. Aos animais cabe o trabalho de tração no ir e vir para a roça, transportando tudo que é necessário para seu dono. O que aproxima esses dois pontos é a relação de confiança estabelecida. Se por um lado os animais não passam fome, por exemplo, os carreiros têm seu meio de transporte garantido com animais fortes e saudáveis.

Ademais, para os carreiros de Cururupu, assim como para o povo nilota, “[...] O gado não é apenas um objeto de interesse absorvente para os Nuer, possuindo grande utilidade econômica e valor social, como também vive na mais íntima associação possível com eles. [...]” (EVANS-PRITCHARD, 2013, p. 50). Tanto lá como aqui, o gado/rebanho preenche esse espaço de muita proximidade de relacionamento que se assemelha, por exemplo, a animais domesticados e que não fazem parte da dieta humana.

Ainda sobre os afetos, o Sr. Edinho reitera em outras palavras, quando foi perguntado se ele tinha carro de boi: “[...] Pra você ter uma ideia como é o meu amor, minha paixão por esse material, eu tenho dois⁵⁰ [...]”. (Informação verbal)⁵¹, o que é pouco usual tendo em vista o aporte financeiro necessário para aquisição dos animais. “Todos dois lá no interior, guardadinho [...]”, referindo as terras que possui onde cultiva roças, açudes e mantém os carros de boi.

Em outra oportunidade, o Sr. José Martins em entrevista transcrita à repórter descreveu sua relação com os animais: “[...] Tenho cuidado quase melhor que com a minha pessoa, porque é um animal que me ajuda. Todos nós da famílias, um ajudando o outro, porque quando sente uma lesão no animal, nós cuidamos em cima [...]”. (Informação verbal)⁵². Nesta passagem, o carreiro esclarece o quanto é cuidadoso, assim como ajuda e, caso for preciso, será atendido caso necessite por outro(s) carreiro(s).

Como pode ser percebido nos relatos apresentados, os animais, ao menos os que puxam os carros, ocupam esse lugar na vida dos carreiros e que vai muito além da força para puxar o carro de boi e sua carga, em qualquer fala eles sempre deixam claros a relação afetiva com os animais. Afinal, como assevera Segata (2016, p. 845), “A “estimação” não é uma propriedade dos entes - humanos, animais ou

⁵⁰ Edson Garcia, possui dois carros de boi e duas parselhas (quatro cabeças de gado) somente para os carros.

⁵¹ Informação verbal fornecida pelo Sr. Edson Garcia, em março de 2021.

⁵² Informação fornecida pelo Sr. Florinaldo Silva, em agosto de 2020.

outros - mas da sua relação.”, ou seja, essas demonstrações de proximidade e afeição por esses animais é pertinente considerar que vão sendo construídas durante o trabalho de adestramento, na rotina da alimentação e da higiene. É relacional. Sendo construída cotidianamente. Demonstrações de carinho, mais uma vez externadas por Edinho Garcia.

[...] Então eles gostam de carinho. Olha. Se você acostumar a dar banho nele todo dia, hora x, no dia que você não der ele sente ruim porque já está acostumado naquela situação. Você coloca aquela mandioca picada pra ele todo dia de manhã, o dia que não tem essa mandioca de manhã pra sair de lá do morão como a gente chama, onde amarra ele pra dormir. É uma dificuldade, porque ele quer primeiro aquela mandioca pra ele comer, daí depois pode levar ele pro pasto [...]. (Informação verbal)⁵³

E complementa: “É uma relação carinhosa”, “É uma relação amigável, e até às vezes brinco com ele lá. Se vocês ganhassem um pai assim, era muito gostoso.”. Em todos os trechos do diálogo a liderança local e carreiro, agrega vários argumentos sobre o carro de boi. Inicia pela ponderação sobre o quanto os animais gostam de carinho, que se acostumam com a rotina de cuidado amigável e, por fim, como se fossem filhos. São sinais evidentes de certa humanização desses animais, estes são retirados por alguns momentos da condição de animais irracionais e lhes são atribuídas certas características afetivas humanas. O que resulta em laços afetivos fortes com base na rotina e atividades cotidianas.

A nossa hipótese é que a partir da aquisição dos animais, o investimento de tempo e recursos financeiros e o manejo diário com o animal consiga alterar e os animais passam da condição apenas o atendimento de uma necessidade de transporte, para ocuparem o lugar de animal de estimação e, ao mesmo tempo, companheiro de trabalho. Como aparece em uma das falas transcritas na conversa realizada com S. Edson Garcia: “[...] quando você compra pequeno que ainda não está a ponto de colocar no carro. Então você vai cuidar dele até ele ficar no tamanho ideal de você colocar no carro de boi. [...]”. (Informação verbal)⁵⁴. Há sentido em compreender que o manejo - alimentação, higiene e o processo de *adoma*, pode estabelecer ou fortalecer laços de afetividade entre os bois e seus donos.

Considerando alguns relatos e que muitos carreiros aprenderam muitos jovens a lida com os animais, realço que esses jovens, em tese, não teriam condições

⁵³ Informação verbal fornecida pelo Sr. Edson Garcia, em março de 2021.

⁵⁴ Informação verbal fornecida pelo Sr. Edson Garcia, em março de 2021.

financeiras de adquirir uma parrelha de bois para cuidar e adestrar, nem sequer dominavam as técnicas necessárias para tal atividade. Entendo que nessa mesma fase da vida, inclusive, como relatos em conversas informais apontam, aprenderam a cuidar da alimentação e da higiene dos animais de um carreiro próximo, pai, avô ou outro ente familiar. E a partir de então despertaram, ao menos alguns, para continuar aprendendo até possuir o próprio carro de boi, já adultos e com a própria roça.

E são muitas as possibilidades de estudo. São a fonte de alimento e/ou *ferramenta* de trabalho, demandam tempo e cuidados específicos e ainda ocupam lugar da vida social desses grupos uma relação humano/animal muito particular, cada um a seu modo.

A necessidade de discutir algumas questões sobre essa relação humano e não humano em relativa profundidade, sobretudo considerando a “pessoalização” (LEWGOY; SORDI; PINTO, 2015) desses animais, em que passam a ser considerados filhos ou entes das famílias, inclusive na forma de se relacionar com os animais. Como pode ser observado nos diálogos apresentados anteriormente, evidencia o fortalecimento desses laços onde os animais passam a ser considerados integrantes do grupo social do carreiro como resultado da relação estabelecida.

Ainda nesse âmbito, os bois a milênios domesticados, fonte de alimento, couro, leite, tração, etc. Ultrapassa essa classificação a medida em que se torna próximo o suficiente para ser comparado em igual, ou para alguns, em maior escala a parentes próximos e enquanto carreiam, se prestam a ocupar um lugar destacado, mas que, por outro lado é contraditória, por exemplo, por não impedir de ser abatido e a sua carne comercializada. Enquanto relação de afeto, não supera o custo do investimento.

Ou seja, “[...] O caráter essencialmente cartesiano e objetual do animal na sociedade ocidental permite ao naturalismo concebê-lo como presa, trabalhador, objeto de conhecimento, cabaia ou máquina de produção para o consumo. [...]” (LEWGOY; SORDI; PINTO, 2015, p. 81). O que é possível observar nas relações estabelecidas, seja no caso dos animais de estimação domésticos, como no estudo de referência ou dos carreiros cururupuenses. É que, pode ser considerado trabalhador ou máquina de produção de consumo, para ficar apenas em dois tipos, é também membro da família ou considerado como um filho, sem perder sua “funcionalidade”.

4.2 Como os Carreiros Constroem os Nomes dos Bois?

Como vimos, os carreiros e os seus animais possuem diferenciada relação. Agora, o propósito nessa etapa da pesquisa é como os nomes de muitos carreiros são criados. Permitindo alguns questionamentos: em que momento ou existe um momento específico para que esse nome seja criado? É a partir do trato com o animal ou quando o observa na primeira vez? Qual a motivação para a escolha de nomes tão elaborados?

No compêndio sobre "O Ciclo do Carro de Boi no Brasil, escrito por Souza (1958), no capítulo em que explica sobre os tipos de nomes dos animais pelo Brasil, inicia com a definição de "[...] panteonímia ou estudo de todos os outros nomes próprios, isto é, dos nomes dos astros, de animais, de seres sobrenaturais, de navios, objetos, etc, etc.[...]" (SOUZA, 1958, p. 379), em que apresenta o conceito do campo da ciência que estuda especificamente alguns tipos de nomes próprios, por região, dinâmicas, tipos, etc.

No capítulo reservado para o estudo dos nomes, logo em seu início é possível entender que os nomes da forma como são elaborados pelos carreiros cururupuenses, não é uma prática exclusiva desses agentes, ao contrário, como demonstrado no recorte abaixo.

Outros colocam em seus bois nomes que no seu entender valem por um símbolo, como certo lavrador de Vigia, em Minas Gerais, que tendo um carro tirado por uma só parelha denominou os animais de Janeiro e Dezembro; inquirido a esse respeito da razão de ser de tais nomes, respondeu que os bois trabalhavam o ano inteiro. (SOUZA, 1958, p. 398)

Além disso, essa maneira de construção de nomes mais elaborada não são as únicas identificadas pelo mesmo pesquisador. Em alguns lugares são utilizados nomes que iniciam com a mesma letra (Bailante - Baiano) ou rimados (Limoeiro - Tamoeiro), entre outras formas. Aponta ainda que qual a classificação que mais se aproxima dos nomes dos animais de Cururupu, ele os denomina de *nomes frásicos*: "[...] Modalidade interessantíssima é a das chamadas juntas de nomes parelhos, traduzindo as vezes, as aspirações, os sentimentos, os votos de seus donos. [...]". (SOUZA, 1959, p. 398).

E como exemplos: "[...] Tenho-vontade, Mas-não-posso, Eu-quisera, Ser-feliz, Esta-fé, Tenho-em-Deus. [...]"; já outro, escolheu os seguintes nomes: "[...] Só-

se-sabe, Se-disser, Bem-verdade, Assim-é, Tem-saudade, Porque é? [...]”; e ainda: “[...] Sempre-tive, Boa-sorte, Comprei-carro, Não-se-importe, Deus-me-deu, Flor-do-norte [...]”; por fim: “[...] Faz-desejo, Desejado, Faz-cobiça, Cobiçado, Faz-namoro, Namorado [...]”. (SOUZA, 1958, p. 399)

Há uma distinção que é preciso ser destacada em relação aos carros de boi, onde são dois bois que fazem a tração do carro. Diferente dos citados, carros da região de Minas Gerais, São Paulo e outras regiões do Brasil, onde são seis animais que fazem o mesmo trabalho, por isso tantos nomes.

Destaco também a poesia que esses nomes possuem e o que acontece toda vez que o carreiro os pronuncia, uma espécie de mantra, uma mensagem repetida para quem puder ouvir. E que é quase impossível de passar despercebido e sem despertar algum tipo de reação. É um chiste, uma brincadeira, nos exemplos, até certa poesia, uma boa dose de filosofia popular, com o perdão da ousadia.

Se aproximando um pouco do campo da linguística, Silva (2017, p. 74) explica que “[...] nomear é dar existência a algo ou alguém [...]”, ou seja, é atribuir a uma palavra, um significado e continua “[...] a motivação, por sua vez, é reveladora de inúmeros aspectos que estão na base da inter-relação língua, cultura e ambiente [...]” (SILVA, 2017, p. 75), como é possível observar.

Ao nomear seus animais de maneira tão própria, o carreiro aproxima a sua história e a dos animais e a compartilha com os seus. Formas criativas podem ter relação com uma vivência, um estado de espírito ou um jogo de palavras que pode guardar algum sentido para o carreiro. Formas lúdicas de passar uma mensagem, como pode ser constatado na lista abaixo com alguns nomes de bois de carro nas terras cururupuenses.

Nome dos Bois		
Agora-sim / Lembrança	Deixa-eu-ter / Novo-ter	Não-cantava / Não-me-esquece
Assim-que-eu-faço / Deixa-comigo	Deixa-eu-ver / Consciente	Não-contava / Só-eu-vendo
Bahia / Bom-querido	Desejo / Tá-legal	Não-deseja / Não-merece
Benza-Deus / Barra-do-dia	Dois-amigos / Bom-agrado	Não-é-o-que-tu-pensa / Já-chegou
Bom-amigo / Este-sim	É-de-ver / Deixa-dizer	Não-merece / Novo-lindo
Branquinho / Não-te-importa	Este-sim / Desejo	Novo-domínio / Rio-grande
Branquinho / Novo-estado	Estrela / Novo-acordo	Pêlo-Fino / Deixa-eu-ver
Breve-tempo / Desenho	Estrela / Caça-Jeito	Pensa-bem / Bem-só-Deus
Cavalo / Ainda-não-é-esse	Eu-já-disse / Pensa-primeiro	Pensa-errado / Pensa-e-vê

Chegou-tempo / Tá-feito	Eu-já-tenho / Eu-quis-assim	Prata Fina / Não é o que tu pensa
Consciente / Novo-amigo	Fé-em-Deus / Simpatia	Quem-é-tu? / Não-merece
Conforme / Há-de-vir-tempo	Flor-do-sítio / Alinhado	Rio-norte / Pensa-errado
Deixa-assim / Já-é-tempo	Garantido / Deixa-assim	Sempre-disse / Deus-ajuda
Deixa-dizer / Eu-sabia	Lenço-branco / Todo-lindo	Sempre-eu-tenho / Vê-se-é-bom
Deixa-dizer / Não-te-importa	Moço-lindo / Deixa-o-nome	Tá-no-lugar / Não-me-esquece
Deixa-dizer / Tinha-que-ser	Muito-obrigado / Desenho	Vai-de-gosto / Deixa-assim

Tabela 2 - Lista de nomes de carro de boi que participaram em uma das edições do Encontro de Carros de Boi de Cururupu. Elaboração própria.

Como apresentado, existe uma variedade de nomes que retratam características físicas, podendo assim considerar, mais comuns. Mas também, alguns nomes mais elaborados que permitem cogitar uma mensagem implícita, uma provocação bem humorada.

Assim como na cultura nilota, onde “A importância do gado na vida e pensamento nuer é ainda mais exemplificada nos nomes próprios. [...]” (EVANS-PRITCHARD, 2013, p. 26). Os nomes representam sempre algo que transcende de algum modo as relações destes sujeitos que se dedicam a imaginar nomes tão particulares. Embora nesse caso, os nomes dos grupos sociais tenham referência direta aos nomes dos animais, o que não ocorre com os carreiros. Entretanto, permite apontar que nos dois casos os nomes dos bois têm uma relevância que precisa ser considerada, cada grupo a seu modo.

E de fato, não há um regramento, ainda que sutil, sobre como encontrar o nome adequado. Desse modo, apenas o arbítrio de seu dono é que vai definir qual será o nome escolhido. Nomes mais comuns como, inclusive, os que são dedicados a outros tipos de animais domésticos.

Em linhas gerais podemos dizer que ora os nomes se originam de peculiaridades do aspecto físico dos próprios animais; ora promanam do seu caráter, dos seus hábitos e qualidades; ora decorrem de fatos históricos e sociais mais ou menos remotos; ora refletem a impressão que causam os fenômenos da natureza: ora se inspiram nos exemplares da flora e do reino mineral; ora lembram topônimos do país e do estrangeiro; ora traduzem a ingênua preocupação das virtudes mágicas que possam ter os vocábulos ou frases; ora, finalmente, nascem da fantasia e do arbítrio de seus donos e condutores. (SOUZA, 1958, p. 382)

Contudo, devemos considerar a prevalência dos nomes frásicos em relação aos nomes mais comuns entre os carreiros que participam do encontro, inclusive, pela forma como são construídos e os significados ou provocações inseridas. E foram melhor explicados no oitavo grupo definido por Souza (1958, p. 391).

Nesta categoria capitularemos os nomes que, de um modo geral, decorrem da fantasia, do gosto, da moda, do acaso, do arbítrio de proprietários e carreiros [...] Tendências, inclinações, sentimentos, paixões, qualidades, atributos, títulos, impressões de toda ordem, não raro uma história sentimental ou uma singela alegoria [...]

Dentro do exposto, é possível compreender que os nomes elaborados são, muitas vezes, relacionados à história de vida do carreiro. Ainda que não se restrinjam a somente essa forma de encontrar os nomes ideias. Pode se considerar uma tradição, que chegou à região, muito provavelmente com o carro de boi. Existe uma variação na forma de definir os nomes dos bois. Sejam nomes frásicos, que refere a uma característica do animal, como a cor da pelagem, ou ainda, que seja em sentido contrário, completamente aleatório, como demonstrado na tabela apresentada, resultado da relação do animal.

Assim sendo, os recortes destacados esclarecem que a lógica dos nomes não destoa de outras localidades pelo Brasil, ao contrário, os carreiros com quem conversamos e observamos estão completamente dentro deste amplo campo de saberes de como colocar os nomes e as formas como isso acontece há muito tempo por todo o país, não é uma particularidade desse grupo, o que permite indagar se em outros locais, tendo em vista haver um afastamento entre a referência teórica e a pesquisa, se em outros lugares essa prática também permanece.

Ou seja, a prática de colocar nomes que as palavras que o formam, acabam ficando em segundo plano. A mensagem, o significado ou simbolismo têm um peso muito maior e que, muitas vezes, só quem o criou o compreende, é uma espécie de um jogo de palavras, uma charada ou mesmo, uma brincadeira.

Como demonstrado, os nomes frásicos podem ser compreendidos como uma das partes da dimensão simbólica da relação e essa maneira de dar nomes aos bois. Além disso, permite que o carreiro evidencie uma forma particular de interação que inicia no momento em que escolhe qual será o nome.

4.3 Os nomes dos bois: metáforas, ironias e senso de humor

Uma das "descobertas" mais interessantes que observei no Encontro de Carros de boi de Cururupu foram os nomes dos animais. Talvez até certo preconceito. Afinal, como pessoas com pouco ou quase nenhum letramento elaboram nomes para

seus animais tão sofisticados? Conseguem reunir, em muitos casos, uma história pessoal, e senso de humor, que também pode ter uma pouca de ironia e ser ainda mais engraçado. Mesclam a complexidade da língua portuguesa de tal forma que talvez poucos especialistas conseguiram elaborar com tamanha facilidade.

Preciso esclarecer que esse tópico não é parte de um estudo sobre linguística, isso deixo para que de direito possa fazer análises mais profundas e adequadas. Por outro lado, atrevo-me a discutir alguns e, como dito, chamaram atenção desde sempre. Reiterando que esses nomes, têm, em sua maioria, relação direta com a vida dos seus donos com os animais. Não são formulações aleatórias com uma finalidade estética, buscam efetivamente transmitir uma mensagem relevante para aquele carreiro com os elementos que temos discutido até aqui.

Seguindo com as metáforas, ironias e o humor, destaca-se três pilares que podemos analisar sem guardar distância da antropologia ou mesmo da sociologia considerando conceitos e teorias da linguística e a partir da análise de alguns nomes utilizados pelos carreiros. Todos eles estão na lista de nomes organizada em outro momento nesta pesquisa. Mas antes, é preciso que sejam apresentados alguns conceitos. Iniciamos pelas metáforas⁵⁵ que, segundo a versão online do dicionário Michaelis:

Figura de linguagem em que uma palavra que denota um tipo de objeto ou ação é usada em lugar de outra, de modo a sugerir uma semelhança ou analogia entre elas; (por metáfora se diz que uma pessoa bela e delicada é uma flor, que uma cor capaz de gerar impressões fortes é quente, ou que algo capaz de abrir caminhos é a chave do problema); símbolo.

Ou seja, se utiliza uma palavra que simboliza algo e a utiliza considerando suas características para referir uma situação. Como no exemplo apresentado ou quando dizemos determinado indivíduo é um “gato”, referindo a reconhecida beleza desse tipo de animal.

O que difere da ironia. Nesse caso, para iniciarmos pelo exemplo. Poderíamos afirmar que esse determinado indivíduo é tão inteligente quanto um asno, nesse caso, indicando exatamente o oposto. A característica trata exatamente de considerá-lo pouco inteligente, igualando-o a um animal que tem reconhecida fama de pouca capacidade de aprendizado.

⁵⁵ Dicionário Michaelis online. Acesso em: 05/06/2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/met%C3%A1fora/>.

Como definido no dicionário Michaelis sobre Ironia⁵⁶:

Figura pela qual se faz uso de palavras que são o contrário do que realmente se quer dizer, geralmente para demonstrar humor, irritação ou aborrecimento; considerada uma das formas mais complexas de expressão literária, é tida não apenas como uma figura de linguagem ou de pensamento, mas um hábito mental que implica diversas nuances de significados simultâneos ou, ainda, múltiplos significados de uma afirmação ou de um comentário.

2 Gesto ou dito irônico: Suas ironias são sutis, mas mordazes.

3 por ext Zombaria em forma de humor, menos destrutiva que o sarcasmo, com que se procura ridicularizar alguém ou algo.

4 Situação ou resultado que se revela estranho, inesperado ou surpreendente: Por uma ironia, não joguei na loteria, e os números do meu palpite foram sorteados.

E por último, o mesmo dicionário eletrônico define humor⁵⁷: “Forma inteligente de expressar-se com ironia sobre qualquer fato ou situação do cotidiano. [...]”. Este último traz a leveza ao que se quer dizer, o objetivo é causar o riso pelo ridículo, por alguma característica, às vezes de si mesmo. Considero que exige um pouco de sofisticação, não pelo domínio da norma culta, mas na construção do pensamento, como no caso em que analisamos e a mensagem que se deseja passar.

Aprofundando um pouco mais no plano da linguística feitas por Duarte (1994, p. 55)⁵⁸, que entre outros temas, reflete sobre a ironia e o humor na língua portuguesa no texto: “Ironia, Humor e Fingimento Literário”, onde conceitua “[...] ironia como figura de retórica em que se diz o oposto do que se diz, o que implica no reconhecimento da potencialidade de mentira implícita na linguagem. [...] “expressa” muito mais do que diz.”. Na prática, é falar algo e desejar outra. É falar por meio da entonação da voz, a ordem da palavra ou o não dito.

Como é possível observar nestes casos: Não-te-importa, Eu-já-disse, Pensa-primeiro, Eu-quis-assim, Não-é-o-que-tu-pensa. Neles todos, está posto o não dito, mas que ao mesmo tem condições de ser compreendido, de forma sutil. Assim como é possível analisar cada um de diferentes formas. Essa, talvez, seja a ideia, passar uma mensagem e deixar que o outro interprete, uma leve provocação. Alertam de alguma forma, mas sem dizer que se trata realmente, mas chamam atenção.

⁵⁶ Acesso em: 05/06/2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ironia/>.

⁵⁷ Acesso em: 05/06/2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/humor/>.

⁵⁸ Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (1968), mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (1980), doutorado em Letras (Letras Clássicas) pela Universidade de São Paulo (1986) e desde 1992 é professora titular de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Minas Gerais.

Como acrescenta Duarte (1994, p. 59):

O dito irônico, portanto, ataca e ao mesmo tempo procura reforços; crítica e simultaneamente busca apoio para o ponto de vista defendido; se o ironista nega ou defende valores, normas, leis - supostamente a sociedade-, é porque sabe que alguém perceberá e apoiará (ou criticará com ele) a infração das mesmas.

Utilizando mais uma vez os nomes como referência, todos eles, fazem uma espécie de alerta a alguma situação, um ponto que desejam evidenciar. Como: não se importar com o que está acontecendo; informar que já avisou sobre algo; que algo foi vontade do carreiro ou de alguém; ou apenas, dizer que alguém está com uma ideia errada sobre algo. E quem de fato, ouvindo esses nomes, não pensaria em algo ou, pelo menos, não esboçaria um sorriso?

Nesse sentido, “[...] o humor consiste exatamente numa ironia em que o objeto é o próprio eu que enuncia, ou a ele se refere. [...]” (DUARTE, 1994, p. 66). O nome frásico, portanto, reúne uma mensagem que pode ser particular para muitos carreiros, em relação a ele e aos, ou com seus animais. Mas, simultaneamente, busca passar uma mensagem para os outros. Um jogo de palavras repleto de significados.

No mesmo caminho, esses significados são um campo aberto, é uma brincadeira, mas, que ao mesmo tempo, pode trazer uma mensagem mais séria e que permite também certa jocosidade por, às vezes, expor um sentimento ruim que pode ser revelado a partir, por exemplo, da qualidade dos animais que possui. Os nomes e seus significados,

[...] parecem não identificar necessariamente, uma interação ou um interlocutor. No entanto, esses jogos de palavras e brincadeiras estão marcando os papéis dos personagens presentes, podendo suscitar o início de uma interlocução, em que o tom de piada e deboche autoriza a liberdade na relação com o outro que distanciamos pela hierarquia dos papéis sociais. [...] (VEDANA⁵⁹, 2004, p. 106)

Isso implica considerar que expressa uma forma de sociabilidade quando estabelece comunicação entre os carreiros entre si e com os grupos sociais com que se relaciona, busca por intermédio de uma brincadeira evidenciada pela criação de um nome criativo que busca passar uma mensagem, chamar atenção para algo. Como relatou o Sr. Florinaldo Silva, carreiro experiente: “Sempre eles colocam os nomes, às

⁵⁹ Professora Adjunta no Departamento de Antropologia e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

vezes é de *pique* ou resposta a outras pessoas que falam mal dos outros.”. (Informação verbal)⁶⁰.

E como *pique*, é preciso considerar que se trata de um jogo de palavras com certa provocação, algo que pode estar direcionado a uma situação ou mesmo a uma pessoa, um desafio. Estratégia muito comum entre os cantadores de *bumba meu boi*, como descrevem Filho e Oliveira (2019, p. 470) “[...] toadas de *pique* que consistem num duelo de um cantador falar mal do outro (ridicularizar). [...]”. Supomos que o termo aparece por conta do conhecimento do S. Florinaldo Silva, basta lembrar que ele e sua família são os responsáveis pelo *Bumba Meu Boi Brilho da Areia Branca*. Possivelmente por isso, o conhecimento de causa. Não obstante, na seara dos *carreiros*, os nomes dos animais também apresentam esse tom mais provocativo, que aponta algo, um recado.

Na Antropologia) existe um consolidado aprofundamento sobre metáforas. Uma delas, em uma análise sobre pontos de vista, metáforas e ironias e as transformações na imaginação sociológica, em um dos trechos afirma que “[...] As metáforas, via suspensão do olhar ordinário, permitem ver várias coisas de maneira nova ou diferente. Ela evoca a multiplicidade de “verdades” do que é feito no universo dos sentidos [...]”. (GERMANO⁶¹, 2001, p. 33).

Múltiplas versões podem ser percebidas nos nomes, como, nestes outros exemplos: “Não-é-o-que-tu-pensa”, “Assim-que-eu-faço”, “Vê-se-é-bom”, “Tá-no-lugar”, “Não-me-esquece”, “Deixa-dizer”. Em todos ou alguns deles o contexto seria uma interrogação, uma afirmação ou negação? Pretende dizer uma verdade ou dissimular uma mentira? Quais os sentidos que podemos observar nos nomes frásicos tão específicos?

Ao mesmo tempo, essa indefinição causa um riso, ironiza com a mensagem e com quem a recebe que uma forma de concepção do real: “[...] que ele é inventado (e não dado a consciência), múltiplo (que não há sentidos “melhores” ou “mais verdadeiros” que os outros) e que não está sujeito à imitação pela consciência (que o literário - ou o científico - não é mimese do real).” (GERMANO, 2001, p. 34).

⁶⁰ Informação fornecida pelo Sr. Florinaldo Silva, em agosto de 2020.

⁶¹ Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (1985), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1995) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (2001). Atualmente é Professora Titular do Departamento de Psicologia da UFC, atuando no Programa de Pós-Graduação e na Graduação em Psicologia. Informações do seu Currículo Lattes.

Nesse aspecto, o carreiro tem a liberdade de expressar, a partir da própria vivência, essa mesma verdade que não tem certo compromisso com o real, com o que é único ou factual, que, ao mesmo tempo, reflete questões muito particulares, muito pessoais. O que dizer de um boi chamado: Deixa-o-nome. O que pretende afirmar? É uma afirmação? Deixar um nome, é no sentido de um animal com um bom desempenho? Será que a repetição do nome é para fazer com que o boi execute seu trabalho cada vez melhor? Ou porque é um animal de porte esteticamente muito vistoso?

Enfim, como é possível perceber, os caminhos são muitos, assim como os significados. Ainda sobre a ironia - seu campo de interesse e pesquisa - a professora doutora Lélia Pereira Duarte (1994, p. 55), enfatiza que “[...] a ironia “expressa” muito mais do que diz [...]”. Como explicitado nos casos outrora vistos. Sempre o nome desses animais pretendem dizer algo a mais do que aparentam nesse jogo inteligente de metáforas, ironia e humor.

Este último, talvez seja uma espécie de amálgama de tudo o que foi analisado até então, o humor, sobretudo considerando que a ironia, metáfora e humor são quase que inseparáveis. Nas palavras de Duarte (1994, p. 66), “[...] o humor consiste exatamente numa ironia em que o objeto é o próprio eu que enuncia, ou a ele se refere. [...]”. Nos casos em foco, é notória essa referência, o carreiro refere a si, ao animal e a alguma situação relacionada a ambos. E tudo sintetizado em um nome com duas ou três palavras.

Por fim,

[...] tanto o humor quanto a ironia constroem-se a partir de normas culturais; enquanto o humor simula ignorá-las ou afrontá-las, a ironia acata-as e as observa. O humor exhibe sua intenção de produzir incongruências, fingindo ser capaz de opor-se às normas interiorizadas pelo sujeito que as produz e que sabe capturado pela linguagem. (...) Estudar o humor (...) é observar as manifestações concretas de um pensamento particular que joga conscientemente com convenções sociais e estéticas. (DUARTE, 1994, p. 73)

Permitindo-me fazer uma analogia, talvez arriscada e sem fugir ao exercício de análise. A festa apresenta grande aproximação com a forma de como dos nomes dos bois são criados. Nos dois casos, misturam sentidos, reúnem e, ao mesmo tempo, podem repelir. Mediam, muitas vezes opostos e podem apresentar um contexto e representando outra como plano de fundo. É possível compreender ainda que a forma como são elaborados seja parte do arcabouço de saberes relativos aos carreiros.

Em definitivo, os nomes dados aos animais que podem ser os convencionais, assim como, os que representam algo mais seguem dentro do mesmo arcabouço relacional. São afetos, significados e representações desses indivíduos com seus companheiros de trabalho, quase entes familiares, ou simplesmente, bois que puxam os carros. Muito mais que o resultado do nome elaborado, os caminhos para se chegar até eles, guarda muito de cada carreiro.

4.4 Adoma (doma) ou adestramento

Foi possível perceber no decorrer da pesquisa que o adestramento ou *adoma*⁶², é uma questão relevante para o carreiro. É um dos critérios de distinção entre eles, embora, ao mesmo tempo, não seja percebido uma hierarquização. E nesse ponto, pode-se identificar a possibilidade de ratificar certo prestígio (LEAL, 2015) no sentido de possuir animais de excelente qualidade.

Sempre durante os encontros ouvia brincadeiras dos carreiros e pessoas que também participavam sobre o quando um deles tinha ou não os animais mansos, ou bem treinados. Onde se propunham a ensinar aquele, que de alguma forma, demonstrou alguma imperícia nesse quesito. Ser conhecedor, dominar os saberes e fazeres deste ofício parece ser muito importante.

O que foi observado por Lima (2015) em sua dissertação sobre a doma de cavalos nos pampas gaúchos e que apresenta algumas proximidades com a *adoma* realizada pelos carreiros aqui pesquisados no que se refere a relação com os animais. Embora também uma dessemelhança basilar em que o carreiro se alia a outros no processo de *adoma*, no exemplo gaúcho o domador é um especialista, porém não é dono dos animais, é contratado especificamente para esse trabalho, diferente do carreiro que acumula também essa função.

E sobre esse processo de adestramento, é possível considerar alguma aproximação.

Este ofício é um saber fazer e modo de fazer que é praticado pelo *domador* concebido como um artífice que possui a habilidade das diferentes técnicas de montar cavalos para as práticas relacionadas ao trabalho que envolvem a pecuária extensiva. O saber e modo de fazer da doma é constituído de

⁶² Termo aparece no diálogo realizado com S. Florinaldo Silva, carreiro da Comunidade da Areia Branca e responsável pelo boi Brilho da Areia Branca.

diferentes momentos em que se acionam a utilização de determinados artefatos, estabelecendo uma interação em que o cavalo e o humano aprendem formas de comunicação. (Lima, 2015, p.6)

Essa rápida explicação das atividades do domador permite fazer algumas considerações. O primeiro é o saber/fazer. Os carreiros, embora cada vez mais fortalecidos quanto à importância da sua atividade e, se pode acrescentar algum incremento nesse sentido com a realização do encontro, detêm um grande rol⁶³ de conhecimentos, são de fatos seus detentores que na ausência destes não permite exercer essa atividade. Carrear é uma atividade que demanda tempo e aprendizado, feito em geral a partir da observação e da prática de outros que já dominam as técnicas necessárias para a execução do ofício.

O outro ponto que Lima (2015) sinaliza são as formas de comunicação estabelecidas entre o humano e os animais ou não humanos, afastando a ideia de uma separação nessa interação. E aqui se apresenta uma distinção entre os dois casos, embora, de todo modo, relações sejam estabelecidas em gradações diversas. Para os carreiros que preferem *adomar* animais jovens, como já descrito, implica em um trabalho mais demorado, em que essa relação inicia ainda pelo manejo com os animais e depois chega ao estágio de ensinar o animal entrar ou sair do carro vai sendo erigida, cotidianamente. Para os que preferem animais com mais tempo de vida, no período de *adoma*, cabe então todo esforço para repassar comando iniciais até adquirem confiança um no outro. E no caso dos domadores gaúchos, as relações estão circunscritas à tarefa de fazer com que o cavalo aprenda os comandos necessários ou aceite a sela e os outros equipamentos.

Ao que parece, ao cuidar dos animais mais jovens já se estabelece, ou pelo menos inicia, uma relação que ainda não está diretamente ligada ao processo de *adoma*, como nos casos dos animais mais velhos. Talvez esse período seja a chave explicativa para o estabelecimento de uma relação mais afetiva entre o carreiro e os animais. O que também não pode excluir essa possibilidade com os animais mais próximos da idade adulta. De toda forma essa relação vai sendo construída.

E, independentemente do tempo de vida dos bois, outro ponto-chave no trabalho de Lima (2015, p. 7) é a percepção de que além das relações afetivas que aparecem, há também

⁶³ Alimentação adequada, higiene, técnicas para carrear, *adoma*, manutenção do carro de boi, etc.

[...] uma troca de ensino-aprendizagem em que o domador ensina o cavalo ao passo que o cavalo ensina o domador, ou seja, no cotidiano da interação com diferentes cavalos, o domador desenvolve a habilidade de execução das técnicas, experienciando diferentes maneiras de praticar a doma. [...]

O animal, nesses termos, é um agente, assim como seu dono e essas trocas, inclusive de comunicação. Fazendo uma simplificação, o domador, de fato, se torna um quando consegue adestrar o primeiro cavalo. O que se aplica ao carreiro, embora que com mais tempo e trabalho. O carreiro se tornará carreiro, quando efetivamente tiver o carro de boi, souber *adomar* seus animais e conseguir trabalhar com o carro de boi. Uma troca no sentido em que os bois, adestrados para puxar o carro, formam e são formados pelo carreiro e vice-versa.

E por conta desse processo, alguns carreiros afirmam que os bois reconhecem a voz do seu dono. Particularidade também destacada por Carneiro-da-Cunha (2018, p. 118): “[...] Como se percebe, em alguns casos o aboio pode significar uma forma de comunicação entre o vaqueiro e o rebanho sob sua vigília, mas nem por isso pode ser negligenciado, pois interfere de volta nas suas origens, numa via de mão dupla.”. E complementa: “[...] Os animais, em contrapartida, "respondem" aos vaqueiros através de seus chocalhos, sendo seus sons reconhecidos facilmente por eles.

O que é reiterado por Edson Garcia e sua experiência como carreiro: “[...] Eles sentem a gente, quando eles já estão domesticados você manda ele entrar no carro, ele entra, manda sair, ele sai. Entendeu? [...]” e ratifica, “[...] Você monta no carro e manda ele virar, ele vira. Vira pra cá. Vira pra esquerda, vira pra direita, ele vira, normalmente. Entendeu? Entendem, eles acostumam, conhecem os sons. [...]” (informação verbal)⁶⁴.

Ratificando a ideia de que o aprendizado tanto entre os domadores e os cavalos, e os carreiros e os bois é uma troca em que os dois vão se formando, cada grupo em suas especificidades. Por exemplo, no caso gaúcho a relação de afeto estabelecida se restringe ao processo de doma, ao passo que com os carreiros, essa relação é muito mais longa e o processo de *adoma* é apenas uma das etapas. Têm-se, portanto, uma troca, um processo de aprendizado e também de confiança.

⁶⁴ Informação verbal fornecida pelo Sr. Edson Garcia, em março de 2021.

4.5 Carro de Boi, um Investimento

Em toda inflexão que possa fazer sobre o carro de boi, existe outra questão muito importante, a financeira. Com efeito, os animais têm o valor e o carro de boi idem. Pode se acrescentar os cuidados com a saúde, alimentação e adestramento, reunidas em tarefas diárias por longos períodos, tendo em vista que adestrar um animal é um processo que leva tempo e muito trabalho e recursos.

Em conversa com S. Florinaldo Silva, perguntei sobre o valor de um boi e obtive a seguinte resposta: “[...] Têm pessoas que compram adulto e outros gostam de comprar pequenos. Valor do adulto é de 5 a 8 mil. Valor de um pequeno é de 3 a 4 mil” (informação verbal)⁶⁵. E aqui, esses valores referem a compra dos animais sendo preciso multiplicar por dois, tendo em vista que são necessários dois bois para puxar o carro.

Mas, como já sinalizado, não encerra a questão dos animais. É preciso ter o carro de boi para completar, o que implica em outro investimento, a contratação para um mestre que faz carro de boi, e, mais uma vez, em diálogo com S. Florinaldo Silva, ele explica o andamento: comprar o carro pronto ou em partes.

Se caso não queira comprar um carro logo fabricado, você vai ter que comprar as peças principais do rodeio de um carro de boi, primeiro uma peça central chamada de Meião que fica localizado no meio da roda, segunda outra peça chamada de Sub-meião, terceira peça chamada de lua e meia lua, relhas e uma peça de ferro para fazer uma argola que prende as peças do rodeio e peça de madeira chamada de eixo que fixas as duas rodas. (...) 8 mil, ficou difícil de encontrar os materiais, mas se encontra alguns carros de segunda mão no valor de 3 a 5 mil. (Informação verbal)⁶⁶

E complementa: “8 mil, ficou difícil de encontrar os materiais, mas se encontra alguns carros de segunda mão no valor de 3 a 5 mil”, com explicou S. Florinaldo Silva. Já no Inventário Cultural de Cururupu é apresentada outra alusão ao preço de um carro de boi e quanto tempo pode demorar para ficar pronto: “[...] Tempo de construção do “Carro de Boi”: 20 (vinte) dias por conta de trabalhar sozinho (6.000,00, mas depende do tamanho).” (SANTOS e LEITE, 2020, p. 93).

Em reportagem veiculada no YouTube para o programa Globo Repórter, há um trecho em que José Raimundo pergunta a um marceneiro que fabrica carros de boi sobre quanto custa para produzir. Em resposta, Sr. Hidelfonso Luís de Almeida

⁶⁵ Informação fornecida pelo Sr. Florinaldo Silva, em agosto de 2020.

⁶⁶ Informação fornecida pelo Sr. Florinaldo Silva, em agosto de 2020.

(marceneiro) responde: “Carro de boi agora tá uns três mil [...]”, e explica complementando sua resposta: “[...] sem os bois [...]”. (Informação verbal)⁶⁷

Como demonstrado, para adquirir um carro de boi é necessário um investimento importante, entretanto, analisando os relatos formais utilizados neste estudo ou nas conversas com carreiros e pessoas do mesmo grupo social, não é suficiente para explicar a relação dos carreiros com os animais. Não recordei em nenhuma oportunidade algum carreiro fazendo alguma referência ao valor pago para a aquisição do carro de boi.

É ponto pacífico que entre os carreiros e seus animais existe uma relação particular, entretanto há uma contradição. Os carreiros preferem trabalhar com raças bovinas visivelmente mais vistosas e de maior porte. Deixando de lado a raça “pé duro” - assim chamada localmente – que, em geral são animais de porte menor, mais resistente a doenças e mais fortes, mas que não chamam tanto a atenção, são preteridos pelos carreiros.

A partir do momento que foi efetivado o evento do carro de boi, o carreiro, ele vai comprar o animal, e ele já quer escolher pela fase, vamos dizer assim, do *comprimento* do animal e da engorda dele. E você vê que hoje é aquela disputa de quem tem o boi maior, quem tem o boi mais gordo, quem tem o boi mais bem tratado. Entendeu? Então criou um investimento seríssimo. Na época, o que a gente queria saber era de ter esse animal. Então quem levar pro local, lá pros campos (...) naquela época a gente gostava mais do pé duro⁶⁸, que a gente chamava, que é aquele que não crescia tanto mas tinha força. Hoje a raça tá quase extinguida no interior, porque o pessoal agora só quer Nelore, é não sei, não sei mais quem, é boi grande de crescimento e de engorda. (Informação verbal)⁶⁹

Esse depoimento refere, portanto, que a força, no que tange capacidade de os animais fazerem melhor o seu trabalho, agora é menos importante. A estética do animal, ou seja, sua capacidade de engorda e crescimento é o que interessa ao carreiro e, por consequência, ter animais mais fortes e maiores. A aparência passou a regular a preferência dos animais, o que é um direito. Entretanto, até que ponto isso direciona a atividade de carrear?

⁶⁷ Informação cedida ao repórter José Rodrigues, em setembro 2019. (Vide: (RODRIGUES, 2019).

⁶⁸ O gado Pé-Duro constitui recurso genético de grande importância a ser preservado, apresentando elevada rusticidade, com capacidade de produtividade sob condições consideradas críticas para sobrevivência. Além da rusticidade, prolificidade e habilidade materna, características altamente desejáveis, apresenta ainda carne de melhor qualidade, com grau de maciez superior ao dos gado Zebu. Acesso em: 28/05/2022. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/958979/origem-formacao-e-conservacao-do-gado-pe-duro-o-bovino-do-nordeste-brasileiro>.

⁶⁹ Informação verbal fornecida pelo Sr. Edson Garcia, em março de 2021.

Essa predileção por animais com características específicas, por determinada raça, em alguma medida, aparece na tese de doutoramento de Natacha Simei Leal, que pesquisou o gado de elite brasileiro em Taubaté, em seus termos, a meca da produção desse tipo de animal no Brasil e no mundo. É claro que, no caso mineiro, os investimentos em pesquisa genética e o controle das principais reses ficam restritos às famílias que dominam os conhecimentos no assunto, mantendo-se também enquanto elite.

Neste estudo, chamou atenção dois pontos: o primeiro orbita no, assim chamado, *idioma bovino* (Evans-Pritchard, 1978) e que é apresentado quando é escrito que “[...] aprender o idioma bovino compartilhado por criadores, técnicos, leiloeiros, jurados de animais, veterinários e zootecnistas, com quem conversei ao longo da pesquisa [...]” (LEAL, 2015, p. 14). Nos ajudaria nessa busca outro trecho:

Esse idioma é essencial para se conhecer genealogias, identificar os méritos de vacas “doadoras” e touro “raçadores”, pensar os efeitos do uso de biotecnologias, justificar os preços milionários por quais espécimes são vendidos em leilões e também fundamental para se perceber as qualidades dos selecionadores destes bovinos. (LEAL, 2015, p. 14).

Isto nos leva a uma interrogação: qual o idioma bovino compartilhado pelos carreiros? É restrito aos carreiros? Embora em escalas (econômica, tecnológica e social) diametralmente distintas, é possível considerar o idioma bovino, observado não por valores financeiros, mas pelo afeto dispensado a estes animais e pelo lugar que os bois ocupam na vida desses homens?

Ao mesmo tempo, esse idioma é falado e entendido pelos moradores da sede do município, pelas comunidades, pelas várias instâncias da gestão municipal, atraindo a atenção de agentes públicos de fora. Incorporando valores e sentidos também: culturais, no campo dos saberes e fazeres, social e financeiro.

Como já demonstrado, a aquisição de um carro de boi completo exige um investimento financeiro importante, o que o torna mais interessante, considerando que não é um empreendimento para produção de algum tipo de renda direta, ainda que esteja nesse contexto. É adquirido para satisfazer as demandas de transporte e pessoal. Divergindo do caso em referência em que todo o suntuoso investimento vai retornar multiplicado. Encerrando esses idiomas bovinos, existe um comum que é o que relaciona humanos e não humanos, como visto nas mais diversas formas.

Outra proposta de análise sobre a relação particular dos carreiros com os seus bois, trata especificamente sobre a reputação do carreiro e a qualidade destes quanto aos seus conhecimentos no ofício, assim como dos animais, não só esteticamente, mas o quão são bem *adomados*. Ressalto que o observado sobre reputação, em nada tem a ver com algum tipo de moral. Trata-se de sua reputação profissional, sobre o quanto conhece o ofício de carrear, muito mais sobre a qualidade do seu trabalho, do que sobre sua ética. Como destacado em Leal (2015) em sua pesquisa sobre gado de elite:

Nos leilões, em meio à fartura de comida e bebida, da empolgação de leiloeiros e “pisteiros”, da exibição das fazendas, das luzes e da música da “pista” e, evidentemente, do gado, são produzidas relações bovinas e humanas. A política dos leilões enreda relações - de parentesco, reciprocidade, “conveniência” e amizade - que concomitantemente ultrapassam estes cenários de compras e vendas, os produzem e ainda fazem o valor dos homens e bois. (LEAL, 2015, 293)

E, nesse campo, podemos tratar duas questões: a primeira, embora já tenhamos tratado com mais profundidade, os leilões de gado de elite também são uma festa, embora com a finalidade principal de atrair compradores e investidores. Um negócio onde tudo é pensado para que o resultado seja alcançado. De fato, os animais são o principal, entretanto, um produto comercial, para além de qualquer outra possibilidade.

A segunda, perpassa pelas relações construídas a partir, também, dos bois. Inicia pelas famílias que concentram as principais matrizes⁷⁰ sobre um controle rigoroso desses animais, aumentando seu valor de mercado, enquanto formam uma espécie de aristocracia fechada a partir desses mesmos animais. Razão pela qual poucos indivíduos controlam e detêm o respeito e os conhecimentos específicos sobre o negócio que inclui não só ser um bom negociador, mas sobre os próprios animais.

Assim como no exemplo dado, é notório entre os carreiros que as relações de parentesco também estão presentes. A princípio quando são inseridos muitos jovens nas atividades relacionadas ao manejo desses animais por seus pais, tios ou parentes próximos. O que se tornando mais efetivo, a partir do momento em que é percebido o gosto pela atividade e passa a conhecer a prática de carrear e de adestramento e escolha dos animais. Como é possível observar, muito diferente das relações de parentesco referido ao estudo sobre gado de elite (LEAL, 2015).

⁷⁰ Animais que são reprodutores de sêmen e procriadoras.

Outra diferença que pode ser destacada é sobre a reciprocidade no mesmo compêndio. Se ela aparece para as famílias de elite, enquanto esforço para se manterem nessa condição especial. Para os carreiros ela se dá, por exemplo, no transporte de uma carga para outro carreiro, em dias de trabalho trocado nas roças, ou mesmo, no processo de adestramento, em que a ajuda mútua é uma prática. E, mesmo durante o encontro, em que sobre qualquer hipótese, demonstram franca solidariedade para ajudar ou ensinar.

De certo que, se para os donos do gado de elite, as relações são pautadas pelas grandes cifras, inclusive a própria reputação e se protegem em função disso. Os carreiros não se pautam pelo valor do investimento que fazem nos animais ou no carro de boi. Ao contrário, estabelecem relações a partir dos laços familiares e comunitários e, em particular, com os animais. Estes, por sua vez, ganhando certa humanidade, quando são descritos como filhos ou companheiros de trabalho. Relações que mereceram esta análise mais aprofundada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das questões iniciais que orientaram esta pesquisa, apresentamos os resultados alcançados considerando as hipóteses que nortearam toda a pesquisa. Dentro do que foi discutido, entendemos que a ideia inicial do Encontro, mesmo que não tenha surgido a partir das necessidades efetivas dos carreiros, foi amplamente encampada por eles, fortalecendo e assumindo o destaque e o centro da programação. O que é confirmado pela mobilização e participação destes. Passaram a ser os donos da festa, ainda que não deliberaram mais profundamente sobre muitos pontos.

Ainda no quesito participação, é importante destacar a cooperação entre os carreiros, as comunidades e o poder público local, que mesmo com os conflitos ocasionados pela necessidade de manutenção sobre o controle do Encontro, trabalharam e conseguiram realizar, até 2019, onze edições ininterruptas, colaborando nesse processo de reversão de estigmas e restrições.

Podemos considerar também que o Encontro de Carros de Boi, nesse processo de reinvenção da tradição, conseguiu se firmar, ressignificando o lugar de carro de boi como ultrapassado, ainda que, ao mesmo tempo, fosse considerado histórico, mas, como uma relíquia de museu do algo que pudesse ser contemporâneo. Passando a ser considerado referência cultural ativa, ao lado do Bumba Boi Sotaque Costa de Mão e do Tambor de Crioula. Uma espécie de híbrido, é meio de transporte necessário no trabalho do lavrador e também se tornou um dos ícones da cultura local e da região.

Em várias situações durante este trabalho de pesquisa, foi mencionado como o carro de boi era visto como ultrapassado, de sujarem a cidade com as fezes dos animais, responsabilizado por quebrar o asfalto por onde passa e com grande possibilidade de causar acidentes. Mas, como os carreiros ensinam: “[...] só quebra se andar na beira da estrada, se andar no meio da pista nada acontece [...]”. De todo modo, há o perigo dos acidentes de trânsito com carros e motos.

Um meio de transporte que supri as necessidades de seus donos no ir e vir para a roça, desempenhando o papel de uma importante ferramenta de trabalho. E que também não é possível deixar de lado a relação de afeto dos carreiros com seus animais. Não só pelas demonstrações que observadas, acrescentando as externadas

na maneira como constroem os nomes bois, sempre com mensagens e significados implícitos.

Outro ponto que merece destaque é o reconhecimento do carreiro e do marceneiro que constrói o carro de boi como detentores de saberes e fazeres muito específicos por parte da comunidade local, demonstrado nos números de pessoas que comparecem ao desfile, tanto na praça quanto durante o percurso. Na repetição do Encontro, em função do empenho das comunidades e suas lideranças, com destaque as comunidades da Areia Branca. E ainda em questões mais pragmáticas como a pintura dos carros de boi na rodoviária ou a resposta positiva de emissoras de televisão em noticiar o Encontro. Tudo isso dialogando com a necessidade de que essas atividades que precisam passar a ser consideradas ofício, uma discussão necessária e que precisa ser iniciada.

As relações entre os carreiros, embora não esteja restrita a esse grupo: troca de dias de trabalho, compartilhamento de ensinamentos e ajuda nas tarefas inerentes ao carro de boi (por exemplo, ajudar no processo de adestramento) ou na transmissão de conhecimentos para o jovem ou interessado em aprender o ofício, mesmo não sendo uma relação direta ensino-aprendizagem ou professor-aluno. É uma forma de transmissão dos conhecimentos passados de forma parecida. Uma atividade/ocupação para aquele jovem que demonstra algum interesse e habilidade na lida com os animais e a partir disso os ensinamentos vão sendo transmitidos.

E em relação aos conhecimentos necessários para exercer esse ofício, ressalto os saberes e fazeres necessários para o manejo e adestramento dos animais, considerando as necessidades diárias e específicas por serem animais que não são, a princípio, dedicados para o abate, mas para uma atividade de força, com alimentação, higiene e limpeza adequadas.

No que tange às dinâmicas, sociais, econômicas e ritualísticas do Encontro, como foi possível apreender, os dilemas e os conflitos não são externos, não há uma grande empresa a impor pela força financeira e política, não existe uma luta por limites, territórios ou a proibição efetiva de uma atividade. Existem tensões pelo controle interno, contudo muito mais pela manutenção de quem já está no controle da festa. Não há, por exemplo, alternância na organização do encontro. Isso nunca foi sequer considerado.

Outra constatação é que durante os períodos de observação, análise e escrita desse texto, no que diz respeito à mobilização dos carreiros e ainda nos aspectos do comando do evento, não existe um grupo de carreiros que defenda suas próprias questões, uma associação de carreiros de Cururupu ou de outra comunidade, por exemplo. A referência para o carreiro, analisando politicamente, são as comunidades. O carreiro se identifica a partir do local em que vive, seja com a família, a comunidade que nasceu, etc.

De todo modo, ainda no campo da mobilização, nunca houve uma faixa, por exemplo, pedindo que os carreiros pudessem circular por onde quisessem. Houve mobilização para a realização do encontro, de problemas pontuais, como o roubo de cabeças de gado e para chamar atenção do carro de boi, não só como meio de transporte, mas importante referência cultural.

Por último, uma relação com o próprio território e consigo mesmo. O primeiro, tratava efetivamente dessa mudança que vai acontecendo, em que o carreiro passa a ser um agente cultural e detentor de conhecimentos ao invés de um insistente trabalhador rural que não abandona o carro de boi. E consigo mesmo, quando passa a se perceber como agente importante, especialmente quando passa a ser objeto principal de um encontro para homenageá-lo.

Entrando âmbito dos rituais descritos, logo nos primeiros parágrafos desta pesquisa afirmo que o Encontro de Carros de Boi é uma festa. Agora, no final, apesar da afirmação não deixar dúvidas, reitero esse posicionamento porque foi assim que o conheci. Fui convidado a participar da “festa do carro de boi de Cururupu” sem nem ao menos saber para que lado ficava o município. Carro de boi conhecia da televisão, de reportagens em um programa semanal que se ocupa até hoje de temas relativos ao homem do campo.

De todas as perspectivas de análise que poderia utilizar, a dimensão política, cultural ou econômica, todas contribuíram nessa caminhada. Mas uma perspectiva, um direcionamento atravessa todas elas. As sociabilidades, em suas várias apresentações, perpassam e engendram, costuram e recosturam o Encontro.

Como podemos lembrar, a festa surge em um encontro de amigos/parentes em uma viagem à cidade de origem após longa data fora. Em seguida se inicia uma mobilização para convidar os carreiros e outros agentes para entenderem a proposta e participem e convidem outros carreiros. Temos então o início de uma reflexão para

que o próprio carreiro passe a se enxergar de outras formas, que o seu trabalho, seus saberes e fazeres ultrapassem as restrições de circulação ou, se a cidade, em nome da eficiência e da higiene, classifica o carro de boi como ultrapassado. A junção desses indivíduos a cada ano foi combatendo esse tipo de situação e pensamentos.

O que não quer dizer que foi tudo muito fácil e acordado. Mesmo as sociabilidades em várias oportunidades foram desafiadas em nome da garantia de manutenção do controle da festa, entre lideranças que insistiam em demonstrar seu poder. O que não foi suficiente para interromper o Encontro. Esse mesmo espírito aparece na missa, onde religiões se confundem, assim como sagrado e profano quando assim que ela encerra e a festa começa. Do mesmo jeito, nos locais de concentração, tanto para Rio de Pedras, como para Areia Branca, centenas de pessoas se reúnem devido a uma carroça de madeira puxada por dois bois – é claro que é uma simplificação –, mas todos confraternizam, rezam, se alimentam, bebem, dançam e socializam entre si e depois seguem em desfile até a “Praça do Santo Preto”, como mencionei: o “ápice”.

Um apogeu regado por aplausos para cada carreiro, sua comunidade e seus animais. Ainda que ele também seja pescador, lavrador, trabalhador rural, carpinteiro, marceneiro ou “fazedor” de carro de boi, não importa. As grandes carroças de madeira os trouxeram até aquele momento.

Como evitar falar em sociabilidade – a propósito, com esse tema é uma tarefa difícil – quando se precisa descrever a relação entre o carreiro e seus animais. E que aparece na relação de trabalho, melhor explicando, no companheiro de trabalho e na confiança depositada que vai dar conta de transportar tudo o que precisa, no reconhecer a voz obedecendo aos comandos, na rotina de higiene e limpeza, a *adoma*, e nos nomes, alguns tão particulares que mereceriam um estudo à parte.

Insistindo um pouco mais no campo de recupero a prestigiosa dos carreiros, das lideranças, das pessoas, das fotos roubadas e do aprendizado. Também no início da pesquisa mencionei a ideia “filho pródigo” referindo aos amigos do INC. Preciso confessar que esta dissertação é o meu retorno particular a todas essas pessoas em um texto para iguais. Gostaria de ter escrito para os carreiros, o que espero de alguma forma ter feito.

E, finalmente, encerro com uma brincadeira e homenagem a estes personagens que muito contribuí para a cultura maranhense, isso, por si, outra

novidade. Caso tivesse condições financeiras de comprar um carro de boi e me tornasse um carreiro, os nomes dos animais seriam: Muita-Luta e Não-Desiste.

REFERÊNCIAS

“COMO FAZER CITAÇÃO”. **Veja como Citar um Vídeo do YouTube no seu Trabalho Acadêmico**. Acesso em: 26/02/2022. Disponível em: <https://comofazercitacao.com.br/citar-video-do-youtube/>.

ALFREDO, Wagner Berno de Almeida. Calhambolas, quilombolas e mocambeiros: a força mobilizadora da identidade e a consciência da necessidade. In.: **Revista Eletrônica Afros e Amazônicos**, Volume 2, n.1, dez. 2010. Acesso em: 15/03/2022. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/33182271/2-libre.pdf?1394470707=&response-content-disposition=attachment%3B+filename%3DCALHAMBOLAS_QUILOMBOLAS_E_MO_CAMBEIROS_A.pdf&Expires=1658054962&Signature=bFOZoMLIOGp16Di-xmll9WbbRcPvf3ZZmAy6ODHWaryP~HBX~bLvSAqdYi1R31CA0HAE7qNgvtIHv2aTSaVf4ZY7ScyFvzn~npDDdPnL-lo92Do5q6Tkh4VC43n8H7USz828N3htmlSOse-30b23AEpapYjr~YMEmbXIsO3ILD03E-xAjj7T4Xar87VdqzF6t~UUmB-XiP1NWsHebiyspsCwrB81SqP~sPyN5W-79kMnRmhmPbOaytdjuBQzqHoRgpJwESXQDg6cPvhYehJLT~VjEjjs8TBCwyghjLza-01Rr-cRJWTUehM6HX19N179nwJlzCFAFZwhAOjmuhlGkdw_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira** - significados do festejar, no país que “não é sério”. 1998. 380 p. Tese (Doutorado em Antropologia) - Departamento de Antropologia - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998a. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21102004-134208/pt-br.php>. Acesso em: 01/01/2022.

AMARAL, Rita. As medições culturais da festa. *Revista Mediações*, Londrina, v. 3, n. 1, p. 13-22, 1988b. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjf-uek5OH2AhXGILkGHakZCa8QFnoECAMQAQ&url=http%3A%2F%2Fwww.uel.br%2Frevistas%2Fuef%2Findex.php%2Fmediacoes%2Farticle%2Fview%2F9314%2F0&uq=AOvVaw1XNaqDhXaRzSddCIOMF2cF>. Acesso em: 10/01/2022.

BACHELARD, Gaston. Discurso preliminar. In: **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. (trad.) Estela dos Santos Abreu. 5. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 7-28.

BARTH, Fredrik A. J. Os grupos étnicos e suas fronteiras. in.: **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. (trad.) John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000. Acesso em: 17/05/2022. Disponível em: <https://www.ppgcspa.uema.br/wp-content/uploads/2018/10/02-BARTH-F.-O-guru-o-iniciador-e-outras-varia%C3%A7%C3%B5es-antropol%C3%B3gicas.-25-67.pdf>.

BERREMAN, Gerald D. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In: ZALUAR, Alba. *Devendo máscaras sociais*. Francisco Alves Editora. Rio de Janeiro. 1975.

BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: *O Poder Simbólico*. (trad.) Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 17-58.

CAILLOIS, Roger. **O sagrado de transgressão: Teoria da festa. Outra travessia** 19. 2015 Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2015n19p15/3094>. Acesso em: 14/03/2022

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010. 335 p. Acesso em: 10/01/2022. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/452097/mod_resource/content/1/ANTONIO_CANDIDO--OS_PARCEIROS_DO_RIO_BONITO.pdf.

CARNEIRO-DA-CUNHA, Maximiliano; LOPES, Andiara Valentina de Freitas. Uma Relação entre Vaqueiros e seus Animais no Sertão Pernambucano. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 51, 16 jul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/10704>. Acesso em: 14/02/2022.

CARVALHO, Jeibel Márcio Pires. “**Dos terreiros para a escola, da escola para os terreiros**” problematizando as relações entre instituições escolares e religiões afro-brasileiras a partir de Cururupu/MA. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de História - Universidade Estadual do Maranhão, São Luís. 2019. Disponível em: <http://docplayer.com.br/165221070-Universidade-estadual-do-maranhao-pro-reitoria-de-pesquisa-e-pos-graduacao-programa-de-pos-graduacao-em-historia-jeibel-marcio-pires-carvalho.html>. Acesso em: 15/12/2022

CAVALCANTI, Bruno César. Novos lugares da festa - tradições e mercados. In: **Revista Observatório Itaú Cultural**. n. 14. São Paulo: Itaú Cultural, 2013. p. 10-20. Acesso em: 17/02/2022. Disponível em: https://issuu.com/itaucultural/docs/revista_observatorio_14.

CHAVES, Pedro Borges. Repórter Mirante. (dezembro 2017). Entrevistadora: Regina Souza. Cururupu. 2017. 1 arquivo. mp4. (21 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. (org. José Reginaldo Santos Gonçalves). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. p. 17-62. Acesso em: 09/01/2022. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861905/mod_resource/content/1/A%20Experi%C3%Aancia%20Etnogr%C3%A1fica_Antropologia%20e%20Leitura%20no%20S%C3%A9c.%20XX_Sobre%20a%20Autoridade%20Etnogr%C3%A1fica%20-%20James%20Clifford.pdf.

Como fazer referência do Whatsapp? Disponível em: <https://www.normasabnt.org/referencia-do-whatsapp/>. Acesso em: 10/04/2022.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco. 1997.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues. **Boletim do Museu Nacional: Antropologia**, n. 27, maio de 1978. P.1-12. Acesso em: 26/09/2021. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/936>

DUARTE, Lélia Maria Parreira. Ironia, humor e fingimento literário. **Cadernos de Pesquisa do NAPq - FALE/UFMG**, Belo Horizonte - MG, v. 15, p. 54-77, 1994.

Acesso em: 10/10/2021. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cadernos_pesquisa/article/download/11451/9914.

DUVIGNAUD, Jean. Comentário. In: Festas e civilizações. Rio de Janeiro: Editora: Tempo Brasileira. 1983. p. 35-83

ELIAS, Norbert. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Zahar, 2000.

EVANS-PRITCHARD, E. E. Os Nuer - Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. (Trad.) Ana M. Goldberger Coelho. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva. 2013. 278 p.

FERREIRA, Felipe. Festejando..In: **Revista Observatório Itaú Cultural**. n. 14. São Paulo: Itaú Cultural, 2013, p. 51-70. Acesso em: 17/02/2022. Disponível em: https://issuu.com/itaucultural/docs/revista_observatorio_14.

FERREIRA, Giovana Callado; KLUG, João. A mandioca e os carros de boi: ruralidades de uma Ilha ao Sul do Brasil. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, Florianópolis, n.23, p. 180-197, 2014. Acesso em: 21/03/2022. Disponível em: <https://periodicos.ufs.edu.br/index.php/FRCH/article/view/8115/5284>.

FILHO, M. N.R. S.; OLIVEIRA, K. P. B. Entre fofocas, boatos e burburinhos no bumba meu boi: os efeitos no sentido da fofoca/boato nas toadas de pique do bumba boi sotaque de matraca. **Miguilim - Revista Eletrônica do Netlli**. v. 8, n. 2, p, 468-480. 2019. Acesso em: 15/05/2022. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/1838>

GAIOSO, Arydimar Vasconcelos. **Tempo de cabaça: etnografia da história social de uma comunidade quilombola – MA**. 2014. 267 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

GARCIA, Edson. **Entrevista I**. [março 2021]. Entrevistador: Edilson de Jesus Sá. São Luís, 2021. 1 arquivo. mp3 (35 min). A entrevista transcrita na íntegra se encontra no Apêndice desta dissertação.

GEERTZ, Clifford. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa. In: A interpretação das culturas. 1 ed. [Reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC, 2012. p. 185-213.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: A interpretação das culturas. 1 ed. [Reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC, 2012. p. 3-21.

GERMANO, Idilva Maria Pires. Pontos de vista, metáforas, ironias e as transformações sociológicas. **Revista de Psicologia**. Fortaleza, v. 19, p. 29-35, jan./dez. 2001. Acesso em: 01/06/2022. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/11229>

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia Moderna. In: BIANCO, Bela Feldman (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas - organização e introdução**. São Paulo. Global Universitária. 1987. p. 227-345.

GOFFMAN, Erving. Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução: Mathias Lambert. 2004. Acesso em: 10/01/2022. Disponível em: <http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201702/20170214-114707-001.pdf>.

HOBSBAWN, Eric.; RANGER, T. (org.). A Invenção das Tradições. Celina Cardim Cavalcante (trad.). 6 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra. 2008. Acesso em: 12/12/2021. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4504477/mod_resource/content/1/HOBSBAWM%2C%20E.%20Inven%C3%A7%C3%A3o%20das%20tradi%C3%A7%C3%B5es.%20Introdu%C3%A7%C3%A3o.pdf.

KECK, Frederick. **As relações homens/animais em Lévi-Strauss**. Revista de Antropologia da UFSCAR - R@U, 7 (1), jan./jun. 2015: 97-107. Disponível em: <http://www.rau.ufscar.br/?p=673>. Acesso em: 01/02/2022.

LANGDON, Ester. A fixação da narrativa: do mito para a poética de leitura oral. Horizontes Antropológicos. Ano 5, n. 12, p. 13-36, dez. 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71831999000300002>. Acesso em: 20/10/2010.

LARAIA, Roque Barros. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LEAL, Natacha Simei. **Nome aos bois. Zebus e zebuzeiros em uma pecuária brasileira de elite**, 2014. 320 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Acesso em: 15/01/2022. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-12052015-102330/publico/2014_NatachaSimeiLeal_VCorr.pdf.

LEAL, Natacha Simei. **Nome aos bois: Zebus e zebuzeiros em uma pecuária brasileira de elite**. 2014. 320 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014. Acesso em: 26/09/2020. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-12052015-102330/publico/2014_NatachaSimeiLeal_VCorr.pdf.

LEWGOY, Bernardo; SORDI, Caetano; PINTO, Leandra. Domesticando o Humano para uma Antropologia Moral da Proteção Animal. **Ilha Revista de Antropologia**. v. 17, n. 2 p. 75-100. 2015. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjvqujDh-f2AhVmU98KHS15BXsQFnoECAwQAQ&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufsc.br%2Findex.php%2Ffilha%2Farticle%2Fdownload%2F2175-8034.2015v17n2p75%2F31056%2F141500&usg=AOvVaw2J3afHG5_TIkKxNw9QSp_yI. Acesso em: 10/01/2022

LIMA, Daniel Vaz. **“Cada doma é um livro”: A relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio-grandese**. 2015. 146 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2015.

MAFRA, Rennan. **Entre o espetáculo, a festa e a argumentação**. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 192 p.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. (trad.) Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri. São Paulo. Abril Cultural. 1978. Acesso em: 15/01/2022. Disponível em: https://www.ppga.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/sele%C3%A7%C3%A3o%202016/Do_cfoc.com-MALINOWSKI_Argonautas-Do-Pacifico-Occidental-Os-Pensadores.pdf.pdf

MARANHÃO. **Governo apoia a 8ª Festa do ‘Carro de Boi’ de Cururupu**. São Luís, 2016. Disponível em: <https://www3.ma.gov.br/governo-apoia-a-8a-festa-do-carro-de-boi-de-cururupu/>. Acesso em: 10/01/2022.

OLIVEIRA, Ricardo Alexandre Pereira de. **CARROÇA LIVRE: uma etnografia com os carroceiros e cavalos da vila São Tomás e adjacências**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017. Acesso em 19/04/2020. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-AVRGMT/1/oliveira_ricardo_disserta_o_carro_a_livre_carroceiros_2017.pdf

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. UNESP. São Paulo, 1996. Acesso em: 10/04/2022. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1064644/mod_folder/content/0/Textos%20-%20aula%2010/OLIVEIRA%2C%20Roberto%20Cardoso%20de.%20O%20trabalho%20do%20antropologo%20%5Blivro%20completo%5D.pdf?forcedownload=1.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Os (Des)caminhos da Identidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 15, n. 42, 2000. Acesso em: 10/01/2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/YdhBGdVXmppChKMyNkKTLjh/?format=pdf&lang=p>.

OLIVEIRA, Esmael Alves de; PASSAMANI, Guilherme Rodrigues; ROSA, Marcelo Victor da; DUQUE, Tiago Duque. “Salve - se quem puder”: dilemas de estudantes das universidades federais de Mato Grosso do Sul em tempo de pandemia. **Cadernos de Campo** (São Paulo, online) | vol.29, (suplemento) , p. 65-74 | USP 2020. Acesso em 07/11/2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/169109/162328>

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. Disponível em: <https://philarchive.org/archive/BRAUBAv1>. Acesso em 20/01/2022.

Repórter Mirante: conheça a tradição dos carros de boi em Cururupu, MA. Mirante Repórter. Exibido em: 28/12/2013. Acesso em: 10/11/2021. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3045597/>

RODRIGUES, José. Cururupu Maranhão no Globo Repórter. You Tube. 14 set 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yN4P-GP488Y>. Acesso em: 02/12/2021.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática - dois paradigmas da teoria antropológica**. In. Cultura e razão prática. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2003. p. 61 - 105.

SANTOS, Saulo Ribeiro dos. **Inventário da Oferta Turística do Município de Cururupu, Maranhão** / organização, São Luís: EDUFMA, 2019. Acesso em: 10/10/2021. Disponível em:

<https://www.cururupu.ma.leg.br/institucional/historia/inventario-da-oferta-turistica-cururupu-2019-ufma.pdf>

SANTOS, Saulo Ribeiro dos; LEITE, Ângela Roberta Lucas / Organizadores. **Inventário cultural do município de Cururupu (Maranhão)** São Luís: EDUFMA, 2020.

SEGATA, Jean. Quando o animal dura mais que a estimação. **Mana** 22 (3), p. 831-856, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-49442016v22n3p831>. Acesso em: 10/01/2022.

SILVA, Cléber Cezar. Pragmática em Função Toponímica como Processo de Referenciação. **Revista ícone** - Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, Volume 17, p. 74-87, 2017. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjA04-DtZH2AhXCq5UCHTx6BBcQFnoECAQQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.revista.ueg.br%2Findex.php%2Ficone%2Farticle%2Fview%2F6505%2F4760&usq=AOvVaw02Jeibc1zzDkEC5DjALJ7f>. Acesso em: 21/02/2022..

SILVA, Florinaldo. [Diálogo sobre o carro de boi]. Whatsapp. Conversa realizada entre: 19/08/2020 e 05/04/2021.

SILVA, José Maria da. Festas e identidades na Amazônia. In: Revista Observatório Itaú Cultural. n. 14. São Paulo: Itaú Cultural, 2013, p. 101-120. Acesso em: 15/02/2022. Disponível em: https://issuu.com/itaucultural/docs/revista_observatorio_14.

SIMONARD, Pedro; JUNIOR, Walcler de Lima Mendes. O território de circulação do carro de boi alagoano em feiras, festas e oficinas: perlangas de memórias e esquecimento. **Revista franco-brasileira de geografia**. Dossiê Sergipe Alagoas: território, diversidade temporal e ambiental. Sergipe. Número 40. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/confins.20355>. Acesso em: 24/05/2022.

SOUZA, Bernardino José de. **Ciclo do Carro de Boi no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. Acesso em: 10/01/2022. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufri.br/bitstream/doc/455/1/GF%2015%20PDF%20%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>

TURNER, Víctor W. O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura. (Trad.) Nancy Campi de Castro. Petrópolis. Editora Vozes, 1974, 248 p.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, da gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. tradução de Mariano Ferreira. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2013. 184 p.

VEDANA, Viviane. **“Fazer a Feira”** estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Curso de Antropologia Social

- Universidade Federal do Rio do Grande do Sul. Porto Alegre. 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27171>. Acesso em: 01/03/2022